

Universidade de Brasília-UnB
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

***Imagens e representações
no nascimento de novas cidades:
Brasília (1958/1960),
Samambaia (1989/1993)***

**Dissertação apresentada ao
Departamento de História da
Universidade de Brasília, como
exigência para a obtenção do título
de Mestre em História.**

Aluna: Iracilda Pimentel Carvalho Cruz

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Tania Navarro Swain

BRASÍLIA- 1993

a meus filhos

meus amores

*Brasília quero fazer um poema
sobre ti mas estou sem
inspiração. TeleBrasília, que
número eu disco?*

N. Behr.

***A falta de imaginação impede
as pessoas de existirem.***

Hanna Arendt.

***Na realidade, não são palavras o que
pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou
mentiras, coisas boas ou más, importantes ou
triviais, agradáveis ou desagradáveis. A
palavra está sempre carregada de um conteúdo
ou de um sentido ideológico ou vivencial.***

Bakhtin

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação, por mais solitária que seja, não deixa de contar com o apoio indispensável de certas pessoas.

Minha gratidão especial para Tânia, minha orientadora, cuja capacidade intelectual e rigor acadêmico permitiram a renovação dos meus conhecimentos e realização deste trabalho. Por seu carinho em muitos momentos de minha vida, pela amizade construída nesta e em outra lutas, pelos desafios enfrentados;

A Fundação Educacional do Distrito Federal, pela concessão do indispensável: o tempo;

Ao CNPQ. pelo apoio financeiro;

A professora Tereza Negrão, pelo incentivo, sugestões e empréstimos de livros;

Aos funcionários do Arquivo Público do Distrito Federal, pela dedicação e atenção ao pesquisador;

Aos moradores de Samambaia, em especial aos entrevistados, que de forma gentil e carinhosa contribuíram para realização deste trabalho;

Ao Johil pelo que compartilhamos. E finalmente aos meus filhos, Glauber e Júnior, por ter suportado não só as minhas grandes ausências, como também a minha falta de paciência.

Sumário

RESUMO

RÉSUMÉ

INTRODUÇÃO.....viii

1ª PARTE

DISCURSO E IMAGINÁRIO:BRASÍLIA.....1

1. A polifonia do discurso.....2

. a reatualização mítica.....2

. discurso político.....18

. a fala do povo.....54

. a palavra da imprensa.....93

. o texto fotográfico.....109

2ª PARTE

SAMAMBAIA, UM CASO EM ESTUDO.....137

1.0 lugar e a imagem.....138

 . a emergência de uma nova cidade.....138

 . a retomada do mito?.....148

 . instantâneos.....163

 . estratégias e representações.....173

 .. mulheres e papéis sociais.....184

 .. o feminino cotidiano.....210

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....231

BIBLIOGRAFIA.....236

RESUMO

Na emergência de duas cidades, separadas no tempo e próximas espacialmente, procura-se detectar as imagens que afloram nos enunciados constitutivos de novos objetos discursivos: Brasília e Samambaia. Os discursos políticos, da imprensa, o popular são auscultados na formulação de uma rede de sentidos, da qual participam fotografias, trabalhadas enquanto textos e entrevistas, cujas indicações contribuem para a inteligibilidade destes momentos específicos. Neste imaginário social, recortado em sua singularidade, apresentam-se constelações míticas que reproduzem a busca de uma Terra Prometida, habitada por um povo predestinado, conduzido por um herói-salvador. Por outro lado, em um cenário de atualidade surge um novo sujeito político, a mulher atuante, escultora de sua realidade cotidiana.

R É S U M É

Alors que deux villes émergent, séparées dans le temps mais proches dans l'espace, on cherchera à détecter les images qui affleurent dans les énoncés constitutifs de nouveaux objets discursifs: Brasilia et Samambaia. Le discours politique, populaire, celui de la presse sont auscultés à travers un réseau de sens auquel contribuent des photos, traitées comme textes, et de témoignages permettant l'intelligibilité de ces moments spécifiques. La coupure singulière de cet imaginaire social présente des constellations mythiques qui reproduisent la quête de la Terre Promise qu'habiter un peuple prédestiné, mené par un héros-sauveur. D'un autre côté, on voit surgir, dans un scénario actuel, un nouveau sujet politique, la femme en action, que sculpte sa réalité quotidienne.

INTRODUÇÃO

Brasília surge em cerca de três anos, em nuvens de poeira que tudo envolvem em um manto vermelho ou sob chuvas torrenciais que transformam o cerrado em mar de lama. Condições de vida inóspitas, precárias, falta de transporte, muita gente, pouca higiene. No entanto, milhares de pessoas vem chegando, vem vindo de toda parte, por todos os meios, enquanto havia emprego e mesmo depois, com trabalho e moradia já escassos.

Na busca da inteligibilidade deste momento político-social e dentro de uma perspectiva histórica, que compreende um amplo espectro de temas e fontes, tentaremos trabalhar na dimensão do imaginário, um imaginário ambíguo e matizado, atuando na instituição e formulação das relações e impulsos sociais.

Não objetivamos traçar determinações "em última instância" ou definir fatores decisivos, cronológica ou hierarquicamente; procuramos, ao contrário, observar a rede, as constelações de sentido em que surge e se desenvolve o objeto discursivo Brasília e seus sujeitos-suporte, vozes oriundas de instâncias sociais diversas. Tentaremos detectar as matrizes discursivas que atravessam estes discursos, sobretudo no que se refere às tonalidades e apelos dirigidos ao imaginário social,

criando imagens que traçam um perfil para Brasília desde sua concepção.

Brasília nasce da confluência entre emoções e investimentos, apelos cívicos e míticos, correntes pró e contra, sustentados por um caudal humano que alimenta os canteiros de obra; que significações integraram estas práticas discursivas e não discursivas no nascimento de uma nova cidade?.

Por outro lado, na imbricação passado/presente, que atravessa o trabalho do historiador, um outro objeto discursivo apareceu-nos como integrando-se à problemática anterior: Samambaia, cidade-satélite, criada do nada, aparece no discurso político como uma nova Brasília que tenta a reabilitação de instâncias de apelo utilizados à época da construção de Brasília. Atualizados, entretanto estes enunciados se repetem? Em que rede de sentidos, que matrizes discursivas desenham e criam este novo objeto?

Nesta abordagem tentaremos detectar as representações e imagens que habitam os moradores desta cidade em emergência e suas estratégias cotidianas, que finalmente modelam os contornos urbano e estruturam relacionamentos. Análise do Discurso (AD) e Imaginário Social, portanto, categorias que perpassam e ordenam este trabalho, num balizamento temporal abrangendo os anos de 1958 a 1960 para o que concerne Brasília e de 1989 a 1993 em relação a Samambaia, sem que entretanto, nos preocupe o desenrolar cronológico.

Assim, a primeira parte deste trabalho, analisa os discursos sobre Brasília, perpassados pelas categorias e

perspectivas teórico-metodológicas acima apontadas, constituídos em **corpus** distintos: o discurso político, composto pela fala de Juscelino Kubitschek, Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, presidentes do Senado e Câmara e representante da Igreja, que estabelece o objeto discursivo e suas matrizes delineadoras de uma Brasília mítica; em seguida, abordaremos a fala popular enquanto receptora e produtora do discurso sobre Brasília com tonalidades e expressões singulares que esboçam o perfil de um herói-salvador ligado à cidade, num **corpus** que integra três tipos de discursos: "Piotário e pioneiros", de Natalino Cavalcante (panfleto), "Diário de um candango" de José Marques da Silva (livro), "O candango na fundação de Brasília", de Sebastião Varela (cordel). A palavra da imprensa trabalha o discurso sobre Brasília na ótica da denúncia, introduzindo novos sentidos à rede discursiva em **corpus** que compreende fragmentos discursivos de diferentes jornais; finalmente o texto fotográfico procura integrar à análise histórico-discursiva uma fonte não tradicional, com um **corpus** composto de 15 fotos de época.

Na segunda parte, a análise centra-se em Samambaia e suas condições de emergência, constitutivas do discurso político que precede sua instalação; num segundo momento o próprio discurso político dos governadores José Aparecido e Joaquim Roriz é contemplado, integrado em um **corpus** específico, que reelabora instâncias de apelo relativas à Brasília, mas aponta para outras matrizes discursivas; o discurso da imprensa também é analisado, agrupado em **corpus** que trabalha enunciados do Correio Braziliense

e Jornal de Brasília; em seguida , um corpus de 10 fotografias acrescenta seus indícios significativos à construção de sentidos e por fim tentamos apreender as representações dos moradores desta cidade, através de entrevistas junto a líderes de Associações de Moradores e moradoras comuns, configurando estratégias reivindicatórias modificadoras do espaço físico-social. Ao contrário de Brasília, Samambaia nasceu das mãos de mulheres, que receberam os lotes em seus nomes, fizeram tijolos, construíram casas e barracos, são majoritariamente dirigentes e líderes comunitárias: as entrevistas dão-nos indicadores de seu imaginário, instituinte/transformador de normas e valores.

1a parte

DISCURSO E IMAGINÁRIO : BRASÍLIA

1. A POLIFONIA DO DISCURSO.

Combinando uma simulação com uma dissimulação, o discurso é uma trapaça: ele simula ser meu para dissimular que é do outro. Assim, o discurso simula ser individual para ocultar que é social.

José Luiz Fiorine

.A reatualização mítica.

Afinal, o que impulsiona as correntes migratórias, que paixões, emoções, constroem, abrem as veredas que atraem para o desconhecido, para um destino incerto, para lugares ainda não desbravados?

A noção de imaginário social e seu corolário mítico na constituição de um momento histórico-social - no caso, a construção de Brasília -, poderia contribuir à sua inteligibilidade trabalhando elementos da Análise do Discurso, dentro de uma concepção de história que compreende representações e práticas como fatores integrados, cuja imbricação é constitutiva das formações sociais ¹.

Brasília, sem essa aura mítica que esclarece sua fundação, tornar-se-ia uma cidade qualquer; a ressemantização mítica teria auxiliado a criação de um complexo de circunstâncias que originou a utopia brasiliense, considerando que o imaginário

¹Roger Chartier. História Cultural- Entre Prática e Representações, Lisboa, Difel, 1990, p.27.

social faz parte da história de um povo, modelando aspectos ou situações humanas, estabelecendo as relações dos seres entre si e com a natureza.

O mito, em sua epifania política, reveste uma organização social dando-lhe impulso, congregando pessoas e idéias em função de um objetivo, de uma trajetória. Pode apresentar-se como a busca de uma situação utópica, de recriação de um locus de abundância, fertilidade, felicidade, Pays de Cocagne, Idade de Ouro, Paraíso Perdido.

Segundo Georges Gusdorf,

"O mundo do mito afirma-se como um mundo plenário do qual nenhum significado é excluído. O mito social e político, mito da paz e da guerra, mito da revolução, esboça simultaneamente as possibilidades tanto de ordem como de desordem nas sociedades²"

Em Brasília germinou o mito do Eldorado, da riqueza facilmente alcançável, das oportunidades de crescimento em todas as áreas da atividade humana, carreando imagens dos desbravadores/descobridores, dos pioneiros indômitos, cuja única

²Georges Gusdorf. *Mito e Metafísica*, São Paulo, Convívio, 1979, p.266.

bagagem era feita de coragem e determinação. Estas configurações míticas articulam, nas diferentes dimensões do social, político, religioso, econômico, arquitetônico, que em Brasília ganharam um perfil específico, uma linguagem própria à sua singularidade espaço-temporal.

Castoriadis acentua esta perspectiva de atuação do imaginário "[...] que nos permite criar um mundo, ou seja, apresentar-nos alguma coisa, da qual sem a imaginação não poderíamos nada dizer e sem a qual não poderíamos nada saber."³

Assim, as representações, as imagens elaboradas por uma coletividade estimulam o surgimento do mito, cuja pregnância interfere, ordena o funcionamento social, fazendo de uma sociedade o que é, dentro de uma determinada ordem discursiva.

A carga mítica inerente à fundação de Brasília afirma-se desde o início de sua construção, arrebanhando a população de todo o país em função de sua conotação heróica. Sobre isso é interessante observar o que diz Bronislaw Baczko, no que concerne a produção do imaginário social:

"[...]todas as cidades são entre outras coisas, uma projeção dos imaginários sociais no espaço. A sua organização espacial atribui um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas.

³Cornelius Castoriadis et al. *A criação histórica*, Porto Alegre, Artes e Oficina Editora Ltda, 1992, p.89.

Para garantir a dominação, é decisivo o controle de difusão dos imaginários que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças".⁴

Nas ciências humanas a imaginação ampliou terreno no campo discursivo e foram descobertas ou reconhecidas as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva. Desta maneira, a forma como vêm sendo conduzidos os estudos acerca do imaginário, nas mais diversas disciplinas (Psicologia, Antropologia, História, etc.), retirou-lhe o sentido pejorativo com que vinha sendo encarado até então, em binômios tais como imaginário/ilusão, imaginário/irreal, imaginário/ficção.

De acordo com o mesmo autor, a produção do imaginário é inerente a toda sociedade com formas e características específicas da própria formação social, em uma rede veiculadora e formadora de sentidos, materializados no estabelecimento de um "regime geral de verdade" hegemônico e determinante de normas e paradigmas.⁵

Assim, o imaginário é palco e diretor na orquestração das mais diversas ações dos agentes sociais, numa atuação constitutiva de sua própria existência, criando, como afirma

⁴Bronislaw Baczko. Imaginário social, Enciclopédia Einaudi, v.5 Imprensa Nacional, Casa da moeda, p.313."

⁵ver a respeito do "regime geral de verdade", Michel Foucault. A microfísica do poder, Rio de Janeiro, Graal, 1979, p.14.

Foucault, a respeito da descontinuidade, "[...]o campo de que é efeito."⁶ De acordo com Baczko, o dispositivo imaginário constitui

"Esquemas de interpretação, mas também de valorização, [...] suscita adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos modelando comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum."⁷

No discurso mítico sobre Brasília o imaginário atua como força impulsionadora, como peça efetiva das aspirações e dos anseios coletivos, originando, não apenas um mito de fundação no passado, mas também um mito de expectativa de futuro.

Paul Ricoeur afirma que ao reconstituir as oposições entre

" [...]o mito e as outras formas de discurso e ao delinear o jogo de trocas entre todas estas formas de discurso é que se pode fazer surgir um certo horizonte de

⁶ Michel Foucault. *Arqueologia do saber*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987, p. 10

⁷ Bronislaw Baczko. *op cit.* p. 313.

sentido no qual relatos, mitos, profecias e sabedoria tenderiam a compor um conjunto na linguagem total em que se reconciliariam a voz o gesto, a narrativa e a ação ritual, a sutileza das distinções e a profundidade do sentimento, a memória e a esperança."⁸

Neste sentido a construção de Brasília e os discursos formadores de sua imagem-mítica realizaram um ritual de re-nascimento, onde a população é, ao mesmo tempo, oficiante, altar e vítima sacrificial, percorrendo um caminho iniciático para uma vida melhor.

Dessa forma, o mito, em sua dimensão coletiva, tende a agrupar diversos sistemas de imagens ou de representações, compondo, segundo Raoul Girardet "[...]uma espécie de encruzilhada do imaginário onde vêm cruzar-se e embaralhar-se as aspirações e as exigências mais diversas, por vezes mais contraditórias."⁹

Tomando-se o mito como um discurso ou uma série de enunciados referenciados, admite-se que realiza uma construção de sentidos ou constelação de imagens, atuando na configuração e percepção da realidade, ou seja, o discurso mítico constrói o real enquanto representação social, delimitadora da ação individual/coletiva.

⁸Paul Ricoeur et al. *Grécia e mito*, Lisboa, Gradiva, 1988, p.31

⁹Raoul Girardet. *Mitos e mitologias políticas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p.73.

Assim, os discursos sobre Brasília, ao integrarem o imaginário social, constroem imagens galvanizadoras de sonhos: Brasília capital da esperança, Brasília capital do futuro, Brasília afirmação da cultura nacional, Brasília promessa de bem-aventurança espiritual e de riqueza material, voo onírico e aventura criadora de um novo espaço-tempo.

É importante acentuar porém, que somente a partir de Juscelino Kubitschek define-se e se constitui o discurso "Brasília" enquanto objeto específico; a idéia porém, era antiga: a transferência da capital permanece na ordem discursiva desde o século XIX, assunto abordado em ocasiões diversas, em tom coloquial ou como proposta concreta, no âmbito econômico-administrativo. Em 1813, o jornalista Hipólito José da Costa, através do jornal Correio Brasiliense, reivindicava a construção de uma nova capital para o Império num ponto central, por medida de segurança.¹⁰ Em 1821, José Bonifácio faz recomendações aos deputados paulistas, junto às cortes de Lisboa, no sentido de transferir-se a capital para o interior. Essa idéia toma forma e no final do século XIX, figura na primeira Constituição Republicana de 1891.¹¹ Em 1892, Machado de Assis, em sua coluna dominical no jornal carioca Gazeta de Notícias, coloca-se como personagem ligado ao projeto de construção de uma nova capital, pois "não condicionava a inauguração da capital à sua presença: se ele já tivesse morrido,

¹⁰Ernesto Silva. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade**, Brasília, Senado Federal, 1985, p.10/11.

¹¹Op.cit. p.20/21

não teria importância, a cidade poderia ser inaugurada assim mesmo"¹², expressando assim a familiaridade do tema.

Entretanto, é com a administração de Juscelino Kubitschek que se realiza a materialização da obra "Brasília", e aparece o objeto discursivo "Brasília" revestido de um amplo significado pois, simbolicamente, sua construção é tomada como a própria efetivação do projeto desenvolvimentista, de interiorização e ocupação do território, com a expansão racional do sistema de transportes, apontando para a solução da migração nordestina e para a integração nacional. Como observa Foucault, as condições para que apareça um objeto de discurso são numerosas e importantes e "isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época [...] o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo[...]"¹³.

Lévi -Strauss afirma que nada é mais semelhante ao discurso mítico do que a ideologia política,¹⁴ e a dimensão política propriamente dita da construção de Brasília é evidente.

Aparecem com frequência, portanto, no discurso sobre a nova capital, as reflexões sobre o significado que a cidade poderia adquirir para quem a construísse e para quem nela habitasse, em termos de expectativas e de abertura de horizontes físico e sociais, sempre como um marco no sentido de progresso,

¹²Arquivo Público do Distrito Federal. O escritor e a capital do interior, Projeto Memória Candanga, Brasília, s/n.

¹³Michel Foucault. op.cit. p.50

¹⁴Lévi Strauss. Antropologia estrutural, Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1985, p. 239.

evolução, desenvolvimento, conceitos que integram e marcam o campo semântico da época. O desenvolvimentismo cria assim sua própria constelação mítica e o próprio objeto de seu discurso -Brasília- que passa a existir numa certa rede de sentidos. Segundo afirma Foucault, um objeto de discurso

"[...] não preexiste a si mesmo [...] mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações. Estas relações são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização." ¹⁵

Os discursos sobre Brasília serão portanto, a matéria-prima de nosso trabalho, divididos em corpus diferenciados, expressões da rede de sentidos existente à época: discurso político, discurso da imprensa, discurso popular e fotográfico, vistos enquanto atos "desempenhativistas" ou seja promotores de ação social. Não só incentivadores de ação, - para persuadir, convencer, intimar- mas também campo de convergência ideológica, conflito social, atração dialógica na construção da realidade.¹⁶

¹⁵Michel Foucault. *op.cit.* p.51

¹⁶Terry Eaglton. *Teoria da literatura- uma introdução*, São Paulo, Martins Fontes, 1983. p.266.

Neste sentido, o discurso é "performativo" (perform) na perspectiva descrita por Austin em que "[...]produzir a enunciação é executar uma ação"¹⁷ ou seja, o discurso visto como uma prática.

Nesta etapa, centraremos a atenção nos discursos políticos produzidos sobre Brasília, tentando a identificação dos enunciados axiais que perpassam os discursos, através de alguns de seus sujeitos-suporte, tendo em mente que, segundo Foucault,

" O discurso [...] ao nível de sua positividade, não é uma consciência que vem alojar seu projeto na forma externa da linguagem; não é uma língua, com um sujeito para falá-la. É uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão."¹⁸

Dentro da noção de intertextualidade,Eni Orlandi estima que todo discurso nasce de outro discurso e reenvia a outro, por isso não se pode falar em um discurso, mas em estado de um processo discursivo e esse estado deve ser compreendido como resultado de processos discursivos sedimentados,

¹⁷J.L.Austin. *Quand dire, c'est faire*.Paris, Seuil, 1970,p.42.

¹⁸Michel Foucault.*op.cit*.p.193.

institucionalizados. Assim, para esta autora, " as formações discursivas são formações componentes das formações ideológicas e que determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição em uma conjuntura dada"¹⁹

Foucault explicita, neste sentido, que todo discurso participa de formas de coexistência, que compreendem um campo de presença "[...] isto é, todos os enunciados já formulados em alguma parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário[...]" um campo de coexistência "[...] enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados [...] e um domínio de memória"[...] enunciados que não são mais nem admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica."²⁰

A análise do discurso mostra, também, procedimentos metodológicos que buscam apreender todo o intrincamento histórico em sua multiplicidade de discursos interrelacionados com as práticas não-discursivas, o que implica analisar a relação entre

¹⁹Eni Orlandi. *A linguagem e seu funcionamento - as formas de discurso*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p.20/27.

²⁰Michel Foucault. *op.cit.* p.64 e 65

as condições de emergência e permanência dos discursos e suas formas de institucionalização.²¹

Dessa forma, a análise do discurso abre um caminho para a intervenção no processo de conhecimento do social pois possibilita repensar os cortes espaço/temporais na história, analisando as condições de produção dos discursos, sejam eles míticos, políticos, artísticos e outros.

Eni Pulcinelli Orlandi considera que

"a história está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetros as relações de poder e de sentido e não a cronologia.[...] Assim, a relação da Análise do Discurso com o texto não é extrair o sentido, mas apreender sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos."²²

Para esta autora, assim, a análise do discurso tenta explicitar o funcionamento do discurso em suas circunstâncias históricas e isto pela via da detecção das relações de poder, em sua perspectiva ideológica. Desta forma afirma que:

²¹ver a este respeito em Michel Foucault.op.cit.,p.74 e 75.

²²Eni Orlandi.Terra à Vista: Discurso do confronto: Velho e Novo mundo, São Paulo, Cortez, 1990, p.35..

"[...] a ideologia pode ser compreendida como a direção nos processos de significação, direção esta que se sustenta no fato de que o imaginário que institui as relações discursivas (em uma palavra, o discursivo) é político.²³

Desta maneira, as formações ideológicas só ganham existência nas formações discursivas, pois é através delas que se determina o que pode ou deve ser dito de uma certa posição, numa determinada formação social. Analisar um discurso, portanto, é detectar as relações de poder existentes através dos significados que fazem a transição entre o discurso e a ideologia, como acentua Eliseo Veron, o "ideológico e o poder são essas redes de produção social de sentido perpetuamente sacudidos pelos mecanismos dinâmicos da sociedade.²⁴

Apreende-se pois, que o ideológico e o poder são grandezas que perpassam toda uma sociedade. Ainda de acordo com a leitura de Eliseo Veron,

"O ideológico é uma dimensão suscetível de ser demarcado por suas condições sociais de produção qualquer que seja o seu "tipo".
[...] de fato, a relação de uma ideologia

²³Eni Pulcinelli Orlandi. *op.cit.* p.36

²⁴Eliseo Veròn. *A produção de Sentido*, São Paulo,, Cultrix, 1980, p. 191.

"O ideológico é uma dimensão suscetível de ser demarcado por suas condições sociais de produção qualquer que seja o seu "tipo". [...] de fato, a relação de uma ideologia (historicamente determinada) com a produção de sentido que ela engendra, é comparável à que existe entre língua e a produção da fala."²⁵

Segundo indica Bakhtin, o discurso exprime a realidade constituída ideologicamente, que se integraliza na realidade através da fala, e é por isso

"[...] que todos os índices de valores com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos (por exemplo na palavra) constituem índices sociais de valor, com pretensão ao consenso social, e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico."²⁶

O discurso é pois, um lugar de reprodução de

²⁵Eliseo Veròn. Op.cit. p.197.

²⁶M. Bakhtin. **Marxismo e filosofia da linguagem**, SP, Hucitec, 1990, p. 45.

"[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época para uma determinada área social econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa."²⁷

O objetivo de tal tipo de análise é detectar as condições de possibilidade, ou seja, as condições de emergência de um objeto discursivo a ser estudado, as formas como são construídas as condições de existência deste discurso. Desta forma, o discurso é prática social que se cristaliza, modela e cria representações e imagens, a percepção de si e do outro, estabelece laços e quebra vínculos, engendra ações, congrega e verticaliza emoções e impulsos coletivos/individuais.

Nesta ótica, a análise do discurso contempla a noção de um sujeito disseminado, cuja função discursiva depende da posição de autoridade que ocupa no discurso, posição suscetível de ser ocupada indefinidamente por indivíduos diferentes. Deste modo, a voz do autor ou do líder não veicula uma mensagem única e própria, mas reflete as condições de produção de seu discurso, trabalhadas pelas condições de recepção de seus interlocutores,

²⁷Michel Foucault. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987, p.136

considerados igualmente produtores de sentido.²⁸ Neste sentido, a noção de deixis discursiva, explicitada por Maingueneau resume bem a questão, propondo a análise do "[...] universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação."²⁹

²⁸Ver a este respeito, Roger Chartier.*Op.cit.* p.58 a 63.

²⁹Dominique Maingueneau.*Novas tendências em análise do discurso.*Campinas, Pontes/Unicamp,1989.p.41

.Discurso político.

Pretendemos neste momento de nosso trabalho, detectar a emergência de enunciados que constroem o objeto discursivo "Brasília", em sua materialidade discursiva, - os discursos políticos - emitidos por sujeitos - suporte da função enunciativa em uma rede de sentidos, buscando desvelar o direcionamento tendencial (ideológico, no sentido acima explicitado) na fixação de uma mensagem unívoca, bem como suas condições de recepção.

Para Pêcheux, os enunciados tem por característica colocar o "dito" e em consequência rejeitar o "não dito". A enunciação equivale, pois, ao estabelecimento de fronteiras entre o que é "selecionado" e tornado preciso aos poucos e o que é rejeitado. Desse modo se acha, desenhado num espaço vazio o campo de "[...] tudo o que teria sido possível ao sujeito dizer mas que não diz" ou o campo de "[...] tudo a que se opõe ao que o sujeito disse."³⁰

Por isso, como diz Eni Orlandi, o sujeito deve ser pensado em sua relação com a linguagem e o mundo, em seus

³⁰M. Pêcheux, *Semântica e discurso*, São Paulo, 1987, p.131.

processos históricos e sociais de constituição pois nem linguagem e nem sujeito são transparentes.³¹

Quanto à construção do discurso, Ducrot, faz referência a um implícito absoluto, alusões a coisas que, estando ausentes das intenções de comunicação do locutor, tornam possível a própria fala: crenças e conhecimentos que são introduzidos no discurso pelo próprio fato de se utilizar a língua; e um implícito relativo as "maneiras de se exprimir", os "modos" da comunicação, resultante de escolha ("intenção") do falante: subentendido, pressuposição, alusão.³²

Quanto aos discursos existentes à época da construção de Brasília adotaremos aqueles cujos sujeitos-suporte detém uma porção de autoridade, ou seja, o lugar de onde falam confere-lhes um peso considerável dentro do regime geral de verdade instituído. Como bem sublinha Foucault, não se pode dizer qualquer coisa, em qualquer lugar,³³ pois o princípio de autoridade e a apropriação social do discurso determinam o valor do que se diz, de onde se diz, por quem e para quem é dito. Trabalhamos, portanto, o DITO, em suas condições singulares de produção.

O corpus a partir do qual procederemos a análise está constituído de:

³¹Eni Orlandi. *Op.cit.* p. 31.

³²Apud Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*, São Paulo, Cortez, 1987, p. 63

³³Michel Foucault. *L'ordre du discours*, Paris, Gallimard, 1970, p. 11

- a)discurso do Presidente da República
Juscelino Kubitschek
- b)discurso do Presidente da NOVACAP
Israel Pinheiro
- c)discurso dos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.
- d)alguns discursos de personagens
políticos de expressão institucional
como:Presidente do Senado, Presidente
da Câmara dos Deputados e
representante da Igreja.

Definiremos, de acordo com Barthes o que é **corpus**:"[...] é uma coleção finita de materiais previamente determinado pelo analista conforme uma certa arbitrariedade (inevitável) e sobre a qual vai se trabalhar."³⁴

É nas manifestações desses discursos que poderemos buscar o eixo que definirá as práticas discursivas, captando a emergência/repetição/translado de determinados enunciados com seus ganchos associativos específicos a serem delimitados pelo pesquisador, segundo seus alvos de interesse. Na perspectiva em que trabalhamos, assim, não há qualquer pretensão de obscurecimento do sujeito-pesquisador, já que as escansões do

³⁴Roland Barthes.**Elementos de semiologia**,Buenos Aires,Tiempo contemporâneo, 1972,p.66

discurso serão por ele selecionadas e determinadas.

Nosso primeiro objeto de análise será, portanto, como já foi frisado acima, o discurso político.

Regina Pinto esclarece-nos que " [...] o discurso político é o discurso por excelência do sujeito em todos seus sentidos, seu local de enunciação é a luta política, seu objetivo é vencer a luta através do jogo da desconstrução e reconstrução de uma visão de mundo."³⁵

Passaremos a analisar fragmentos de discurso articulados ao longo da história da construção de Brasília, com a preocupação de verificar a construção dos enunciados, a construção do sujeito no interior do discurso e a capacidade de interpelação do sujeito enunciador ou seja, a possibilidade de construir sujeitos políticos capazes de agir através da sujeição. Na relação emissor/ receptor , o princípio de pertinência de Paul Grice exige que a enunciação signifique alguma coisa e segundo o princípio de cooperação, que o destinatário contribua e tenha a possibilidade, a instrumentalização necessária para a compreensão, seja em nível de linguagem, seja em nível contedístico.³⁶ Assim estariam realizadas as " condições de felicidade" expressas por Austin, na interlocução.³⁷

Desta maneira, "[...] todo discurso por sua

³⁵Regina Celi Jardim Pinto. *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney*, São Paulo, Hucitec, 1989, p.52

³⁶Ver a este respeito, Tzvetan Todorov. *Symbolisme et interpretation*, Paris, Seuil, 1978, p.26/27

³⁷Ingedore Koch. *op.cit.* p.52

própria natureza constitui e é constituído por sujeitos. Todo discurso também se dirige ao 'outro', daí todo discurso estabelecer uma relação de sujeição entre o sujeito enunciador e o outro, aquele a quem procura sujeitar - o discurso só existe através da sujeição." ³⁸

Se a existência de Brasília define-se pela data de 21 de abril, como já observamos acima, anteriormente a esta data, a idéia da nova capital vinha sendo alimentada durante séculos com o sonho de colonizadores, bandeirantes, inconfidentes e republicanos, cuja execução marcaria o início de uma nova era. Além de ser um sonho de séculos, foi também a profecia de um santo - Dom Bosco - que em sua célebre visão (1883), já indicava o planalto central do Brasil como ponto de irradiação de uma nova civilização, a terra prometida de fartura e felicidade.

Coube a Juscelino Kubitschek a realização deste sonho, sonhado durante tanto tempo, com bem enfatiza sua fala:

" Meditei sobre a grande civilização que iria surgir entre os paralelos - 15" e 20" - justamente a área em que estava construindo naquele momento, Brasília. O lago, de visão do santo, já figurava no Plano Piloto do urbanista Lucio Costa. E a terra prometida, anunciada, ainda não existia de fato, mas já se

³⁸Regina C.J. Pinto. *op.cit.*p.27.

configurava através de um anseio coletivo, que passara a constituir uma aspiração nacional. Ali, 'correria leite e mel'."³⁹

As imagens que nascem deste discurso identificam Brasília à Canaã bíblica, ao Pays de Cocagne medieval, evocando uma doçura e facilidade de viver, um povo predestinado, conhecedor de seu destino especial, cuja consecução, porém, dependeria de seu trabalho.

A força da evocação mítica une-se o apelo ao misticismo, poderoso elemento constituinte da formação discursiva brasileira. A profecia do santo e a atmosfera bíblica fazem de Brasília um polo de convergência das aspirações populares, ou seja, o pressuposto "anseio popular" é canalizado para Brasília pela ação impulsionadora do imaginário social. A aura mítico/ mística criada em torno de Brasília derrama-se sobre os personagens que ali atuaram e assim encontramos no discurso popular uma atribuição infinita de poderes ao presidente Juscelino Kubitschek, que figura assim como catalisador de visões oníricas de um futuro Eldorado. O discurso provoca crença e confiança em sua mensagem, não só pelas imagens arroladas, mas sobretudo pela autoridade de que se reveste o homem público, coroado pelos louros do herói. Este fragmento discursivo constrói a imagem do **grande homem**, na junção do sujeito da enunciação ao construtor de Brasília, o locus de predestinação: "Meditei[...] e estava construindo[...]. Por outro

³⁹Juscelino Kubitschek. *Por que construí Brasília*, Rio de Janeiro, Ed. Bloch, 1975, p.19

lado, os receptores são igualmente construídos no discurso em torno de uma emoção identificadora, de uma esperança comum: anseio coletivo, aspiração nacional.

Girardet, ao trabalhar o mito do herói acentua que, para obter eficácia, ele precisa conservar a marca do personagem em volta do qual ele se constrói, como também depender das circunstâncias historicamente delimitadas, ou seja, o mito do herói precisa antes de tudo, encontrar as condições de possibilidade que permitam sua existência.

"Todo o processo de heroificação, implica em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência."⁴⁰

Juscelino Kubitschek vai adquirir uma aura heróica a partir da construção de Brasília, que o acompanhará por toda a vida: a relação íntima de sua posição de sujeito com a cidade-mítica, promessa de futuro, constituiu, no imaginário

⁴⁰Raoul Girardet. op cit. p.82.

social, um personagem idealizado, portador de virtudes, arauto de uma Nova Era.

Em 15 de Março de 1956, o Presidente Juscelino Kubistchek comunica ao congresso a decisão de construir a terceira metrópole do Brasil, tendo sido programados, para o ano em curso, os trabalhos relativos à demarcação das fronteiras do território do futuro Distrito Federal. Restava apenas o impulso definitivo para a grande epopéia; em 18 de abril de 1956, a Mensagem de Anápolis encaminhada ao Congresso fazia um histórico da idéia de mudança da capital, expunha os motivos que levava o governo a encarar o projeto de forma definitiva e apresentava também, o projeto de lei criando a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil-NOVACAP-responsável pelas obras em geral. Sugeriu ainda o nome de Brasília para a nova metrópole. Com a aprovação unânime da Câmara e do Senado, o projeto governamental converteu-se na Lei número 2.874, de 19 de Setembro de 1956.

No mesmo ano de 1956 foi lançado um concurso nacional para a escolha de projetos urbanísticos para o Plano-Piloto do qual foi vencedor o projeto de número 22 de autoria do urbanista Lúcio Costa, cabendo ao arquiteto Oscar Niemeyer o traçado dos edifícios públicos.

Estava então preparado o terreno para a grande arrancada, e em 2 de Outubro de 1957, Juscelino sanciona a lei 3.273 - Lei da mudança - e assim justifica-a:

"Este ato representa o passo mais viril, mais enérgico, que a nação dá, após sua independência política, para a sua plena afirmação, como povo que tomou em seus ombros uma das mais extraordinárias tarefas que a história contemporânea viu atribuir-se a uma coletividade: a de povoar e de civilizar as terras que conquistou, vastas como um continente; a de integrar na comunhão dos povos, para o bem comum da humanidade, um dos mais ricos territórios do mundo. Sendo este ato, ao mesmo tempo, o maior e mais severo compromisso que o Brasil toma consigo mesmo, entendi que a ele deviam estar presentes as altas autoridades da República, os representantes mais credenciados de nossa cultura e de nossas forças produtoras, todos aqueles que, com inteligência, energia e o trabalho perseverante possam concorrer para que a Nação não falhe nesta histórica empresa."⁴¹

Este fragmento discursivo é articulado em quatro movimentos retóricos, que conferem à Brasília o selo de uma excepcionalidade: a) pressupõe-se a convergência de interesses e de ação, atribuídos espontaneamente por e para um sujeito anônimo/coletivo (nação, povo, coletividade ;b) afirma-se a identidade nacional pelo povoamento e civilização; c)isto é realizado para o bem da humanidade e d) sancionado pelos representantes de todas as esferas de atividades (os mais credenciados e autorizados), reunidos em torno da tarefa de construção da cidade. As qualidades

⁴¹Carlos Rodrigues. *Memória de Brasília*, Brasília, ArkPF, 1989, s/n

inerentes àqueles que apoiam esta tarefa, inteligência, energia e trabalho desconstroem e desqualificam os opositores, que apresentariam, por contraste, os atributos contrários.

O emissor, aqui, constrói seus receptores e neles cria a idéia de que deles parte a iniciativa e a necessidade da ação proposta, tarefa engrandecedora para aqueles que dela são partícipes.

Povoar e civilizar terras conquistadas remete às imagens do descobrimento, criando um sentimento de continuidade, forjador de identidade e de importância nacional.

Esta parece ser a forma geral dos discursos sobre Brasília, criando imagens de um entendimento total de forças positivas para a realização de um destino pré- estabelecido. Os "negativistas", não tiveram a força para se opor a esta espécie de mutirão sagrado, realizador de desígnios superiores/divinos.

Reforça-se assim a autoridade do herói instigador/ construtor e cria-se a sujeição dos receptores, com ele em estreita cooperação material e espiritual.

O discurso de Juscelino Kubistchek é sem dúvida mobilizador, aspirando marcar o seu governo no cenário nacional e internacional como grande executor de obras, de grandes feitos, buscando uma nova realidade que se revelava necessária para o país; esta realidade apresenta-se através dos discursos, criando um novo acontecimento, povoando o imaginário social de novos heróis-emissor e receptores, num mito reativado.

Vejamos os fragmentos discursivos que embora independentes entre si possuem uma série de elementos convergentes a ligá-los, ou seja, fazem parte de uma mesma rede discursiva.⁴²

" Nós brasileiros temos capacidade, energia, audácia para construir uma pátria nova para fazer do Brasil o sonho das gerações passadas e o presente para as gerações vindouras, uma nação forte e poderosa" (JK -25 de Agosto de 1959)⁴³

" O sonho é velho sua realização aparecia aos olhos do Brasil como uma utopia, um ideal sem possibilidades de realização".(11 de Setembro de 1959)⁴⁴

"[...] uma nova hora devia soar para esta nação, uma hora de renovação, na qual os homens se empenhassem não em tarefas medíocres e pequenas, mas em tarefas grandes, de dimensão imensa. Era o marco inicial do Gênesis que íamos tentar nestas solidões ainda desconhecidas do Brasil."(25 de Agosto de 1959) ⁴⁵

"[...]somente me abalancei a construí-la

⁴²Os fragmentos discursivos nos quais não consta a data encontram-se no livro de J.K.Porque construi Brasília,op.cit.

⁴³Diário de Brasília, 1959.Serviço de documentação da presidência da República, Rio de Janeiro, 1960.

⁴⁴idem, ibid.

⁴⁵idem, ibid.

quando de mim se apoderou a convicção de sua exequibilidade por um povo amadurecido para ocupar e valorizar plenamente o território que a Providência Divina lhe reservava "(21 de Abril de 1960)⁴⁶

"[...] É um grande passo, o maior passo na caminhada deste povo para melhor destino."(21 de Abril de 1960)⁴⁷

"A construção de Brasília é verdadeiro ato de fé de um governo, mas esse ato tem de ser sustentado e alicerçado pelo desejo do povo brasileiro e pela sua vontade de ser grande"(10 de Janeiro de 1958)⁴⁸

" Ela é tão minha quanto vossa , quanto de todos os brasileiros. Falei em epopéia, e retomo a palavra para vos dizer que ela marcará, sem dúvida uma época, isto é, o lugar do céu em que o centro atinge o seu apogeu."(20 de Abril de 1960)⁴⁹

" O pensamento de um era o pensamento de todos, erguer a capital da esperança"(3 abril de 1960)⁵⁰

⁴⁶Idem, ibid. V. VII

⁴⁷Idem, ibid.

⁴⁸idem. ibid. vol.V

⁴⁹idem, ibid. V.VII.

⁵⁰idem, ibid.

" [...] e a mística de Brasília contagiando o país inteiro ,realizou o milagre da construção de uma metrópole revolucionaria em três anos e dez meses."⁵¹

" [...] Brasília uma cidade que saia do nada, brotando do chão pelo esforço do genio empreendedor de um povo"⁵²

" [...] sessenta mil candangos - as abelhas do Planalto- haviam tornado possível aquele milagre"⁵³

" Brasília surge, não apenas como realização extraordinária da capacidade do povo brasileiro, mas também como prova de força de uma geração que invade o deserto e vence."⁵⁴

" Brasília nascia de fato, sob o signo da comunhão social. E, também, sob a benção de Deus."⁵⁵

" [...] Vinha gente de todas as regiões

⁵¹Juscelino Kubitschek. Op.cit. p.54

⁵²idem,ibid. p.55

⁵³op cit.p.78

⁵⁴op cit. p.102.

⁵⁵op cit. p.285.

do país. Era uma verdadeira torrente humana, que os caminhões canalizavam para o Planalto. Pobres de todas as latitudes em busca da terra de promessa"⁵⁶

" Hoje é dia de Santa Cruz, dia em que a capital recém-nascida recebe o seu batismo cristão; dia em que nela se verifica, pela primeira vez, o mistério de transformação do pão em carne e sangue do Salvador; dia em que a cidade do futuro, cidade que representa o encontro da pátria brasileira com o seu próprio centro de gravitação, recolhe a alma eterna, a substancia divina do Salvador"(3 de maio de 1957)⁵⁷

"A construção de Brasília, o esforço épico, façanha que surpreendeu o mundo, deu a medida de nossa enérgica decisão de conquistar os milhares de quilômetros quadrados sobre os quais os mapas traziam aquela clássica legenda "Região inexplorada" ⁵⁸

"[...] homem humilde, a quem a providência confiou a grande tarefa de presidir aos destinos do Brasil nesta hora em que se inaugura uma nova era."(3 de Maio de 1957)⁵⁹

⁵⁶op cit.p. 282

⁵⁷Diário de Brasília. Op.cit.V.IV

⁵⁸Juscelino Kubitschek. op cit. p.325.

⁵⁹Diário de Brasília.Op.cit. V.IV.

"[...] governo e povo davam-se as mãos em praça pública, o sentimento de orgulho era coletivo, estava sob a casaca das grandes personalidades e palpitava sob a camisa suja do candango"⁶⁰

Dentro dos fragmentos discursivos dos discursos do presidente Juscelino Kubitschek, acima arrolados, selecionamos as lexias que têm, como instâncias de apelo, certas significações fundamentais tais como:

a) consciência nacional, povo capaz, patriotismo, união do povo e governo, força, orgulho, capacidade, esforço épico, gênio, energia, decisão, audácia, comunhão social, invadir, vencer;

b) desejo, vontade, esperança, sonho, utopia, ideal;

c) predestinação, grandeza, promessa, fé, milagre, destino, nova era, cidade do futuro, gêneses, benção de deus, terra de promessa, lugar do céu;

Sua dimensão argumentativa aponta para:

a) construção de uma identidade coletiva, dotada de qualidades específicas, de uma vitalidade excepcional, capaz de realizar qualquer coisa, como "uma metrópole

⁶⁰Juscelino Kubitschek. Op.cit. p.295.

revolucionária em três anos e dez meses";b)apelo aos níveis da emoção,das instâncias psicológicas galvanizadoras do desejo e das pulsões; c)apelo à dimensão do sagrado/ mítico na construção do objeto do discurso, desenhando para seus receptores um perfil de povo eleito. Os discursos interpelam a população em termos de renovação,mudança,transformação,eliminação de desigualdades, colocando o país como exemplo para o mundo e persuadindo seus interlocutores de que todos estes sentimentos e estas qualidades são comuns a todos, brotando espontaneamente do próprio ser brasileiro.

Estes enunciados criam uma rede de sentidos dentro de um feixe de relações que abrangem o institucional (ação do governo), o econômico (desenvolvimentismo,crescimento)e o social(arregimentando a população em torno de um objetivo).

Todos essas significações ocorrem em um campo semântico homogêneo e têm a preocupação de demonstrar a ratificação da proposta política do presidente da República pelo desejo do povo brasileiro.

De acordo com Ingedore Koch,este tipo de enunciações contém

"[...] elementos que caracterizam os tipos de atos de fala que desejam desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado,

apontam as conclusões para os quais, os diversos enunciados podem servir de argumentos, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso. "61

Observa-se que todo o ato retórico do presidente Juscelino Kubitschek constitui um veículo de conclamação à participação popular, utilizando símbolos e visões oníricas no encadeamento argumentativo, reforçado pelas imagens de esperança e felicidade futura.

Segundo Humbert, para Jung "[...]os sonhos e as fantasias preparam os comportamentos, mesmo quando o sujeito não está consciente disso, como os mitos propunham no passado, respostas às principais situações de vida".⁶² Foucault acentua que, dentre as inúmeras possibilidades de realização dos discursos em suas singularidades, apenas algumas emergem e uma de suas instâncias de decisão e escolha é a "[...] posição possível do desejo em relação ao discurso; este, na verdade, pode ser o local de uma encenação fantasmática, elemento de simbolização, forma do proibido, instrumento de satisfação derivada[...]."⁶³

⁶¹Ingedore, Villaça Koch. *op.cit*, p.138.

⁶²Elie Humbert. *Jung*, São Paulo, Summus, 1985, p.97.

⁶³Michel Foucault. *op.cit*. p.75

A força das imagens, a mobilização da emoção e do desejo são portanto, constitutivos destes discursos e não aparecem apenas como elementos externos, que viriam mascarar o sentido de um discurso original.

O apelo discursivo assim, só funciona na medida em que seu significado é construído conjuntamente pelo emissor e seus receptores; vai mover milhares de flagelados, "paus-de-arara" nordestinos, sertanejos de Minas Gerais e da Bahia, operários de todo o Brasil, em busca da poção mágica da felicidade, do pote de ouro no final do arco-íris. Houve uma intensa migração, uma espécie de êxodo com uma taxa média de 103,88% ao ano, passando de uma população de 5000 pessoas em 1956 para 12.700 habitantes em 1957, 64.314 habitantes em 1959 e na época da inauguração 127 mil habitantes.⁶⁴

A propaganda foi fundamental no sentido de tornar a construção de Brasília um projeto nacional, reconhecido como fator de progresso do país, apresentada como meta-síntese; simbolizou, na ideologia Nacional-Desenvolvimentista, o "futuro do Brasil", o arremate à obra monumental de criação e soerguimento da nação, a arrancada para o desenvolvimento do povo brasileiro, que só assim poderia ascender ao plano significativo da história. Este sonho foi realimentado pelo presidente da República, cuja posição de autoridade autorizava-lhe a apropriação do discurso, entendida, segundo Foucault, "[...] como direito de falar, competência para

⁶⁴Aldo Paviani (org). *A conquista da Cidade*. Brasília, Editora da Unb, 1991, p.61\81.

compreender, acesso lícito e imediato ao corpus dos enunciados já formados, capacidade, enfim, de investir esse discurso em decisões, instituições, práticas[...]"⁶⁵

A ideologia Nacional-Desenvolvimentista transforma-se, assim, numa espécie de idioma político no país, que se impõe de modo hegemônico, ao trabalhar seus receptores em dimensões diversas, criando constelações de imagens e sentidos capazes de exaltar emoções e congregar esforços.

O controle da imaginação seria portanto uma das forças impulsionadoras da ação coletiva; assim, para Ladislav Baczkó, para a emergência do imaginário, os acontecimentos contam, muitas vezes, menos do que a representação a que dão origem e manipulam.

"É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade. Elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais. Exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos formadores tais

⁶⁵Michel Foucault. *op. cit.* p. 74/75

como chefe, o bom súdito, o guerreiro corajoso etc." ⁶⁶

As imagens imaginadas buscariam assim, sua força, em um fundo comum de aspirações e pulsões - arquetípicas, talvez-, fazendo re-emergir de forma ressemantizada, narrativas míticas instauradoras de relações sociais, impulsionadoras de ações coletivas, construtoras de realidades anteriormente esboçadas, à espera apenas de uma atualização.

Segundo o mesmo autor, as topografias imaginárias são inúmeras e a

"[...] busca do paraíso pode tomar a forma de uma aspiração coletiva estruturada por um culto religioso de orientação escatológica e implicando comportamentos coletivos relativos à procura dos meios mais seguros para chegar à terra sem mal. Um espaço sonhado onde o homem vive em paradisíaca inocência, livre de qualquer constrangimento, guerra ou querela, gozando da abundância e desconhecendo a miséria e a doença, um tal fantasma é de certo modo, um arquetipo que se encontra em todas as

⁶⁶Ladislaw Baczko. *op cit.* p. 5

épocas e em numerosos povos." ⁶⁷

É a capacidade criadora da imaginação que vai gerar novos significados, e essa capacidade, que Castoriadis chama de "imaginário radical" se efetiva na história sob a forma de um "imaginado" (ou imaginário efetivo)." São os sistemas de significações que estão na base dos simbolismos de cada sociedade das suas instituições e dos fins aos quais ela subordina sua funcionalidade".⁶⁸

"Nós brasileiros temos capacidade....."

"Ela é tão minha quanto vossa, quanto de todos..."

A certeza do futuro promissor não era apenas promessa mas garantia, pela presença do presidente e pela comunicação direta com o povo. As imagens utópicas da sociedade prometida eram, assim, veiculadas através de uma linguagem específica e clara, marcada pelo informalismo. Povo e governo juntos construiriam uma pátria nova e, nós, palavra síntese do enunciado acima, sugere cumplicidade, as vitórias do governo são a vitória do povo, co-partícipe dessa produção.

⁶⁷Ladislaw Baczko, op. cit.p.365.

⁶⁸C. Castoriadis. A instituição imaginária da sociedade.Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 176.

Sabedor das vantagens do contato permanente com a população, Juscelino Kubitschek utilizou por 47 vezes a Voz do Brasil para dirigir-se oficialmente à nação brasileira, não deixando passar em branco datas importantes do calendário cívico-religioso. Somente em 1956, ano de sua posse, fez 17 pronunciamentos, mantendo uma média de três pronunciamentos a cada dois meses. Descrevendo o papel desempenhado pelo rádio Maria Estella Bresciani indica que:

À frequência ao rádio para que o chefe do governo se expressasse pelos e para os brasileiros lograra construir imaginariamente a idéia e o sentimento de comunidade. Todos os brasileiros em todos os lugares eram informados do andamento a administração dos bens e da riqueza do país. Todos estavam por esse modo capacitados para avaliar os atos do governo em sua prestação de contas diárias, todos se sentiam participando embora em grau diferenciados, da grande empresa da construção do Brasil"⁶⁹

⁶⁹Maria Estella Bresciani. Comunicação à 35a. Reunião anual da SBPC. 1983, p.8.

Seu discurso tinha sempre um tom intimista e coloquial, não era o governo que se apresentava, mas o herói, o mito cristalizando todos os impulsos de emoção, desejo e esperança sobre a coletividade agora constituída em nação, em um corpo sólido e unido por perspectivas comuns. Segundo afirma Girardet,

"É pelo poder específico do verbo que se opera com efeito, essa estranha comunhão que faz com que, dirigindo-se o chefe político à multidão, seja igualmente a multidão que se exprime nele, com ele." ⁷⁰

Juscelino Kubitschek conhecia o poder do verbo, e a adesão do povo se fazia particularmente necessária para a construção de Brasília, face a seus opositores.. Para isto, seu discurso tinha que ser eficaz. A este respeito Maingueneau observa que no discurso,

"[...] o co-enunciador interpelado não é apenas o indivíduo para quem se propõe 'idéias' que corresponderiam aproximadamente a seus interesses; é também alguém que tem acesso ao 'dito' através de uma 'maneira de dizer' que

⁷⁰Raoul Girardet.op.cit.p.75

está enraizada em uma 'maneira de ser': o imaginário de um vivido".⁷¹

O discurso político não se justifica senão à medida que é dirigido a um sujeito, mesmo que esse sujeito não tenha condições reais de decisão: no caso específico, o sujeito é a nação brasileira que se caracterizaria pela adesão a interesses mais amplos, pela comunhão em torno de uma expectativa de futuro.

De acordo com Regina Pinto,

"[...] o discurso político, por sua natureza tem sua sobrevivência determinada pelo número de novos sujeitos que constrói, o que não acontece por exemplo com o discurso científico, que pode sobreviver e reproduzir-se em uma pequena comunidade de estudiosos".⁷²

Desta maneira quanto maior a capacidade de interpelação do emissor, mais eficiente será o discurso. O discurso do presidente Juscelino Kubitschek tinha a capacidade de convencer- atestar o que é dito na própria enunciação. Colocava-se ao nível de seus interlocutores, criando efeitos de identificação

⁷¹Dominique Maingueneau. *Novas tendências em análise do discurso*, São Paulo, Pontes, 1989, p.48

⁷²Regina Pinto. *op. cit.* p. 75

e colóquios personalizados. A interpelação faz-se quase a nível individual, utilizando um vocabulário familiar, imagens bíblicas, criando uma atmosfera de união, paz, amizade, esforço, sacrifício para a cidade do futuro.

"[...] o pensamento de um era o
pensamento de todos..."

"[...] homem humilde, a quem a
providência confiou..."

Seu discurso transforma-se assim, em ato garantido, tendo à frente o homem do povo, porta-voz legítimo das camadas populares, das quais teria saído, inscrevendo essa origem em sua própria enunciação. Desta forma, a eficácia do discurso constrói-se junto a sua potência imaginária, resgatando a utopia de um paraíso a ser reencontrado em sua própria construção.

Assim, a busca do Eldorado se revelou um parâmetro do discurso político e Brasília o arquétipo do sonho coletivo, como se verifica nos discursos de Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, que também conceberam o projeto como a salvação do país. Temos aqui alguns fragmentos discursivos de Israel Pinheiro:

"[...] parecendo um sonho Brasília é uma obra realista[...] aqui estão todos vaidosos, não pelo dever cumprido, mas tocados por esse raro e legítimo orgulho de terem sido eleitos pela Divina Providência para instrumento de realização da obra monumental."⁷³

"[...]como a independência libertara o Brasil da exploração da metrópole, a mudança da capital libertaria o interior da escravização econômica do litoral, despertando a confiança e coragem das suas populações ..."⁷⁴

Oscar Niemeyer assim se expressava:

"[...] milhares de brasileiros trabalham e lutam convictos de que iniciarão nova e progressiva etapa no desenvolvimento do país."⁷⁵

E Lúcio Costa descrevia Brasília de forma poética:

⁷³Diário de Brasília. op.cit. V. VII.20 de abril de 1960.

⁷⁴Idem, ibid.

⁷⁵Oscar Niemeyer. **Minha experiência em Brasília**, Rio de Janeiro, Editora Vitória, 1961, s/n.

"[...] uma cidade que surgia como uma flor naquela terra agreste ." ⁷⁶

"[...] Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. ⁷⁷

É interessante acrescentar, também, alguns fragmentos discursivos dos representantes da Igreja e do Congresso por ocasião da inauguração de Brasília. Felinto Muller descreve a união popular em torno de Brasília:

"[...] todo o Brasil compreendeu o significado de Brasília, todo o Brasil lutou por ela. Todo o Brasil pôs naquele sonho as suas esperanças." ⁷⁸

"[...] Vimos aqui um povo imbuido de um ideal, animado por uma mística, confiante na sua própria capacidade realizadora que se lança coeso e íntegro à conquista da própria independência econômica e à complementação da sua unidade nacional." ⁷⁹

⁷⁶Lúcio Costa. Brasília cidade que eu inventei. Brasília, GDF, 1991, s/n.

⁷⁷Idem, ibid.

⁷⁸Diário de Brasília. Op.cit. V. VII, 20 de Abril de 1960.

⁷⁹idem, ibid.

Representantes da Igreja católica também realizam suas proezas verbais em torno do objeto discursivo Brasília, trabalhando a mesma rede de sentidos estabelecida pelo discurso político. O cardeal Dom Carlos Carmelo mergulha no sonho-Brasília:

"[...] Se um sonho empolgante pode às vezes nos dar a ilusão de fragrantas realidades, em contrapartida uma maravilhosa realidade, pode nos dar a sensação de um sonho misterioso. E é esta a sensação que nos dá Brasília."⁸¹

"[...] Brasília vai resolver o mais angustioso e mais grave problema nacional que é o problema dos nossos irmãos nordestinos."⁸²

O cardeal Cerejeiras, três anos depois, à época da inauguração de Brasília, retoma as imagens da criação/ re-criação do Brasil, imagens bíblicas fundindo-se à realidade e construção nacional:

"[...]O livro do Gênesis do Brasil não terminou ainda, os dias de sua criação não estão já encerrados. O sétimo dia não chegou para ela; Deus continua a sua obra. Brasília

⁸¹Diário de Brasília, op.cit. vol.UII.3 de maio de 1957

⁸²idem, ibid.

é uma alvorada. Esta é a cidade do futuro. Brasília é esperança, é promessa e é penhor de um Brasil maior."⁸³

"[...] O sinal da cruz sobre o qual se eleva Brasília é o sinal do homem novo e da civilização nova..."⁸⁴

São diferentes discursos abordando o mesmo acontecimento, - a construção de Brasília-, retomando o já dito, recriando os enunciados -esperança, futuro, sonho coletivo, povo capaz, desenvolvimento, renovação, ideal, mística, união, novo, criação, promessa - que compõe o itinerário mítico, de forma que a repetição vai possibilitar uma sedimentação de sentidos, construindo um sentido dominante. Os enunciados, portanto, distribuem-se segundo posições subjetivas, criando campos de coexistência que definirão seu status, o que representa, de acordo com Foucault,

"[...] a maneira pela qual são institucionalizados, recebidos, empregados, reutilizados, combinados entre si, o modo segundo o qual tornam-se objetos de apropriação, instrumentos

⁸³Diário de Brasília. Op.cit. V.VII.21 de abril de 1960.

⁸⁴idem, ibid.

para o desejo ou interesse, elementos para uma estratégia."⁸⁵

O uso de argumentos persuasivos cria efeitos de verdade incontestável, utilizando o pressuposto do consenso social; de fato, Ingedore Koch, ao comentar Ducrot, indica que::

"[...]o ato ilocucionário de argumentação [...] consiste em pretender impor ao destinatário um certo tipo de conclusões como a única direção na qual o discurso pode ter sequência - o valor argumentativo de um enunciado seria pois uma espécie de obrigação relativa à maneira pela qual o discurso deve ser continuado"⁸⁶

Abordando a questão da retórica, Hanna Arendt, explicita que , no espaço público local, era onde os homens eram reconhecidos como livres e iguais na Grécia, cujos elementos fundamentais eram o discurso e a persuasão. Na polis estava instaurado:

"Um modo de vida no qual o discurso e somente o discurso tinha sentido e no

⁸⁵Michel Foucault.op.cit.p.134

⁸⁶Ingedore Koch.op.cit.p.62

qual a preocupação central de todos os cidadãos era discorrer uns com os outros."⁸⁷

O viver na polis significava, teoricamente, habitar um mundo isento de relações de força ou violência, pois tudo era decidido através da palavra. E era exatamente por este motivo que se tinha a liberdade e a igualdade como pressupostos da política: liberdade e igualdade, para que os cidadãos compartilhassem e fossem orientados em um mundo comum de significados e símbolos.

Todavia, a igualdade que os gregos tanto estimavam, como demonstra Hanna Arendt, não estava associada nem à idéia de justiça, nem tampouco à idéia de uniformidade. A igualdade - a própria essência da liberdade para os antigos - supunha um espaço despojado de comando,"[...] numa esfera onde não existia governo nem governados." ⁸⁸ A política, longe de ser encarada como algo beligerante, enfatizava o consenso, o consentimento. Era da retórica, a capacidade de persuadir, de se pronunciar em público, que adivinha a notoriedade/autoridade e relevância política do indivíduo.

Ainda segundo a mesma autora, a persuasão não é possível sem que seu apelo corresponda às nossas experiências,

⁸⁷Hanna Arendt. **A condição humana**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1991, p.36.

⁸⁸Hanna Arendt. **Op. cit.**p42.

desejos ou necessidades imediatas. Nas falas de Juscelino Kubitschek esta dimensão retórica está presente, acenando com a igualdade, pela sua proximidade com o povo; não comanda nem ordena, apenas conclama; não tenta convencer explicitamente, pois toda a população está plenamente convencida da verdade que o discurso apenas coloca em palavras. A retórica desaparece em sua própria enunciação, fazendo atuar seus pressupostos, tornados axiomáticos. A repetição dos enunciados de diferentes pontos estratégicos faz apenas reforçar seu caráter apodítico.

Nesta perspectiva, segundo Ducrot, existe mesmo

"[...] a possibilidade de integrar o ato de argumentar ao ato de afirmar, atribuindo-se à afirmação uma segunda propriedade, de conferir ao destinatário como que um **dever de concluir**. Isto implicaria ainda, [...] um **dever de crer**, o que explicaria o fato de se tomar como injurioso o questionamento das ações feitas."⁸⁹

Esses apelos discursivos trabalham assim o consenso sobre a importância e a necessidade da construção de Brasília, criando imagens da cidade do futuro, habitada por um povo

⁸⁹apud Ingedore Koch.op.cit.62

escolhido para nela viver não apenas o último capítulo da epopéia bandeirante, mas o primeiro capítulo do livro do Gênesis, tendo como condutor o herói desbravador, o revolucionário utópico, cuja impetuosidade chega ao ponto de transpor montanhas, abandonar costas e mares e domar a aridez do Planalto Central; um herói arquetípico, que cede aos chamados sedutores da missão que lhe é atribuída por desígnio divino, um profeta que realiza sonhos vaticinados.

"[...] Moisés ou o arquétipo do profeta anunciador dos tempos por vir, ele lê na história aquilo que os outros ainda não vêem. Ele próprio conduzido por uma espécie de impulso sagrado, guia seu povo pelo caminho do futuro."⁹⁰

O presidente aparece como o predestinado, o condutor de homens, construindo-se um lugar de sujeito que ratifica, no imaginário social, todas suas asserções e constrói a adesão popular em torno de um projeto que passa pela sua personalidade, tornando seus discursos uma garantia de verdade. A rede de sentidos criada em torno de Brasília passa então a legitimar a construção da cidade como um objetivo da nação/nacionalidade brasileira e como solução para problemas sociais de toda natureza, apontando para o fim das diferenças

⁹⁰Raoul Girardet. *Op.cit.* p.78

sociais e culturais que seriam neutralizadas através de uma obra comum a todos:

"todo o Brasil lutou por ela..."

"Brasília solução para o problema do
Nordeste... '

"naquele sonho as suas esperanças..."

Os discursos exprimiam assim, os anseios nacionais, o opus coletivo, trabalhando uma simbologia atravessada pelo re-criação do mito da Terra Prometida, novo Canaã emergente no caminho de um povo predestinado. Nesta perspectiva, o discurso do profano e do sagrado, imbricados, produzem os mesmos enunciados e estabelecem os mesmos sentidos, construindo constelações de imagens a povoar o imaginário social, reservatório de energias, impulso para a ação. Para Bronislaw Baczko,

"As idéias-imagens utópicas da sociedade prometida eram, assim, veiculadas através de uma linguagem específica e particularmente performativas, a da propaganda que manipulavam todos os símbolos de um futuro glorioso e

solidário." ⁹¹

Assim, o imaginário social, galvanizado pelos discursos veiculadores de figuras míticas, atrai para o Planalto Central milhares de brasileiros de todas as regiões, encantados pela possibilidade de recriação de um novo mundo, de uma sociedade melhor, envoltos nas virtualidades contidas em promessas de futuro, dotadas de alto nível de credibilidade, dadas as posições institucionais de sujeito/autoridade/emissor.

Neste sentido, o discurso apenas desperta a força e o poder do mito emergente, estabelecendo feixes de relações nos sentidos criados, que reavivam e reativam as pulsões profundas que trespasam as motivações sociais.

Longe de aparecer como dimensão falsificadora da realidade, a interpelação mítica constrói uma realidade da qual participam todos os atores do acontecimento em questão, emissores e receptores. A chegada ao grande canteiro de obras que era Brasília à época, com as precárias condições de sobrevivência/instalação que oferecia, não representava assim uma decepção, uma desilusão: apenas uma etapa, um momento na direção do sonho. A ideologia, no sentido acima explicitado, de direcionadora de sentidos, adquire a face do poder, entendido segundo Foucault, como "a conduta da conduta". Ou seja, os comportamentos são engendrados a partir de sentidos e valores hegemônicos; no caso de Brasília, o exercício de um poder coercitivo não teria resultado em uma tal conjugação de forças e

⁹¹Bronislaw Baczko. Op.cit.p.380..

esforços que criaram uma cidade em apenas três anos. O poder disseminado, fundamentado em uma rede de sentidos comum aos emissores/receptores, enraizado em um imaginário constitutivo, dimensão da realidade, verticaliza-se na polifonia institucional articuladora dos movimentos sociais e sua ordenação/hierarquização/adoção de papéis, identificação de grupos e sua espacialização.

Brasília-símbolo, Brasília-epopéia, Brasília-locus privilegiado de emergência do Paraíso Perdido, engendrou Brasília-cidade assentada em imagens de uma felicidade a ser ganha/conquistada.

. *A fala do povo.*

Eu deixei o meu Nordeste
dentro de um fenemê
Eu cheguei em Goiás
Tô doidinho por ocê

Por cima dos pneus pilipe
Vinhã todas "imbulaça"
trazendo no coração
Um FENEMÊ D'Esperança

Natalino Cavalcante.

Na perspectiva da inteligibilidade de um momento histórico, afastando-se os anacronismos conceituais, pretende-se aqui auscultar a trama de sentidos gerados por discursos que escapam à tipologia do político propriamente dito. Este novo **corpus** constitui-se do que chamamos discursos populares, ligados à construção de Brasília, buscando suas matrizes discursivas e tentando detectar a **imagerie** produzida pelos enunciados a serem analisados..

As representações geradas pelos discursos permitem-nos penetrar na percepção e construção da realidade, articulando-se no imaginário os elementos ordenadores, valorativos, mobilizadores, interpelativos, transformativos, veiculadores de **construtos** enunciativos com valor de verdade, aceitos como tal. Para Roger Chartier,

"[...]as percepções sociais não são de forma alguma discurso neutros: produzem estratégias e práticas (sociais,

escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas."¹

Para a formação desse **corpus** utilizaremos textos escritos à época da construção de Brasília:

a) um discurso popular litarário- **Diário de um candango** de José Marques da Silva, onde faz um depoimento em forma de diário sobre a realidade cotidiana de um candango na construção de Brasília;

b) **O candango na fundação de Brasília** de Sebastião Varela, em forma de cordel, que apresenta um relato da fundação de Brasília do ponto de vista do candango;

c) **Piotários e Pioneiros ou a epopéia de Marcília** de Natalino Cavalcante, escritos em forma de panfleto, sátira sobre a construção de Brasília, também sob a ótica do candango.

Interessa-nos nessa análise não a voz do autor, sujeito-suporte do discurso, mas os sentidos veiculados pela fala, que compõe a trama significativa relativa ao acontecimento em questão, emergindo em compatibilidades, ressemantizações,

¹Roger Chartier. **História cultural, entre práticas e representações**. RJ, Difel, 1990, p.17

contradições em relação aos discursos anteriormente analisados. Neste sentido, o autor aqui é contemplado em sua função e posição de sujeito, não em sua individualidade, mas em sua dispersão; desta forma, os enunciados a serem analisados não serão separados por autor, mas apresentados em conjuntos significantes.

Partindo da afirmação de que o discurso é uma dispersão de texto e o texto é uma dispersão do sujeito, Eni Orlandi acentua que o discurso é caracterizado duplamente pela dispersão: a dos textos e a do sujeito.

"[...] trata-se desta vez de se considerar a unidade na dispersão: de um lado, a dispersão dos textos e a dispersão do sujeito; do outro, a unidade do discurso e a identidade do autor. As dicotomias são, pois: texto/discurso/sujeito/autor. [...] Assim o conceito de discurso despossui o sujeito falante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento dos enunciados, cuja condições de possibilidade são sistematicamente articuladas sobre formação ideológicas." ²

²Eni Orlandi. *Discurso e leitura*, São Paulo, Cortez Editora, 1988, p.57/69.

Nossa abordagem supõe, portanto, uma noção de história como "[...] o estudo de processos com os quais se constrói um sentido"³, seguindo definição de Roger Chartier. Os sentidos, entretanto, fazem-se na comunicação e o mundo dado a ver, olhar e ouvir passa pela recepção ativa dos interlocutores. Ou seja, os textos - não importando o tipo de sua materialidade - não se imprimem nas consciências, mas são por elas trabalhados. Ainda segundo Chartier,

"Rompendo com a antiga idéia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único - o qual a crítica tinha a obrigação de identificar- dirige-se (a história) às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significação ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação, de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de

³Roger Chartier. *op.cit.* p.27

apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação." ⁴

Nesta análise não consideramos a dicotomia tradicional cultura popular/ erudita ou letrada, pois suas produções integram plenamente a noção de discurso, emergentes em condições de produção específicas, único na emergência de sua positividade. Abandona-se aqui a noção de cultura popular moldada pela produção intelectual de uma elite, seguindo uma trilha já marcada, instância repetidora, hierárquica e naturalmente situada em posição de inferioridade. Ginzburg discute esta questão em "Os queijos e os vermes" trabalhando a questão da representatividade de um indivíduo em relação à cultura popular-camponesa de seu tempo: Menocchio não era um camponês "típico", um tipo "médio" de sua época, mas segundo este autor,

"[...] esta singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo [...] Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro

⁴idem, *ibid.* p. 27/28

da qual se exercita a liberdade
condicionada de cada um."⁵

Para Roger Chartier, o que importa, no debate atual, não é saber se o "popular" é o criado pelo povo, ou para o povo; o que interessa é "[...] identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais."⁶

As vozes populares, portanto, fazem parte das séries discursivas, no momento histórico que nos interessa, o da construção de uma nova cidade no interior do país, que se imbricam à rede semântica erigida em torno deste novo objeto de discurso, Brasília. A constituição deste novo corpus, assim, não pretende contrapor ao discurso político dos letrados, o discurso "simplório" do popular; com Chartier, pretendemos que ambos participam de uma relação que diz respeito à formas, conteúdos, códigos de expressão e sistemas de representação e assim,

"Estes cruzamentos não devem ser
entendidos como relações de
exterioridade entre dois conjuntos
estabelecidos de antemão e sobrepostos
(um letrado, outro popular) mas como

⁵Carlo Ginzburg. O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. SP, Cia da Letras, 1987. p. 27

⁶Roger Chartier. op. cit. p. 56

produtores de "ligas" culturais ou intelectuais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados uns nos outros como nas ligas metálicas"⁷

Assim, estes poetas populares traduzem em seu discurso os sentimentos dos primeiros candangos: suas desesperanças/ tristezas/ humores/ sarcasmos, mas o que aqui nos interessa não é a representação fiel dessa realidade, e sim as condições de possibilidade de permanência de certas representações do imaginário; considera-se, portanto, os efeitos de sentido dos acontecimentos discursivos que ensejam imagens, cuja organização visa produzir mais do que mera descrição formal de uma realidade exterior, pois aqui consideramos que o real, segundo Chartier

"[...] assume um novo sentido: aquilo que é real, efectivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade de sua produção e na intencionalidade de sua escrita." ⁸

⁷Roger Chartier.op.cit. p.56

⁸Roger Chartier.op.cit.p.63

Da mesma forma, encontramos em Giles Deleuze o tratamento indissociável do real e do imaginário:

"Não se sabe mais o que é imaginário ou real, físico ou mental na situação, não que seja confundido, mas porque não é preciso saber, e nem mesmo há lugar para a pergunta. É como se o real e o imaginário corressem um atrás do outro, se refletissem um no outro, em torno de um ponto de indiscernibilidade" ⁹

Buscaremos apreender, igualmente, as constelações de imagens que povoam estes discursos sobre Brasília ou seja, sob que formas é percebido e articulado o imenso movimento social que resultou na construção da nova capital. No âmbito do discurso popular, tentaremos detectar a ressurgência do mito, sua epifania em novas formulações, em novos enunciados que repetem o já-dito, sem entretanto dizer exatamente a mesma coisa. O apelo ao mito, se existe, já é um outro, construindo uma inteligibilidade eivada de novos sentidos e representações, em torno da constante busca de uma utopia: um locus de felicidade, prosperidade e paz social. Para George Gusdorf,

⁹Gilles Deleuze. *A imagem-tempo*, Rio de Janeiro, Brasiliense, 1985, p.16.

"Graças ao mito, o insólito se vê reduzido ao costumeiro. Acontece sempre a mesma coisa, isto é, não acontece nada. Em todos os sentidos das palavras o mito é um princípio de conservação para o grupo humano, que reduz toda experiência possível a um gigantesco fenômeno do já visto. A consciência mítica neutraliza com maior facilidade o acontecimento insólito" ¹⁰

Nesse caso é o cotidiano dos candangos que extravasa sobre o real e se identifica como o insólito, o espetacular. E por falar em candango, antes de adentrarmos o discurso popular, concederemos uma fala ao construtor intelectual de Brasília:

"Os futuros intérpretes da civilização brasileira, ao analisar este período da nossa história não de deter-se com assombro ante a figura bronzeada desse tã anônimo, que é o candango, herói obscuro e formidável da construção de Brasília e para qual desejo ter neste discurso a palavra calorosa

¹⁰Georges Gusdorf. *Mito e metafísica*, São Paulo, Convívio, 1977, p.45.

do merecido louvor. Enquanto os descrentes sorriam da pretendida utopia da cidade nova que eu me dispusera a constituir, os candangos se encarregaram de responder por mim, trabalhando dia e noite para que até ai se cumprisse, no meu governo, a letra da constituição"¹¹

Nas imagens geradas pela fala do presidente Juscelino Kubitschek, constrói-se a figura de um novo herói, sujeito coletivo, corajoso, determinado, identificado inteiramente ao idealizador de Brasília, a ponto de se substituir a ele e trazer para o plano da materialidade o que era apenas um sonho, um ideal. Uma descrição física e psicológica do candango, à imagem e semelhança do sertanejo, imagem moldada em torno da idéia de força e determinação.

Porquê candango?

De acordo com Aurélio Buarque, é a " designação dada aos operários das grandes obras de construção de Brasília(DF), de ordinário vindos do Nordeste: por extensão qualquer dos primeiros habitantes de Brasília" ¹² Além da definição, o candango ganha então, em Brasília, a conotação do caçador de sonhos, domesticador do medo e dos espaços. O mito do herói é deslocado da pessoa do presidente J.K. para a massa anônima: há um deslizamento

¹¹Juscelino Kubitschek. Discurso-1960-, Rio de Janeiro, 1961, p. 140.

¹²Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, 2a.ed.

de sentido, nesta perspectiva, na medida em que a ênfase agora é dada aos homens , aos realizadores da obra e não à cidade propriamente dita. Passa-se do mito da busca do Paraíso Perdido, ao mito do herói-povo , construtor de seu destino.

Vejamos os fragmentos discursivos que agrupamos em torno de certos sentidos axiais: identificadores-heróicos/ apelo-mítico/ integração nacional, desamparo/esperança, louvação do herói.

Identificadores-Heróicos:

"Não demorou não senhor
foi gente de borbotão
três quartos pau de arara
que vinham de caminhões
vindo de todo o Nordeste
o forte macho candango
acostumado com secas
em todo aquele sertão"¹³

"Homem acostumado ao labor de seis às
seis, a pão e água, os candangos com um
pouco mais de dinheiro e ração,

¹³Sebastião Varela. O candango na fundação de Brasília, Brasília, 1981,(litaratura de Cordel), p.57.

facilmente se adaptaram ao trabalho de verdadeiro titã. Jornada de vinte e mais horas foram realizadas por eles, muitos jamais voltaram as suas terras-caíram debilitados sobre o vermelho solo de Marcília. Que fazer... a grande obra deveria ser feita, mesmo que para tal fosse necessário o juramento de sangue de centenas, o suor de milhares e as lágrimas de muitos".¹⁴

"Nada lhes é adverso: se vem o vento e lhes derruba o barraco, lá estão eles no outro dia remendando o que a fatalidade obstruiu, assoviando alegremente uma música do Nordeste, ou cantando uma canção de Nelson Gonçalves." ¹⁵

"E o candango?
Jamais, mesmo passando fome e sofrendo privações perde o bom senso e o humor que

¹⁴Natalino Cavalcante. *Piotários e pioneiros*, Brasília, Itiquira, 1984, p.21.

¹⁵Sebastião Varela. *Op.cit.* p.16.

o caracteriza e o distinguem, como o sapateiro Baiano, que diz - Ó senhor ai da sanfona, sapeque um baião de Luis Gonzaga, que nós queremos escutar -." ¹⁶

Estes enunciados trabalham a identidade e a figura do candango, delimitando suas origens regionais e suas qualidades: **macho** na voz popular seria quase sinônimo de nordestino, maioria absoluta entre os candangos; **viril** no discurso político representava a decisão, o ato da realização de Brasília. Uma união de homens, em torno de um ideal másculo, cujas dificuldades não só eram superadas, como o eram com alegria e desprendimento.

De fato, na época de sua construção, as mulheres estiveram ausentes de Brasília, a não ser em locais específicos de prostituição -Cidade Livre-criando-se assim uma grande sociedade dominada por valores socialmente considerados masculinos, tais como a força, a resistência, a capacidade de trabalho. A isto o discurso acresce a união em torno de um dever quase sagrado, que merece todo sacrifício, sangue, suor e lágrimas em troca de **apenas um pouco mais de ração**. Animais de carga ou homens inquebrantáveis? A ambiguidade perpassa o texto, o trabalho é uma fatalidade, a mesma talvez que se revela na seca ou nos vendavais. O tom mescla diferentes sentimentos, resignação, uma

¹⁶Idem, Ibid. p.21.

alegria um pouco forçada,matizada de nostalgia. O candango é identificado assim como o sujeito central na saga da construção da nova cidade, que vai surgir de seu esforço e vontade.

O estilo de músicas cantadas por Nelson Gonçalves, acima evocado, apela à nostalgia, um vague à l'âme amoroso, carência afetiva,ausência da família, valor tão caro ao nordeste; Luis Gonzaga, por sua vez, tipicamente nordestino reafirma a identidade no regionalismo.Construtores de Brasília,sim; mas nordestinos.

Tanto na fala do presidente Juscelino Kubitschek, acima citada, como no discurso popular, a tônica argumentativa é a mesma: coragem, bravura, destemor e fidelidade do candango. São enunciados que se repetem e criam cadeias de imagens cristalizadas na figura do homem bom, honesto e cumpridor do seu dever: nada lhes é adverso se têm coragem, esperança e um guia a conduzi-los para o seu destino:"verdadeiros titãs", a sombra mitológica delineia o perfil do candango.Bronislaw Baczko afirma que,

"O social produz-se através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam- se dotam-se de uma identidade coletiva e designam as suas relações com as instituições políticas etc.[...] Assim se define um código coletivo segundo o qual se exprimem as

necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais."¹⁷

De acordo com Foucault há sempre uma recorrência na enunciação

"[...]não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualiza outros enunciados. [...] não há enunciado que não suponha outros: não há nenhum que não tenha em torno de si, um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de função e de papéis."¹⁸

A ousada obstinação do presidente em construir Brasília, aliado a uma intensa propaganda oficial e ao apoio de uma corrente intelectual que lhe fornecia embasamento teórico na elaboração da ideologia do desenvolvimento, a arrancada para o futuro, a eliminação do subdesenvolvimento como etapa final fizeram da cidade um marco decisivo no imaginário social.

De fato, o governo JK foi marcado por transformações de grande alcance, sobretudo na área econômica,

¹⁷Bronislaw Baczko. *op.cit.* p.307

¹⁸Michel Foucault. *Arqueologia do saber*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987, p.113/114

realizadas através do plano de metas (31 metas), entre as quais energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação e a construção da nova capital, considerada meta- síntese de seu governo. Esta política desenvolvimentista utilizava o Estado como instrumento coordenador do desenvolvimento, estimulando o empresariado nacional, mas também criando um clima favorável à entrada do capital estrangeiro, quer na forma de empréstimos, quer na forma de investimento direto. Seu apoio ao capital internacional era na verdade o trunfo de que dispunha para garantir o afluxo de capitais capazes de possibilitar a execução de seu programa de metas.

Neste ponto, o discurso de JK ilustra bem seus propósitos:

Não hesitei, reclamei, estimulei a cooperação técnica e de capitais estrangeiros. Não ignorava que o Brasil retrocederia na batalha da industrialização se continuasse apenas na defensiva; tínhamos de enfrentar decididamente as dificuldades, provocar e criar prosperidade. E o concurso do capital e da técnica do estrangeiro nos era indispensável."¹⁹

Este discurso desenvolvimentista revigora um processo de internacionalização da economia brasileira, criando um clima mobilizador em torno da meta-síntese do programa governamental, garantindo unidade e empenho em torno da grande obra, conseguindo transformar, de acordo com Míriam Limoeiro,

¹⁹Juscelino Kubitschek de Oliveira. *A marcha do amanhecer*. SP, BestSeller, 1962, p. 191

"[...] o objetivo de um grupo social restrito, de uma fração de classe, em aspiração coletiva, em motivação. Os aspectos político-ideológicos são apenas justificativas, pois a ação - pelo menos a ação proposta - é decididamente econômica." ²⁰

Assim, a construção de Brasília assumia, dentro da política desenvolvimentista, o caráter simbólico das metas pretendidas, uma vez que esta incorporava o objetivo de crescimento e integração nacional. A associação do candango a esta obra reforça uma identidade, e sua imagem passa a ser um dos símbolos de Brasília : o candango percebe-se e é visto como peça fundamental, o tijolo necessário para edificação dos sonhos do presidente e da população brasileira, imagem constituinte do discurso sobre Brasília. - "Os candangos se encarregaram de responder por mim, trabalhando dia e noite...."

Apelo mítico/integração nacional:

²⁰ Míriam Limoeiro Cardoso. *Ideologia do desenvolvimento* (Brasil:JK-JQ), RJ, Paz e Terra, 1977, p.340

"E assim esta notícia espalhou
neste Brasil; a maior da construção
em Goiás era Brasília, era a cidade mais
nova que no Planalto nascia em nosso
Brasil central: a capital do país ''²¹

"A maioria dos que atendiam ao
chamamento vinha do Nordeste- eternos
caminhantes na busca de melhores dias
esses denodados paus-de-arara" ²²

"Atendendo o chamado do bandeirante
teleguiado, de todos os recantos da
pátria, se deslocaram os candangos com o
endereço de Marcília: do Arroio Chuí do
Prata, do Atlântico ao Paraguai, ouviu-
se o chamamento do Novo Cabral. Diziam
todos- o novo Eldorado agora está
instalado no coração da pátria e não
mais em São Paulo ou no Paraná." ²³

²¹Sebastião Varela. op.cit. p.57.

²²Natalino Cavalcante. Op.cit. p.21.

²³Idem, ibid.

"Todos embarcaram em direção à arca salvadora. Jornais de todos os recantos lançam manchetes escandalosas anunciando a nova era que surgiria para a integridade nacional " ²⁴

É interessante notar a reinscrição do apelo mítico, desta feita, na cisão entre o sujeito da enunciação (o autor) e o sujeito dos enunciados (o candango) utilizando-se a forma narrativa, não interpelativa, ressemantizados assim, os enunciados dos idealizadores de Brasília, como vimos acima. Segundo Foucault,

"Enquanto uma enunciação pode ser recomeçada ou reatualizada, o enunciado tem a particularidade de poder ser repetido: mas sempre em condições estritas. ²⁵[...] Os esquemas de utilização, as regras de emprego, as constelações em que podem desempenhar um papel, suas virtualidades estratégicas,

²⁴Idem, ibid. p.21.

²⁵Michel Foucault. op.cit. p.121

constituem para os enunciados um campo de estabilização que permite, apesar de todas as diferenças de enunciação, repeti-los em sua identidade.[...] se o conteúdo informativo e as possibilidades de utilização são as mesmas, poderemos dizer que ambos os casos constituem o mesmo enunciado."²⁶

A rede de sentidos instaurada assegura portanto a repetição dos enunciados míticos, apesar das instâncias de repetição não serem coincidentes.As lexias chamado/chamamento, atração, bandeirante, eldorado, coração da pátria, nova era, arca salvadora, integridade nacional compõe uma constelação de sentidos delineadora do apelo mítico. Para Girardet,este apelo "[...] exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos."²⁷ O papel da mídia na construção desta interpelação mítica é acentuado pelo discurso popular: a historicidade do fato é suplantada pela criação do acontecimento através da mídia,como exprimem as expressões " bandeirantes teleguiado,"manchetes escandalosas".Segundo Baczko,

²⁶idem, ibid.p.119

²⁷Raoul Girardet.Mitos e mitologias politicas.SP, Cia das Letras, 1987,p.13

"[...] os novos circuitos e meios técnicos amplificam extraordinariamente as funções performativas dos discursos difundidos e [...] dos imaginários sociais que eles veiculam.[...]a informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, contaminando-se uns aos outros num amálgama extremamente ativo, através do qual se exerce o poder simbólico." ²⁸

Por outro lado, percebe-se o mapeamento das regiões de promessas, a móvel localização do Eldorado deslocando-se de São Paulo e Paraná para o centro do país. De fato, nos anos 60 esgotara-se a fronteira agrícola paranaense, Estado que acolhera milhares de migrantes entre 1940/60, desbravadores/ destruidores de matas e pinheirais, obstinados/obcecados pelo ouro negro vegetal: o café.²⁹ As incessantes migrações verificadas no século XX no Brasil não cessaram de obedecer a apelos míticos, sejam eles de ordem econômica -riqueza fácil, Eldorado- sejam de ordem renovadora/ mística, Paraíso, Canaã, Terra Prometida.

²⁸Bronislaw Baczko.op.cit.p.313/314

²⁹ver a este respeito, Tania Navarro Swain.Des grands espaces vides au capitalisme agraire. Le cas du Paraná, 1940/70.Paris, tese de doutorado, Paris III, 1979.

Dessa forma não é difícil entender a disposição do sertanejo que contagiado pelo mito Brasília, vislumbra a perspectiva de mudança em sua vida, numa terra da qual se ouvia maravilhas, aquelas que perseguia em seus sonhos. O apelo era forte demais e a realização, a vinda para a participação efetiva na construção do sonho estava ao alcance de todos os homens.

De onde vinham? de toda parte, todos os recantos, todas as moradas, determinados a enfrentar qualquer barreira.

Se a corrida para o ouro na Califórnia mobilizou 350 mil pessoas entre 1848 e 1869, ou seja, em vinte anos, em apenas três anos quase a metade deste contingente dirigiu-se para Brasília, rumo ao canteiro de obras; entre 1957/60 cerca de 145.276 migrantes vieram a Brasília oriundos de: Goiás, 44.943; Minas Gerais, 20.725; Guanabara, 15.403; Piauí, 8.616; Bahia, 61.601; São Paulo, 8.618; Paraíba, 7.886; Ceará; 7.338; Pernambuco; 7.336; Rio de Janeiro, 3.517; Rio G. do Norte, 3.672; outros estados, 9.702; estrangeiros, 918 ³⁰

Como chegavam? a pé, de trem, de pau-de-arara, de Fenemê (caminhão), o transporte não importava, o que importava mesmo, era chegar e tomar parte no " mutirão nacional".

Desamparo/esperança:

³⁰CODEPLAN. Anuário de Brasília, Brasília, 1973, 3 ed. p.35.

"Hoje o candango é esquecido e vive sem
proteção
perderam a mocidade
nesta grande construção
vivem nas cidades satélites
porém sem satisfação"³¹

"São estas cenas passadas
especiais de Brasília
Bolando plano e projetos
a flor do nosso Brasil
sonetos de acalento
também deles denegritos(sic)
isto aqui foi uma luta
aqui se foi muitas vidas
o candango hoje é esquecido." ³²

"O candango nunca deve saber quanto vale,
nasceu pra burro de carga e como tal
deve continuar. Onde existe uma obra de
grandeza nacional lá estão eles,
alimentando sempre uma esperança de
melhores dias. "³³

³¹Sebastião Varela, op.cit. p.15

³²Idem, ibid. p.175.

³³Natalino Cavalcante. Op.cit. p.30.

"Eu não tenho onde morar!

É verdade leitores, o candango deve cantar isso, pois sua casa é o mundo, o seu teto é o teto do céu." ³⁴

"Os candangos não mais reclamam nada; estão mesmo pobres, pobres como jó! Brasília os despojara de tudo o que tinham, deixando -os ao léu." ³⁵

"E Brasília candango?

Há de melhorar mais tarde. Quando melhorar, aqui estaremos de novo com aquela mesma disposição que sempre nos distinguiu." ³⁶

Longe de constituir uma ilusão ou um discurso ilusório mistificador, dissimulador de uma exploração do indivíduo, a interpelação mítica é constitutiva da realidade, uma vez que os

³⁴José Marques da Silva. *Diário de um candango*, Rio de Janeiro, edições cruzeiro, s/d, p.139.

³⁵op, cit. p.138

³⁶idem. *ibid.* p.144.

agentes/atos e suas representações são, como afirma Baczko, indissociáveis.³⁷ Entretanto, na perspectiva de Maffesoli, o imaginário constrói um fantástico cotidiano que mescla, na elaboração do social, o duplo iluminado/obscuro da realidade material e de suas percepções/ representações. De acordo com este autor,

"[...] Se não houvesse uma carga mágica na vida de todo dia, o aspecto mortífero da automatização venceria a pulsão do querer viver. A imagem estranha, fantástica, prospectiva, utópica vale pelo que possui de banal."³⁸

Assim, não se percebe uma cisão/ ruptura entre o apelo mítico e a realidade violenta e difícil de ser trabalhada, pois o imaginário realiza sua fusão no cotidiano, eliminando a esquizofrenia que dela poderia resultar. Neste caso, para Maffesoli, o cotidiano elabora seu fantástico teratológico no imaginário integrando seus aspectos rebarbativos/ insolúveis/

³⁷Bronislaw Baczko.op.cit.p.301

³⁸Michel Maffesoli.A conquista do presente.RJ,Rocco,1984,p.73

deploráveis na dimensão da representação. Para este autor,

"Na verdade, em todos os atos da vida cotidiana, existe um desdobramento, uma secundariedade, expressão da mobilidade existencial no seio da rotina existencial.[...] Introduzir a ficção em sua vida cotidiana é uma manifestação de resistência que escapa à temática ativista da liberação."³⁹.

Como sublinha Baczko, muitas vezes as representações superam os acontecimentos propriamente ditos, ou seja, dão-nos a inteligibilidade da percepção de uma sociedade em relação a ela mesma.

Michelet define o imaginário como sendo o lugar de expressão das expectativas e aspirações populares latentes, mas também como um lugar de certos conflitos entre o povo e as forças que o oprimem. ⁴⁰ Reafirmando esse conflito Gilbert Durand acentua que,

³⁹Michel Maffesoli. **A conquista do presente**.RJ, Rocco, 1984, p.69

⁴⁰Apud Bronislaw Baczko. **Imaginário social**, Op.cit.p.303.

"A imaginação simbólica aparece como sistema de 'força de coesão' antagonista. As imagens simbólicas se equilibram, umas e outras, mais ou menos sutilmente, mais ou menos globalmente, conforme a coesão da sociedade e também conforme o grau de integração dos indivíduos nos grupos."⁴¹

Brasília-símbolo de união/identidade
esperança, emergência de uma nova era supera o desânimo que sobrevêm após a euforia dos primeiros tempos e esboça a imagem da volta, do retorno à cidade, amante que só demonstra repúdio, abandono e esquecimento. As superfícies discursivas acima explicitadas fazem emergir imagens de luta, morte, velhice, desprezo, que são, entretanto, trabalhadas sem revolta, numa atmosfera de resignação, de naturalização de uma certa condição humana: "o candango... nasceu para burro de carga e como tal deve ficar..... não mais reclama nada... estão pobres como jó... eu não tenho onde morar. Entretanto, em sua identidade está marcada a esperança de melhores dias, que renasce a cada instante:" aqui estaremos de novo, com aquela disposição que sempre nos distinguiu. "

⁴¹Gilbert Durand. *A imaginação Simbólica*, São Paulo, Cultrix, 1986, p.42.

Esta disposição demonstra a pregnância do imaginário mítico, cuja ação não se dá em termos de mistificação da realidade, mas no sentido de uma visão, de uma representação que para o candango é a própria realidade. Assim, os acidentes, as mortes ocorridas por ocasião das obras, a precariedade da existência é transformada em suas condições de possibilidade/ realidade. Como afirma Roger Chartier,"

"a problemática do 'mundo como representação', moldando através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração deste tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real".⁴²

De fato, o discurso popular fala de uma realidade que é oposta à certas descrições: por exemplo. Os acidentes eram frequentes nas 'viradas' que, segundo Nair Bicalho, eram jornadas de trabalho atingindo 14 a 18 horas diárias dando um ritmo incansável às máquinas, dia e noite e os domingos e feriados

⁴²Roger Chartier. A história cultural entre práticas e representações. RJ, Difel, 1990, p. 23/24

eram dedicados às horas extras.⁴³ De acordo com a mesma autora, registros de moradores antigos descrevem um cenário pouco confortável nos acampamentos, que incluíam alojamentos compostos por galpões com dez a quinze quartos, com beliches de dois a três andares; os colchões eram de capim e a falta de higiene nos alojamentos favorecia a presença de percevejos, pulgas e piolhos. O sanitário era uma 'casinha' com porta de lona ou um simples buraco cavado no chão.

Segundo Maingueneau,

"A comunidade se estrutura pelo mesmo movimento que gera os enunciados, suscetíveis, por sua vez, de tematizar, por vezes sutilmente, as instituições na qual eles estão implicados e sua própria interação com estas últimas. Este elo crucial entre o fazer e o dizer de uma comunidade representa o ponto cego do discurso, a evidência primeira que funda a crença."⁴⁴

⁴³conf. em Nair Heloísa Bicalho. *Construtores de Brasília*. Petrópolis, Vozes, 1983, p.36 e 37

⁴⁴Dominique Maingueneau. *Novas tendências em análise do discurso*, São Paulo, Pontes, 1989, p.70.

Parece ser possível suportar a miséria e penosas condições de trabalho-" Brasília o despojara de tudo..." "Sua casa é o mundo..." O que fazer? " E Brasília candango? há de melhorar..." Como dizia Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa, "cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo!... e por isso Deus existe, mesmo quando não há".⁴⁵

Neste jogo de imagens as queixas do discurso popular são desvitalizadas; ritualiza-se no cotidiano a expressão do *catimbó*, "o universo dos ideais e anseios populares por uma vida melhor, que propocione a todos a oportunidade de libertação do pauperismo físico e espiritual. Libertação da fome, da doença, da exploração desumana do seu trabalho, da negação de sua pessoa."⁴⁶

As práticas não-discursivas fazem entretanto, parte deste universo de sentidos, já que o trabalho em Brasília era rigorosamente ordenado/ regulamentado em setores, zonas, punições, deportações, interditos. Uma rígida organização do trabalho/ moradia/ diversão/ circulação nega a identidade que o discurso constrói e justamente reafirma para não perde-la.

Os discursos populares em questão desconstroem a perspectiva mítica, apenas para melhor reatualizá-la na ênfase da esperança, ou, como sublinha Baczko, "[...]uma sociedade desencantada, mas nem por isso desprovida de sonho e do

⁴⁵J. Guimarães Rosa. *Grande Sertão:Veredas*, Rio de Janeiro, Editora José Olímpio, p.46.

⁴⁶Luis Beltrão. *Comunicação popular e região no Brasil*, in: *Comunicação/Incomunicação*, São Paulo, Loyola, 1976, p.41/2.

seu próprio sistema de representação imaginária."⁴⁷ O conteúdo argumentativo destes fragmentos discursivos poderia constituir, segundo Osakabe,

"[...] uma espécie de operação que visa fazer com que o ouvinte não apenas se inteire da imagem que o locutor faz do referente, mas principalmente que o ouvinte aceite essas imagens".⁴⁸

A anedota seguinte ilustra bem a atitude trabalhada pela imagem idílica de Brasília-símbolo: "Certo candango escreveu para sua mãe uma entusiasmada carta dizendo que estava em Brasília e já possuía até uma casa construída com 200 sacos de cimento; ao receber a entusiástica mensagem a velha ficou satisfeita e tratou de vir para Brasília ao encontro de seu amado filho. Após mais de vinte penosos dias nas duras tábuas de um **Fenemê**, chegou à terra afortunada onde residia o filho milionário. Chegando em Brasília, encontrou o filho amarelo de tanto perder noite de sono e residindo num barraco feito de saco de cimento. Ficou desapontada, mas não desanimada. O candango havia esquecido de mencionar que os 200 sacos de cimento eram vazios."⁴⁹ O filho

⁴⁷Bronislaw Bazcko. *Op.cit.* p.395.

⁴⁸Haqira Osakabe. *Argumentação e discurso político*, São Paulo, Kairós, 1979, p.82.

⁴⁹Natalino Cavalcante. *Op.cit.* p. 23.

"havia esquecido..." "Ficou desapontada, mas não desanimada..."

Louvação do Herói:

"Juscelino não inventou
porém foi quem construiu
se ele não executa
outro não se atreveria
pois de sessenta pra cá
só se vê é carestia"⁵⁰

"Quando Juscelino chegava
todos mudavam a feição
era o chefe do governo
cheio de satisfação
sentia-se que seu prazer
era esta construção"⁵¹

"Um cidadão sorridente
complementava os candangos

⁵⁰Idem, *ibid.* p. 76.

⁵¹Sebastião Varela. *Op.cit.* p. 37.

dizia estão satisfeitos
isto aqui é um sertão
mais tarde vai ser a redia
a capital da nação" ⁵²

"Entre todos os presidentes
foi ele o mais popular
a sua política foi
só mesmo de trabalhar
se um dia ele desaparecer
todos tem que se lembrar." ⁵³

"Vez por outra Umbelino aparecia
para dar conforto moral à candangada,
candango na frente do regente fica
todo fofo." ⁵⁴

"A você, seja qual for a crença ou
a religião, que fecha o livro, não feche
sem antes realizar uma oração pelo
presidente da República." ⁵⁵

⁵²Idem, ibid.

⁵³Idem, ibid. p. 156.

⁵⁴Natalino Cavalcante. Op.cit. p.21.

⁵⁵Sebastião Varela. op.cit. p.150.

Nestes fragmentos discursivos fundem-se as imagens do herói-presidente e do herói-povo, em uma identificação tal que apaga mesmo as dificuldades pela emoção do encontro e do sorriso, o sorriso do Nonô, como era chamado carinhosamente Juscelino. Havia mesmo uma música, à época, que era cantada por todos e identificada a Juscelino: "como pode um peixe vivo,
viver fora da água fria?
como poderei viver,
como poderei viver,
sem a tua, sem a tua,
sem a tua companhia?"

Para Max Weber, os fundadores das religiões mundiais, profetas, bem como os heróis militares e políticos são os arquétipos do líder carismático: milagres e revelações, feitos heróicos de valor e êxito surpreendentes são marca característica de sua estatura..⁵⁶ Neste sentido JK reveste-se das qualidades do líder carismático, que ainda segundo Weber, toma a si uma tarefa determinada, é reconhecido por seus seguidores para tal e mantém seu perfil carismático na medida em que consegue realizar o empreendimento iniciado. O fracasso é a sua ruína. Assim, para Weber,

"O caráter carismático existe em quase todas as autoridades primitivas, com a

⁵⁶Max Weber. *Ensaio de sociologia*, RJ, Zahar Ed. 1974, p. 70

exceção do poder doméstico no sentido mais limitado, e o chefe é, com frequência, simplesmente abandonado se o êxito não lhe permanece fiel."⁵⁷

JK consegue atingir sua meta de construir Brasília e transferir a capital e sua imagem permanece ligada à cidade em um de seus monumentos, o Memorial JK, que abriga seus restos mortais e todo um acervo ligado à sua vida e suas realizações. A imagem do presidente sobrepõe-se a qualquer desencanto; há como que uma incorporação da figura do herói aos próprios valores do candango e um bom indicador dessas imagens coletivas é a própria maneira como o discurso popular registra o momento de emoção diante da presença do presidente.

"Quando Juscelino chegava todos mudavam a feição...", "Candango na frente do regente fica todo fofo"..., "Um cidadão sorridente complementava os candangos"..., "Entre todos os presidente foi ele o mais popular"...

Nele o povo encontra conforto, abrigo, refúgio, proteção, gerando uma situação de cumplicidade entre o candango e seu presidente-herói; é o mito fortalecido, enraizado no imaginário e na realidade histórica. De acordo com Raoul Girardet,

⁵⁷idem, *ibid.* p. 288

"Toda a questão está evidentemente em saber como se opera a passagem do histórico ao mítico, como se opera, em outras palavras, esse misterioso processo de heroificação, que resulta na transmutação do real e em sua observação no imaginário."⁵⁸

Reafirmando o mito, essas imagens não só abrigam esperanças, mas superam o discurso da conveniência e trilham pelos caminhos de um destino inevitável, determinado. Para Baczko,

"[...]ao longo da história o poder carismático assenta em imaginários sociais que o grupo social projetava sobre o chefe carismático. Este último amplificava-os e redistribuía-os, oferecendo ao grupo uma certa identidade coletiva, orientando e canalizando as suas esperanças e angústias."⁵⁹

Satisfação, prazer, alegria, conforto, a presença do presidente-cidadão, ameniza o cotidiano, trazendo até

⁵⁸Raoul Girardet. *Op.cit.* p.71.

⁵⁹Bronislaw Baczko. *op.cit.* p.314

ele, a seu nível, a imagem simbólica do poder maior, do governante, regente, que orquestra a execução do sonho Brasília. De certa forma a força mágica do mito integra o dispositivo do poder disseminando-o pelo social obtendo assim uma força de impulsão e de controle de caráter muito mais persuasivo do que repressivo. Apesar da precariedade das condições de trabalho e alojamento dos candangos, do grande número de mortes por acidente de trabalho, do isolamento e separação das famílias, o entusiasmo não arrefecia.

Segundo Maffesoli, existiria uma relação orgânica que une o fantástico e o cotidiano e esta perspectiva ilumina a relação "[...]ambígua e inquietante que une o indivíduo ao ídolo e ao ícone." ⁶⁰ A identificação, a familiaridade, a proximidade com o ídolo ou o chefe alimentam os sonhos e as fantasias, inserem no cotidiano a dimensão do fascínio, agregando-lhe valor. Ainda de acordo com Maffesoli,

"Esta relação 'totêmica' que pode assumir múltiplas formas encontra-se na fascinação que exercem o chefe, a vedete, o herói, o criminoso, etc., onde a força dessa relação reside no fato de encontrarmos nesse totem, neste

⁶⁰ Michel Maffesoli. *Op.cit.* P.73

ícone, um pedaço de nós mesmos, de
nossa vida." ⁶¹

A identificação a JK. a união mística que se faz em torno deste personagem, ... seja qual for a crença ou a religião... uma prece para o presidente..., galvanizador dos códigos oníricos, faz com que haja uma motivação maior, um impulso carreador de emoções e forças em torno do desbravamento de uma terra e da construção de uma cidade ideal.

A busca de um Paraíso Perdido, de um locus de abundância e felicidade reemerge coordenando as mais diferentes ações em épocas/locais completamente distanciados: seja, por exemplo, com os puritanos do século XVII, chegando na América do Norte e visando a re-construção do paraíso, seja com os candangos refazendo o mundo em Brasília no século XX, revela-se a pregnância do mito da renovação e do re-encontro. O herói mítico é o canalizador, o receptáculo das emoções, o executor dos sonhos coletivos, o condutor dos homens, o homem, ideal-tipo de qualidades e virtudes, encarnação de todos os valores sociais desejáveis, atualizados.

Dessa forma, habitando o mito, o poder institucional entrelaça-se, enreda-se na vida cotidiana, penetrando as motivações e os impulsos coletivos. A este respeito, Paul Veyne sublinha:

⁶¹idem, ibidem.

"Não quero dizer de forma alguma que a imaginação anunciaria as futuras verdades e que deveria estar no poder, mas que as verdades já são imaginações e que a imaginação está no poder desde sempre; ela, e não a realidade, a razão ou o longo trabalho do negativo.⁶²"

⁶²Paul Veyne. *Accreditavam os gregos em seus mitos?*, SP, Brasiliense, 1984, p.10

.A palavra da imprensa.

Na economia das constelações discursiva, criada à ocasião da construção de Brasília, o discurso da imprensa ocupa um dos espaços disponíveis no volume das possibilidades apresentadas pela formação discursiva em questão, isto é, aparece como uma escolha estratégica dentro do exercício da função enunciativa, dentro da mesma prática discursiva, porém apresentando um caráter nitidamente oposto ao que já analisamos. Segundo Foucault, dentro de uma formação discursiva, os discursos podem apresentar pontos de difração, de equivalência, desdobrando-se em relações de analogia, de complementaridade, de oposição. Assim,

"[...] dois elementos incompatíveis são formados da mesma maneira e a partir das mesmas regras; suas condições de aparecimentos são idênticas; situam-se em um mesmo nível; e ao invés de

constituírem uma pura e simples falta de coerência, formam uma alternativa[...]"¹

O discurso da imprensa aparece, desta forma, como um dos elementos constitutivos da rede de sentidos construída à época, ressemantizando enunciados e estabelecendo significações contraditórias. Assim, o enredo épico-mítico contido nos discursos precedentes é inexoravelmente desconstruído, enfatizando-se constantemente as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, o mau uso do dinheiro, a inutilidade da obra, a corrupção. Deste modo, acompanhamos a perspectiva de Maingueneau, para o qual "[...] uma formação discursiva não deve ser concebida como um bloco compacto que se oporia a outros (o discurso comunista contra o discurso democrata-cristão, por exemplo), mas como uma realidade 'heterogênea por si mesma'".²

Para a formação desse **corpus** buscamos subsídios empíricos nas coleções de recortes de jornais do Rio de Janeiro, Última Hora, Diário de Notícias, O Globo, Tribuna da Imprensa, Luta Democrática, A Notícia e Imprensa Popular, no período de 1958 e 1959, montadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, cujas reportagens versam sobre o mesmo tema- A fundação de Brasília-. Foi feita uma seleção de notícias em várias rubricas desses periódicos ou seja, não se procurou estabelecer uma

¹Michel Foucault. *A arqueologia ... op.cit.* p.73

²Dominique Maingueneau. *Novas tendências em análise do discurso.* Campinas, SP, Pontes/Ed. Univ. Campinas, 1989. p.112

regularidade de pesquisa que no caso não nos pareceu significativa. Os enunciados são agrupados por temas e não pelo título dos jornais.

Vejamos os enunciados:

"Dinheiro não falta, canalizados bilhões para o tonel sem fundos de Brasília! - veremos se o Tribunal de contas irá no embrulho, aprovando vultosas contas sem concorrência pública, por preços astronômicos. De certo operará o quantum dos custeios dos regabofes e até de irrisórios campos de golf!...No duro, Brasília será a morte desta cidade, provocará a falência da prefeitura e a insolvência do caricato Estado da Guanabara."(Luta Democrática, Rio de Janeiro, 10 de Julho 1959.)

"Mais de 5 milhões já foram tragados pela voragem de Brasília.-O tribunal de contas decidiu chamar os esbanjadores à prestação de contas. - Que seja implacável são os meus votos("Luta Democrática, Rio de Janeiro, 4 de Junho de 1959.)

Dá à Brasília o que nega aos hospitais!

"O deputado Hernani Maia, em discurso pronunciado na Assembléia Legislativa do Estado, disse que "quase um bilhão de cruzeiros estão sendo ou serão aplicados pelo IAPC, em

Brasília. Frisou o deputado mineiro que enquanto isso ocorrem aplicações de elevadas verbas em Brasília- a autarquia fica devendo, durante meses, a sua contribuição aos hospitais de tuberculosos." Apresentando dados precisos, o deputado Hernani Maia criticou a direção do IAPC, no plano nacional, ressaltando que somente na construção de 13 casas provisórias, de madeiras na nova capital, serão investidos 9 milhões e 500 mil!"(Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 17 de Março de 1959.)

Gastos Nababescos!

"À custa do sacrifício de todas as cidades Brasil, da vida do povo, do aumento da inflação, da alta do dolar e do caos econômico-financeiro, o Sr.Kubitschek ergueu Brasília, cuja história quando verdadeiramente contada, cobrirá de vergonha esta nação. "(Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1958.)

O tom épico/místico/mítico predominante nos discursos anteriores cede lugar à construção de uma outra imagem de Brasília, locus de corrupção e de desmandos, Maelstron exterminador dos recursos e da força da nação. Brasília-catástrofe, Brasília-sacrifício, Brasília-vergonha contrapõe-se à Brasília-símbolo/ identidade/união nacional. O mote da corrupção é uma constante no discurso político brasileiro, como já sublinhava Rui Barbosa," que

se restabeleça a moralidade ou nos locupletemos todos"; a construção de Brasília é uma oportunidade para sua re-emergência.

O discurso da imprensa do Rio de Janeiro traz igualmente em sua composição o profundo descontentamento e a oposição clara ou velada que todo o setor do funcionalismo público demonstrava em relação a esta transferência de capital. O abandono do litoral, da cidade do Rio de Janeiro significava a perda de todo um gênero de vida, de um status privilegiado criado em torno da figura do carioca e da aura de modernidade/liberdade que envolvia a cidade. Brasília representava, de certa forma, uma desqualificação social, um exílio, um banimento, a perda da civilização, um compulsório retorno ao primitivismo. O sacrifício do povo, apontado nos fragmentos discursivos acima, estava longe de ser percebido apenas na dimensão do econômico; as denúncias, entretanto, em torno de gastos mirabolantes, a modificação da conotação de política, que significava trabalho nos discursos precedentes, transformada em corrupção, solidificam, cristalizam o descontentamento destes grupos em torno de argumentos sólidos e concretos: gastos suntuários, descaso com o povo, inutilidade da obra..

Contrapondo a construção de Brasília a um caos generalizado, que atingiria toda a população, ou afunilando as denúncias em relação a setores mais específicos, como a saúde, que estaria sendo sabotada em função do dinheiro gasto com aquela cidade, o discurso da imprensa cria uma devastadora imagem da nova capital: "Brasília será a morte desta capital, provocará a falência da prefeitura e a insolvência ..." De acordo com Bronislaw Baczko,

"Quando uma coletividade se sente agredida pelo exterior- por exemplo uma comunidade do tipo tradicional agredida por um poder centralizado moderno de tipo burocrático - ela põe em marcha, como meio de autodefesa, todo o seu dispositivo imaginário, a fim de mobilizar as energias dos seus membros, unindo e guiando suas ações."³

Os jornais do Rio de Janeiro trazem aos sentidos que se estabelecem o olhar de outrem, canalizando em Brasília o medo do desconhecido, o medo da perda estatutária; desmontam em denúncias os padrões de alteridade, rejeitam a mudança, em seu sentido literal e figurado. As imagens difundidas na imprensa do Rio, que nos aparecem através destes fragmentos discursivos, galvanizam emoções outras em torno de Brasília, de repulsa, de insatisfação, criando o que Baczko chamaria de **contra-imaginário**⁴

A carestia

³Bronislaw Baczko. *op.cit.* p.310

⁴Idem, *ibid.*

Falta de gêneros provoca comícios nas feiras: Donas-de-casa do Rio de Janeiro, condenam o descaso do governo, indiferente ao sofrimento do povo- " Brasília está saindo muito cara para nós, que sofremos as consequências da sua construção" - "preço no atacado é mais alto do que o tabelado para o varejo, declaram os feirantes." (A Notícia, Rio de Janeiro, 8 de Novembro de 1959.)

Fala o povo!

Nunca o custo de vida subiu tanto, nem o povo suportou tantas privações, inclusive a fome, como nestes quatro últimos anos.[...] Na semana passada, por exemplo, na Rádio Nacional, lendo comentário endeusando Brasília, dizia um locutor com tranquilidade de zebu:- "o sacrifício de Brasília compensa estes quatro anos de paz, conforto e tranquilidade que o Sr. Juscelino Kubitschek propiciou à nação"

Virgem! podem ler duzentas vezes! Pra encurtar a história, no mesmo dia, o sr. Israel Pinheiro numa entrevista coletiva, declarou que Brasília vai custar menos que o desmonte do morro de Santo Antonio (vai custar, sabem?). Enquanto isso, o povo que se dane, passando fome ou comendo o pão que JK. amassou, não é?."(Ultima Hora, Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1959.)

O espectro da fome paira sobre o povo por causa de Brasília e segundo a Última Hora, a população faz esta ponte espontaneamente: carestia = Brasília. A inversão de preços atacado/varejo, fenômeno a ser analisado, é atribuída diretamente à construção de Brasília, causa/efeito percebida naturalmente pela população, como um eixo que desvia os próprios mecanismos da economia. Os preços são tabelados no varejo, entretanto as donas de casa revoltam-se com o descaso do governo e em um deslizamento de sentido, com a construção de Brasília. Renova-se a imagem de Brasília como o abismo devastador da economia.

Paz, tranquilidade, conforto, a ironia acompanha a transcrição dos enunciados a serem rejeitados: os olhos mal podem crer no que lêem, subentende-se aí uma comunidade anterior de sentidos, criando uma identidade coletiva entre os receptores, e a adesão imediata à indignação. Maingueneau, trabalhando os diferentes operadores discursivos indica que a ironia

"[...] subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor[...] coloca em cena um 'enunciador' que adota uma posição absurda e cuja alocução não pode assumir. [...] É conveniente jamais perder de vista que a ironia é um gesto

dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica, desinteressada."⁵

Este fragmento discursivo acaba com a eclosão de um imagem forte e saborosa onde o Juscelino-herói/conductor/salvador, dos discursos precedentes, é transformado na figura implícita do demônio, orquestrando maquinações infernais, todas elas, aliás, que levavam ao caos, à fome, à intranquilidade, ao desconforto, sugeridos acima; assim, "o povo que se dane, passando fome ou comendo o pão que o JK amassou".

A decepção

Brasília fronteira da aventura!

"Todos os caminhos levam à Brasília, mas também permitem fugir de lá, pois a verdade é que os paulistas que chegaram na esperança de salários alto e boas oportunidades se desiludiram e estão dando as costas ao Eldorado e voltando para Campinas ou Jundiaí, onde, afinal de conta, se ganha bem mais do que em Brasília." (O Globo, Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1958.)

"Marido e mulher chegaram de muito longe, atraídos pela fama, pela riqueza, pelo futuro de Brasília. Mas tudo custa tão caro e o trabalho tarda tanto e é tão mal remunerado que,

⁵Dominique Maingueneau. Op.cit.p.98/99.

às vezes, na longa espera há um desânimo total de ser pioneiro."(O Globo,Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1958.)

As lexias utilizadas para a construção destas superfícies discursivas utilizam o mesmo repertório analisados no discurso político: **esperança, oportunidades, Eldorado, futuro, riqueza, pioneiro**; entretanto, constroem um sentido totalmente diverso, na medida em que apontam para o caráter mistificador dos discursos sobre Brasília.**Desilusão, fuga, falta de trabalho, remuneração insuficiente**: esta é a **verdade** sobre Brasília.A volta, afinal, é a fatalidade dos que se aventurarem em tais (des)caminhos.

De fato, a luta de imagens que se verifica à época, a respeito de Brasília, representam a tentativa de determinar a hegemonia de um sentido único, ou seja, de criar um **regime de verdade**, uma série de asserções com **valor de verdade**, que assegurem um certo exercício de poder, seja para efetivar a construção/transferência da capital, seja para impedi-lo.⁶

A luta pelo simbólico, pelo imaginário, representa uma face geralmente obscurecida na análise do social; entretanto, como bem

⁶a respeito desta noção de **regime de verdade**, ver Michel foucault.**Microfísica do poder**,RJ,Graal,1979., cap.Verdade e Poder,p.1 a 14

sublinha Gilbert Durand, o imaginário não estaciona ou faz parte do poder, "[...]o imaginário é o poder."⁷

A imoralidade

"As famílias estão desertando de Brasília.

Há carência de habitações, impera a cachaça, os atentados ao pudor, desregramentos de toda ordem, revivendo os tempos nefandos de Sodoma e Gomorra! -Um arremedo de Herculano e Pompéia. Falta um vesúvio para soterrar." (Luta Democrática, 10 de Janeiro de 1959.)

"Brasília, entre outra coisa, está fazendo lembrar agora, os velhos tempos do Oeste americano, com cenas de brigas, tiroteios, crimes, assaltos e atentados, por causa da cachaça que é vendida livremente na área da nova capital.

Esta foi a revelação feita ao vereador Raul Brunini, pela mulher de um funcionário da NOVACAP, que considera Brasília um local impróprio para moradia de famílias. O vereador udenista, falando à Tribuna da Imprensa, disse que Brasília está sendo utilizada por altos funcionários do governo como local para grandes e demoradas farras. Lá tudo acontece rapidamente, pessoas se enriquecem em pouco tempo, de acordo com o "Slogan" de Kubitschek de fazer em

⁷Gilbert Durand. Exploração do imaginário, in Danielle Perrin R. Pitta (org) O imaginário e a simbologia de passagem, Recife, Massangana, 1984, p.12.

cinco anos o que duraria cinquenta."(Tribuna da Imprensa, 8 de 1958.)

"Se desconhece completamente o que se chama solidariedade humana: qualquer pessoa pode cair morta no meio da rua, que ninguém se lembra de pelo menos acender uma vela. O lema de Brasília parece ser o do provérbio : "cada um por si, Deus por todos." É uma cidade de egoístas, que não se interessam absolutamente, pelo destino de quem quer que seja. No começo quando surgiram as primeiras casas, havia ainda uma certa compreensão e ajuda mútua. Hoje o personalismo e o individualismo são características predominantes da população de Brasília"(O Globo, Rio de Janeiro, 14 de Junho de 1958.)

Estes fragmentos discursivos trabalham novas vertentes de argumentação, enfatizando o binômio família/moralidade.O apelo às imagens de Sodoma e Gomorra, Herculano e Pompéia evocam uma sexualidade desregrada, os vícios proliferando, o mal do pecado rondando a inocência do pioneiro/ aventureiro/ ingênuo cidadão que se engaja na aventura-Brasília.

A descrição do cotidiano neste cidade nos traz uma imagética colorida e dinâmica,uma movimentação quase cinematográfica desenrola-se diante do receptor destes comentários:brigas, tiros, crimes, cachaça, as imagens falam por

si. A imoralidade grassa em todas as esferas, dos mais altos funcionários aos trabalhadores humildes, "local impróprio para a moradia de famílias". Além do aspecto propriamente sexual das acusações, "grandes e demoradas farras", outros perigos aguardam o incauto, como a solidão, o desamparo, "pode cair morto no meio da rua", ao lado de, contraditoriamente, um correr de riqueza fácil ao alcance de alguns. Neste sentido, a inversão conotativa do slogan de JK "fazer em cinco anos o que se faria em cinquenta" , aliando-o à corrupção e ao mau uso do dinheiro público, trabalha na construção de uma imagem eminentemente negativa deste personagem. Para Maingueneau, "[...] as comunidades supostas pelas formações discursivas partilham um tesouro de enunciados fundadores, cuja figura extrema será o slogan, a divisa."⁸ A autoridade ligada ao "slogan" do presidente da República é assim subvertida, e a argumentação, trabalhando o dinamismo das imagens, e um horizonte comum de sentidos, desenha um perfil singular de Brasília e de seu idealizador/construtor, JK.

A questão dos costumes, denunciada pelos jornais, era tratada pela polícia em Brasília com a maior severidade. A GEB (Guarda Especial de Brasília) foi criada pela NOVACAP em 1958 para garantir a todo custo o controle da população trabalhadora. Neste sentido, de acordo com Hermes Aquino, a GEB corresponderia plenamente às expectativas do empreendimento oficial, já que exerceu zelosamente sua missão repressiva na área das obras, dos acampamentos e da cidade livre, garantindo o intenso

⁸Dominique Maingueneau.op.cit. p.101

ritmo de trabalho, vigiando para que os candangos não se desviassem de suas tarefas, perdendo tempo ou entregando-se à ingestão imoderada de bebidas alcoólicas, (combatida inclusive de forma violenta).⁹

Para Chartier, estas imagens trazidas pelo discurso da imprensa, seriam

"as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza."¹⁰

A viagem

"O repórter viajou junto com os flagelados, no "Trem pau-de-arara" fretado pelo INIC. Doze horas na escuridão, madrugada adentro, sem água sem comida, ouvindo os dramas dos Sertanejos - o açude do Boqueirão estourou, inundando tudo e

⁹Hermes Aquino Teixeira. Brasília: o outro lado da utopia (1956/1960), Brasília-UnB, Depto. História, Tese de Mestrado, 1982, p. 172

¹⁰Roger Chartier. op. cit. p. 17

matando gente e criação - A futura capital só aceita solteiros, mas os casados querem ir também.

Três foram os carros fretados pelo INIC à capital do Brasil, pagando pelo menos a quantia de 36 mil cruzeiros. Cada comboio contava apenas com um reservatório d'água de 20 litros. O líquido ainda que insuficiente era sujo. Nem um centavo foi dado aos funcionários do INIC que dirigiam os retirantes, ficando os nordestinos sem receber qualquer tipo de alimentação durante o tempo que levaram viajando para a capital bandeirante."(Imprensa Popular, Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1959.)

Em condições dramáticas de traslado, impulsionados pela miséria, pela conjuntura, os nordestinos suportam horas de fome, sede, escuridão, na rota para Brasília. O relato cria imagens que apontam para o descaso, a dificuldade de acesso deixando prever uma indiferença futura por ocasião da chegada. Este parece ser o sentido hegemônico, dentro da rede de significações tecida pela imprensa carioca. Em outro discurso, esta viagem poderia ser percebida como um caminho iniciático, rito de passagem necessário para o alcance de uma nova vida, em num locus privilegiado de promessas. Presente no interdiscurso, este sentido é evacuado desta formulação, pela própria imagem do trem, evocando carga, gado, animais, em seu desamparo sendo levados para um destino incerto.

Para Eni Orlandi, o discurso jornalístico é constituído de uma pluralidade de textos efetivos que, por sua vez, são marcados por formações discursivas diferentes. Este funcionamento discursivo vai, pois, ser

"a atividade estruturante de um discurso determinado, com finalidades específicas. Cada texto tem, assim, uma certa unidade discursiva com que ele se inscreve em um tipo de discurso determinado. Então, no discurso jornalístico, por exemplo, temos textos de formação discursiva X, outros de formação discursiva Y," etc. ¹¹

A tônica destes fragmentos discursivos da imprensa gira em torno de imagens disfóricas: a carência, a miséria, o caos, o desamparo, a imoralidade, a corrupção. O argumento de autoridade é constantemente invocado, a partir de testemunhos idôneos, que incitam o receptor à adesão em relação às afirmativas que tomam peso e valor de verdade. De fato, ao mesmo tempo que estes enunciados criam verdades, pressupõem a conivência de seus interlocutores no direcionamento dado à polifonia dos sentidos. A crítica devastadora à construção de Brasília constitui assim o universo significativo dominante do discurso da imprensa do Rio de Janeiro, aqui analisado.

¹¹Eni, Orlandi. *Discurso e leitura*, São Paulo, Cortez Editora, 1988, p. 60.

.O texto fotográfico

As tradicionais fontes para a análise histórica, constituídas pelos documentos escritos, vem sofrendo um processo de re-dimensionamento, na medida em que, de únicas e constitutivas da análise históricas, passaram a ser um dos recursos à disposição do historiador na pesquisa das temáticas que lhe interessam. Lucien Febvre, fundador da *École des Annales* já no início do século indicava um amplo espectro de fontes para o "fazer do historiador":

" Os textos, sem dúvida; mas todos os textos. E não só os documentos de arquivos em cujo favor se cria um privilégio [...] . Mas também um poema, um quadro, um drama; documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de acção em potência. Os textos, evidentemente; mas não apenas os textos. Também os documentos, seja eles de que natureza forem[...]"¹

¹Lucien Febvre. *Combates pela história*, Lisboa, Ed. Presença, 1977, p.31

Assim, o documento oficial, escrito, foi aos poucos, perdendo sua imponência e mesmo sua prepotência, colocando-se ao lado de inúmeras outras opções, num leque de fontes que hoje se desdobra muito além da "objetividade" da palavra escrita. Marc Ferro comenta a hierarquização das fontes em história a exemplo de uma certo perfil social, na qual os documentos são cuidadosamente divididos em categorias, "[...]os privilegiados, os desclassificados, os plebeus, um lumpen".²

A noção ampliada de texto, enquanto materialização do discurso, acompanha a pluralidade da manifestação discursiva, percorrendo um caminho comum a expressões jornalísticas, cinematográficas, televisivas, publicitárias, literárias, teatrais, expressões correntes de um cotidiano que as constitui e é constituído por elas. Para Marc Ferro, depois do momento de desprezo em relação às fontes não tradicionais, vem o da suspeita, do temor, pois "[...] a idéia de que um gesto poderia ser uma frase, ou o olhar um longo discurso é completamente insuportável."³ Em relação à imagem, Marc Ferro considera que não conseguiu ainda um status específico, como as tradições populares, escritas e não-escritas, mas considera, refletindo sobre a produção cinematográfica, que é necessário

²Marc Ferro. *Cinema e história*, SP, Paz e Terra, 1992, p.82

³idem, *ibid.* p.86

"[...] partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou desmentido de outro saber que é o da tradição escrita. Considerar as imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las."⁴

A fotografia engendra, da mesma forma, textos que podem trazer ao historiador as condições de produção de determinada época em uma formação social específica. Da mesma forma em que o filme compõe um tema e desvela suas condições de produção singulares, as condições que fazem com que seu discurso seja aquele e não um outro qualquer ⁵, a fotografia retrata momentos, mediados por um visor, e agrupados em temáticas pelo analista social. Dupla mediação que, entretanto, é a mesma diante da qual se depara o historiador face ao documento grafado. De toda maneira, no trabalho que pretendemos realizar, utilizando material fotográfico como fonte, acompanhamos as reflexões de Lucien Febvre e seu conceito do "fazer do historiador", extremamente contemporâneo, apesar do distanciamento cronológico:

⁴idem, *ibid.* p.86

⁵Michel Foucault. *L'ordre du discours*, Op.cit, p. 53 e seg.

"A história [...]se edifica, sem exclusões, com tudo o que o engenho dos homens pode inventar e combinar para suprir o silêncio dos textos, os estragos do esquecimento..."⁶

Entretanto, a fotografia apresenta especificidades constitutivas que merecem algumas considerações; a fotografia contém um aspecto denotativo, que introduz a noção de uma *mimesis* perfeita, *analogon*,⁷ que não necessitaria de uma intermediação, pois a fotografia transmitiria a cena em si mesma, o real literal. Para Barthes,

"do objeto à sua imagem existe certamente uma redução (de proporção, de perspectiva e de cor). Mas esta redução não é, em momento algum, uma transformação[...] e é precisamente esta perfeição analógica que, diante do senso comum, define a fotografia."⁸

⁶Lucien Febvre, *op.cit.* p.32

⁷noção explicitada por Roland Barthes. *L'obvie et l'obtus, essais critiques III*, Paris, Seuil, 1982, p.11

⁸*idem*, *ibid.* p.10 e 11

Esta perspectiva imediata, porém, apenas obscurece outros aspectos, desvelados pela análise, como a fotografia enquanto produto de uma construção ou a captação de elementos da realidade que escapam aos objetivos ou à composição cênica do fotógrafo. Para Walter Benjamim,

" [...] a natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente. [...] Só a fotografia revela esse inconsciente ótico, como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional."⁹

Assim, se a fotografia é informacional, ela penetra, igualmente, zonas de sombra para o próprio fotógrafo, cujo perfil desenhar-se-á segundo a iluminação projetada pelo observador. A fotografia contém, assim, virtualmente, um excesso informacional, verticalizado pelo posição/leitura do observador. Talvez pudéssemos empregar para o texto fotográfico a mesma concepção adotada por Maingueneau para o texto literário, supondo que:

⁹Walter Benjamim. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. S.P., Brasiliense, 1987.

" Todo texto é uma negociação sutil entre a necessidade de ser compreendido e a de ser incompreendido, de ser cooperativo e desestabilizar, de uma maneira ou de outra, os automatismos da leitura."¹⁰

Desta forma, percebida num primeiro momento como uma mensagem analógica ao fato, a fotografia contém dissonâncias que quebram a univocidade de sentido e de percepção. A mensagem informacional denotada, que segundo Barthes é o *analogon* ele próprio,¹¹ acrescenta-se à mensagem conotada, "[...] maneira pela qual a sociedade permite ler em certa medida, o que ela pensa."¹² O procedimento conotativo trabalha, portanto, em dois planos, o do significante (tratamento da imagem sob a ação do criador) e do significado que "[...] estético ou ideológico, envia à uma certa 'cultura' da sociedade que recebe a mensagem."¹³

Barthes analisa os processos conotativos da criação da imagem (pose, trucagem, pose de objetos, fotogenia, estetismo) que atuam no sentido da naturalização da mensagem

¹⁰Dominique Maingueneau. *Pragmatique pour le discours littéraire*, Paris, Bordas, 1990, p.36.

¹¹Roland Barthes. *op.cit.* p.11

¹²idem, *ibid.*

¹³idem, *ibid.*

conotativa, afirmando porém, a historicidade do código conotativo, ou seja, a leitura de uma fotografia é igualmente um procedimento sócio-cultural. Desta forma, o material fotográfico, para o historiador, não escapa à perspectiva teórica de uma interação entre o olhar do criador e o do observador, na construção de uma realidade aparentemente reproduzida em total integridade.

Para Barthes, a pose, as atitudes estereotipadas, os objetos indutores de associação de idéias, de metáforas comuns, são elementos de significação que "[...] conduzem a significados claros, conhecidos; são, portanto, elementos de um verdadeiro léxico."¹⁴ Mas, segundo este autor, a variação de leituras não é anárquica, "[...] ela depende do saber investido na imagem (saber prático, nacional, cultural, estético[...])"pois uma mesma lexia mobilizaria léxicos diferentes. ¹⁵

Se, por um lado, assim, a fotografia expressa em sua própria superfície os elementos conotativos de sua criação, por outro, o texto explicativo funciona como um fixador de sentidos, ou seja, "[...] o texto constitui uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem e insuflar-lhe um ou vários significados secundários".¹⁶ Desta forma, a polissemia da imagem em sua "cadeias flutuantes de significados" é fixada pelo texto e este

¹⁴idem, *ibid.*p.16

¹⁵idem, *ibid.*p.37

¹⁶idem, *ibid.*p.18

texto pesa sobre a imagem,"[...] marcando-a de uma cultura, de uma moral, de uma imaginação[...]"¹⁷

Mas segundo Barthes, a apresentação do texto encobre os efeitos de conotação, pois quanto mais próximo da imagem, menos fica evidenciado enquanto tal. Assim, "[...] sugada, por assim dizer, pela mensagem iconográfica, a mensagem verbal parece participar de sua objetividade; a conotação da linguagem se 'inocenta' pela denotação da fotografia."¹⁸ Este seria um processo característico da naturalização do cultural.

Na sequência deste trabalho a utilização de fotografias é vista como um novo corpus, constituído pelo reagrupamento de fotos em função da solidariedade temática sugerida por seu texto. Este material foi selecionado a partir dos arquivos fotográficos do Arquivo Público do D.F., referentes à construção desta cidade. Estabeleceu-se assim quatro momentos relativos a este evento: a) A imagem; b) chegada; c) a instalação/o cotidiano; d) a primeira missa. É preciso acrescentar que as fotos tem suas datas e tematização registradas em seu verso, o que permitiu um agrupamento mais confortável. Procuramos assim detectar o dito dos textos fotográficos, esmiuçando seus enunciados na busca do horizonte de sentidos por eles anunciados.

¹⁷idem, *ibid.*, p.19

¹⁸idem, *ibid.* p.19

a) Brasília, a imagem.

No campo semântico da época da construção de Brasília as três fotos selecionadas, assim o foram pela evidente similaridade com que a expressão imagética trabalha os enunciados constituintes do objeto discursivo Brasília, analisados anteriormente, integrando uma prática discursiva singular, dotada de suas próprias regras.

Assim, a perspectiva do "desenvolvimentismo" está presente na própria sugestão evolucionista da 1ª foto, onde, por etapas, (descobrimento, independência, Brasília) atinge-se níveis mais elevados de progresso e civilização, tendo por marco último a cidade de Brasília. Desta forma, no discurso filosófico-econômico, o subdesenvolvimento seria apenas um momento a ser superado, através de sucessivos marcos que, inexoravelmente, levariam ao desenvolvimento pleno de todos os recursos do país, físicos e humanos; esta visão será substituída pela chamada "Teoria da Dependência"¹⁹ Entretanto, no discurso e em sua positividade, a construção de Brasília representou um símbolo deste análise do social.

Por outro lado, encontramos a re-emergência de enunciados do discurso político através da imagem, ou seja, o pioneirismo dos candangos associado visualmente à saga do

¹⁹ver a este respeito, ver a título de exemplo, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto. *Dépendance et developpement en Amérique Latine*, Paris, PUF, 1969 e Francisco de Oliveira. *Crítica da razão dualista*. Petrópolis, Vozes. 1981.

descobrimento do Brasil; a cruz inclinada, que está sendo fincada na primeira cena (a primeira missa rezada no Brasil) re-aparece ereta e firme no último segmento, em Brasília, ou seja, definitivamente implantada no solo brasileiro. A cruz em destaque atualiza igualmente e apela ao aspecto místico/predestinado do evento Brasília.

A Independência, marco de libertação de peias externas aparece como cena intermediária, ampliando o horizonte de sentidos para o aspecto conotativo de um país soberano. Segundo o próprio Juscelino, "[...] não há capitalismo colonizador a não ser nas colônias. Num país como o Brasil, o que é colonizador é a ausência de investimentos, a ausência de emprego de capitais."²⁰ Brasília, por fim, confunde-se com a própria história do Brasil, no título da parte esquerda da foto, - História de Brasília- superpondo idéias que se fundem. O mito de Brasília e de uma identidade nacional, recria-se desta forma, através dos indicadores conotativos contidos na fotografia.

Os personagens acompanham as etapas sucessivas como figuras inseparáveis dos eventos indicados, simbolicamente adquirindo a mesma importância: neste sentido, a imagem de JK, fechando este segmento, adquire as características inerentes às figuras precedentes: ressemantiza-se visualmente o personagem mítico do herói, descobridor (dá existência); libertador (adquire existência própria); desbravador e condutor (leva à posse simbólica de todo o território nacional, integrando-o através da nova

²⁰Juscelino Kubitschek de Oliveira. op,cit.p.191

localização da capital da República). Na parte direita da foto, a repetição do nome Brasília, acompanhada de seu símbolo, o Congresso, trabalha a saturação de significado, realizando assim uma hegemonia de sentido, ou seja, naturalizando-o.

A fotografia nº2 é uma foto-texto, que mais uma vez reafirma o universo semântico ligado à Brasília à época de sua construção, ressaltando seu caráter mítico/ místico, nas palavras de personalidades políticas e de um de seus idealizadores, Lúcio Costa. As lexias são recorrentes: fé, esperança, vitalidade, sonhado, chave do desenvolvimento, cruz, toma posse, integrando o interdiscurso à época.

foto nº1

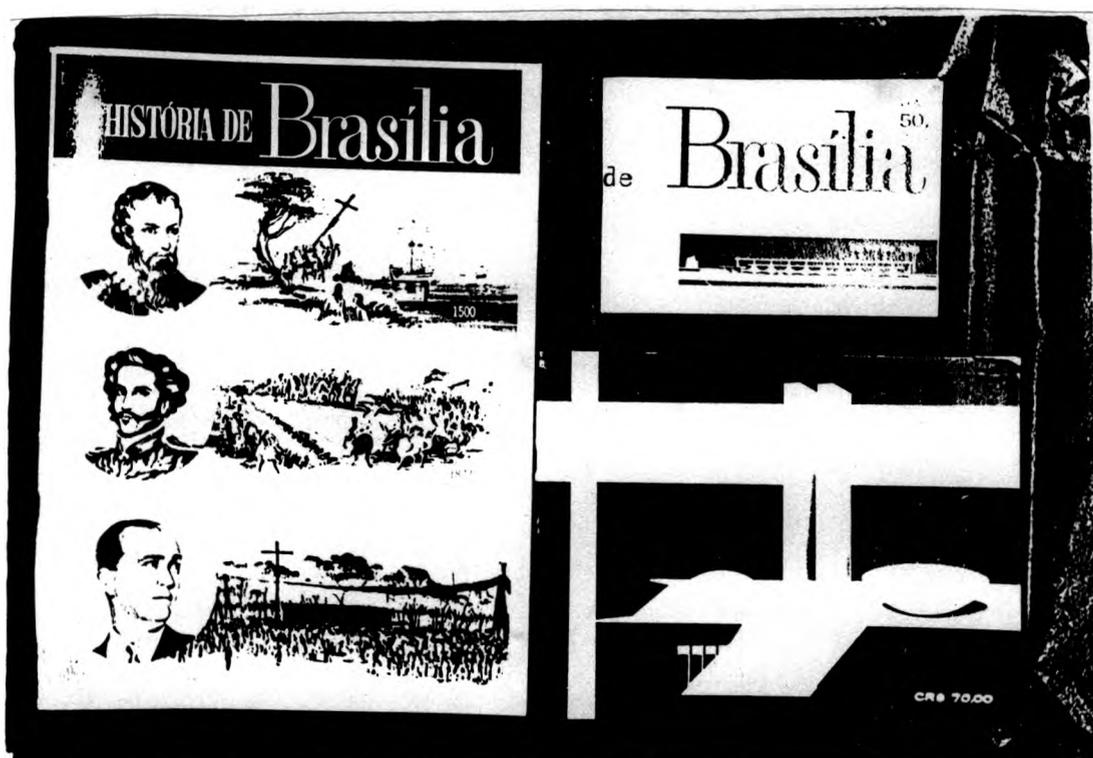


foto nº2

"Brasília é uma das maiores provas da vitalidade da raça humana, uma razão para fé e esperança."

Giulio Pizzetti

"Brasília não é uma cidade a mais que se constrói no Brasil e no mundo. Brasília é a verdadeira chave do nosso desenvolvimento, todo um programa de realizações longamente sonhadas pelas gerações que nos antecederam."

Danton Jobim

"Brasília: árvore frondosa providencialmente plantada no centro do Brasil e que se arroga, depois do descobrimento e da libertação, o terceiro grande marco da história pátria."

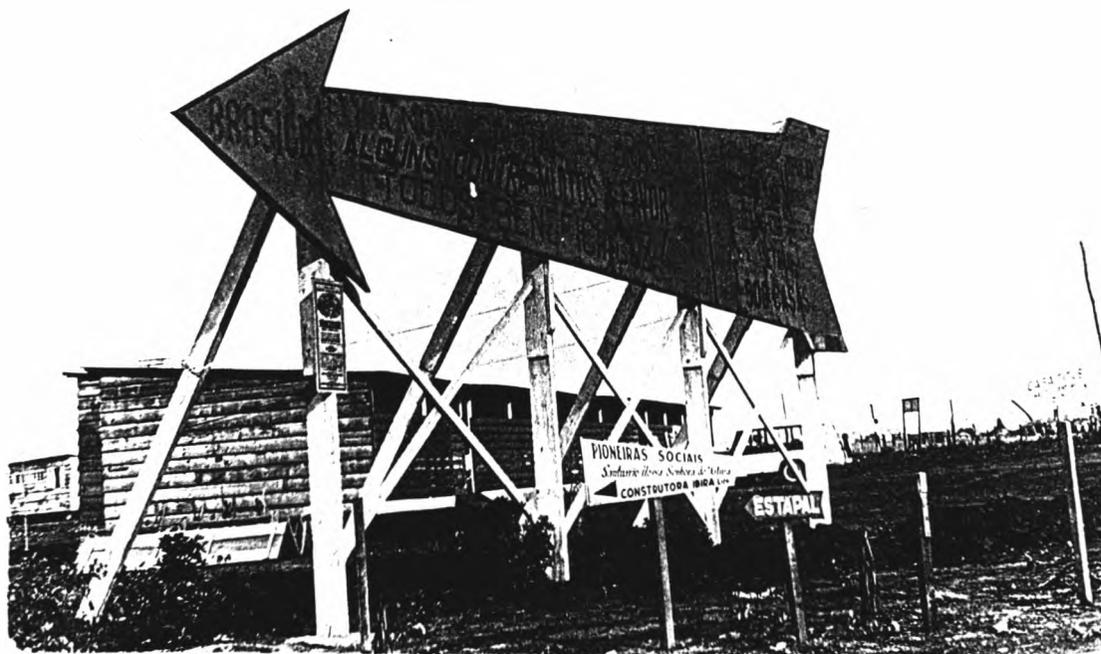
Enos Sadok de Sá Motta

"Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dêle toma posse: Dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja; o próprio sinal da cruz."

Lúcio Costa

A 3ª foto aponta literalmente para o futuro: uma imensa flecha que indica seu caminho, marcado pela construção de 500 novas casas; o texto define opções mas tenta determinar a verdade sobre a construção da nova cidade: "TODOS BENEFICIADOS." A figuração gráfica trabalha a significação: "alguns contra" inscreve-se de uma forma alongada, separada, enquanto "muitos a favor" tem as letras grafadas de modo compacto, sugerindo união, identidade de um grupo, trabalhando para todos. Os barracões de madeira, o antigo jeep Willys, o chão batido, o descampado incorporam à foto as condições de produção de seu texto.

foto nº3



b) Chegança.

"Estamos chegando daqui e dali
e de todo lugar que se tem prá partir
trazendo na chegança foice velha, mulher nova,
e uma carga de esperança.
Ah! se viver fosse chegar..."

Edu Lobo

Este grupo de fotografias aponta para diferentes aspectos da chegada em Brasília: condições de transporte

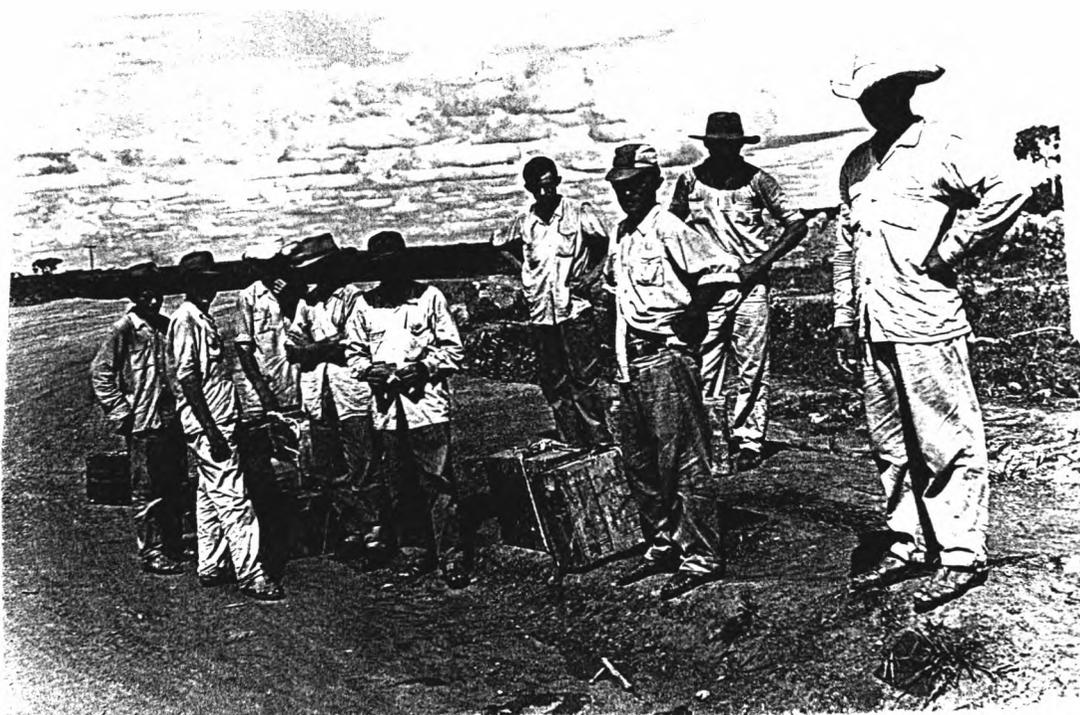
precárias, caminhões superlotados de homens, (foto nº4) instalados de qualquer maneira, a mercê do sol, da chuva, de uma poeira espessa e vermelha. É interessante lembrar que os nordestinos vinham primeiro para São Paulo e depois eram trazidos para Brasília, porque não havia estradas ligando diretamente a zona central do país e o Nordeste. Os homens traziam como única bagagem pequenas malas de papelão e em sua grande maioria vinham sós. (foto nº5) No início da construção de Brasília os homens eram disputados pelas empresas construtoras, mas esta situação vai se revertendo aos poucos, com o afluxo de população. No início dos anos 60 a mão de obra já é excedentária e em várias ocasiões as vias de acesso a Brasília são fechadas para impedir a entrada de novos contingentes de migrantes.²¹

foto nº4



²¹Gustavo Lins Ribeiro. *O Capital da esperança*. Brasília, Depto Antropologia (tese mestrado) UnB, 1980.

foto nº5



O Diário Carioca do Rio de Janeiro afirmava em 6 de junho de 1958 que "70% da população de Brasília são constituídos de pessoas do sexo masculino.[... O excesso de população masculina sobre a feminina ocorre em todos os centros pioneiros"]. Por outro lado, no mesmo ano, outro jornal do Rio, o Diário de Notícias (6 de fevereiro) conclamava as mulheres a se deslocarem para Brasília: [Os homens solteiros de Brasília estão em condições de satisfazerem as exigências educacionais e econômicas de quaisquer pretendentes femininas. Já se vive bem em Brasília. Há conforto, modesto sem dúvida, mas suficiente para suprir as principais necessidades de gente possuída de boa vontade. Venham, pois, senhorias! os candangos de Brasília são bons, são gentis, são educados e futurosos. Não deixem passar a boa oportunidade,

senhorias, serão bem recebidas. Garantimos.] Grande parte das mulheres que vieram a Brasília, entretanto, foram em grande parte, confinadas e reduzidas à prostituição. Na saga mítica da construção de Brasília as mulheres formam o grande contingente dos excluídos; como diria George Orwell, na Revolução dos Bichos, "alguns são mais iguais do que outros".

foto nº6



As condições penosas de viagem, entretanto, não desencorajam algumas famílias. As imagens do velho Oeste americano, evocada pelo discurso da imprensa, são atualizadas na foto nº6. No carroção, a origem: gaúcho e o destino: Cidade-Flor de Brasília; no interior, flâmulas comemorativas e em uma delas, a inscrição: "o

velho Nozinho saúda os povos sertanejos". A decodificação da fotografia através de seus signos linguísticos trabalha a recorrência de enunciados analisados anteriormente: integração (Sul-gaúcho/Nordeste-sertanejo, em Brasília); pioneirismo (carroção); imagem/apelo do herói (o velho Nozinho). A imagem fotográfica assim, assume a função enunciativa e se insere em, segundo Foucault em "[...] um campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado [...]."²² De acordo com este autor, este campo

"[...] é constituído, de início, pela série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento [...] é constituído, também, pelo conjunto de formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não) seja para repetí-las, seja para modificá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; não há enunciados que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados."²³

²²Michel Foucault. *A Arqueologia...* op.cit.p.112

²³idem, *ibid.* p.113

3) A instalação/o cotidiano.

De condições de viagem precárias, passa-se a condições de vida ainda mais precárias. Os operários moravam em grandes barracões, para os homens sós, sem família, ou então alojavam-se em barracos improvisados, como mostram as fotografias nº 7 e nº 8. À chegada, precisavam identificar-se em um serviço especial e engajar-se junto às empresas construtoras, como pode-se ver na foto nº 9, e iam automaticamente alojar-se nos barracões destas empreiteiras, mas aqueles que não conseguiam este trabalho não tinham onde morar. Restos de material de construção, pedaços de pano, de telhas, tudo é utilizado para abrigo, como sóe acontecer nas favelas/invasões brasileiras, improvisado à espera de um engajamento efetivo.

foto nº 7



foto nº8

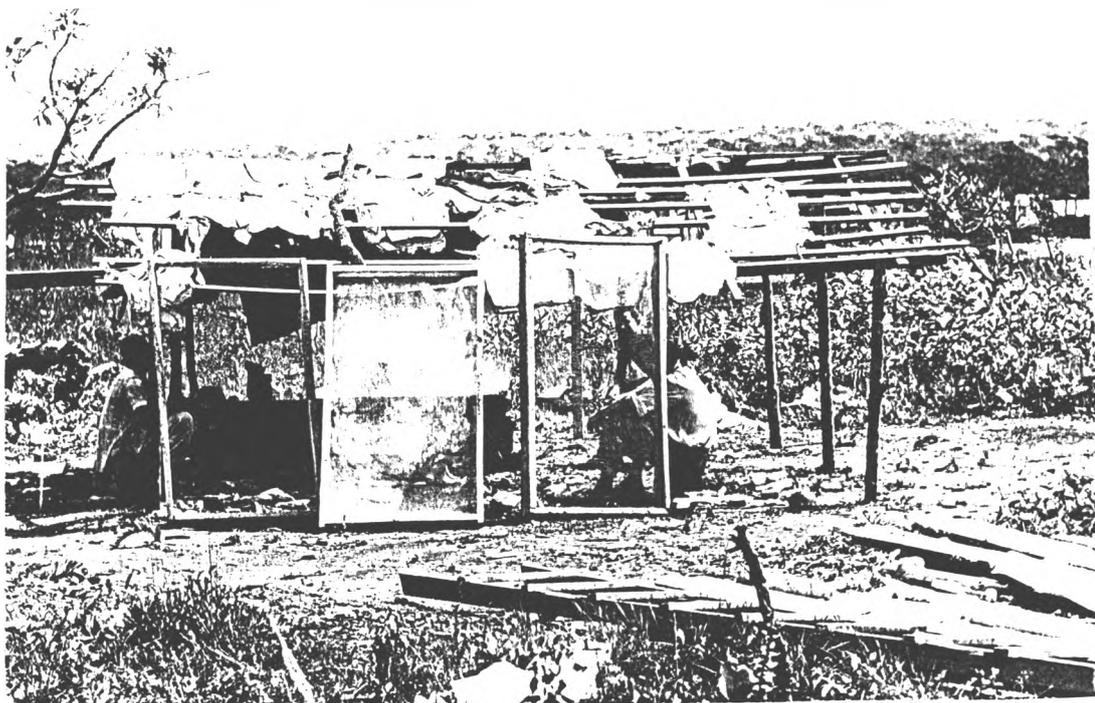
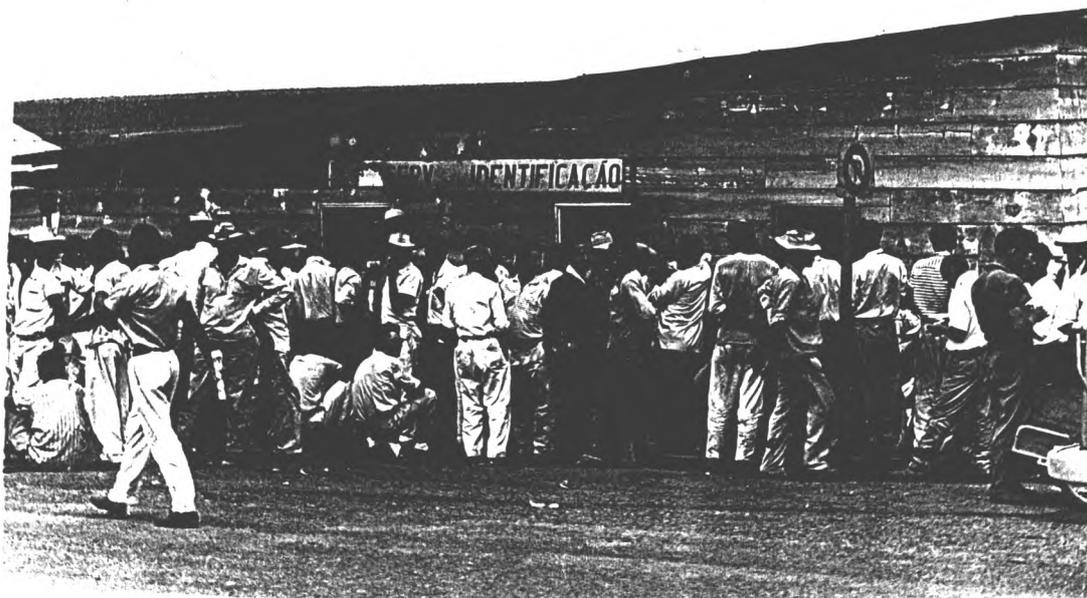


foto nº9



As foto nº7 e nº8 mostram uma tentativa de abrigo, classificada no Arquivo Público de Distrito Federal como "invasões em Brasília,1958".Tendo em vista o clima de Brasília, chuvas torrenciais ou um sol tórrido,estas habitações ofereciam condições quase nulas de abrigo. Neste sentido Brasília já nasce com invasões e barracos de fortuna e deste modo não se diferencia de outras cidades-destino das migrações, onde os migrantes se alojam embaixo das pontes, nos pórticos dos edifícios, nas praças públicas.O essencial neste caso,porém, estaria na febre do mutirão em torno da renovação, da participação à uma tarefa de caráter nacional, em função de um futuro melhor para todos. O agora difícil seria apenas um momento a ser rapidamente superado no impulso para o futuro.De acordo com Nair Bicalho,

"[...] a força das imagens que cercam a vivência cotidiana na Cidade Livre é o elemento principal no desvelamento da figura do pioneiro e do candango, enfrentando as adversidades por meio da solidariedade, do companheirismo e do patriotismo." ²⁴

²⁴Nair Bicalho."Movimento pró-fixação e urbanização do Núcleo Bandeirantes: a outra face do populismo janista", in Aldo Paviani (org.)A conquista da cidade, Brasilia, Edunb, 1991, p177.

Vemos assim, por um lado, uma população chegando e se instalando de qualquer maneira; por outro, os que vieram já trazidos pelos órgãos de imigração do governo ou engajam-se imediatamente na construção civil, encontram condições melhores, com uma certa infra-estrutura, ou dispõem de material para a construção de barracos. Os outros instalam-se de qualquer jeito, esperando logo conseguir melhores oportunidades.

De toda forma, as condições de higiene e de alimentação eram mínimas. Segundo Nair Bicalho, o sanitário era uma 'casinha' com porta de lona, ou um simples buraco cavado no chão. Além disso, os acampamentos aglomeravam milhares de operários, obrigando os trabalhadores famintos a aguardar uma longa fila para o almoço.²⁵

Neste grande ajuntamento de homens, a ordem e a disciplina eram mantidas rigorosamente. Revoltas de operários aconteceram, duramente reprimidas pela GEB, - Guarda Especial de Brasília, - criada pela NOVACAP em 1958 para garantir a todo custo o controle da população de trabalhadores. Era uma polícia formada com homens tirados do quadro dos próprios trabalhadores pelo fato de serem fisicamente mais fortes do que seus companheiros de trabalho. Segundo Ribeiro, "[...] passam a exercer a repressão violenta impunemente acobertada pelas necessidades de se 'manter a paz' no território da construção e de se inaugurar a obra no prazo previsto, tendo que, por isto, eliminar-se conflitos perturbadores

²⁵Nair Bicalho. *Construtores...* op.cit. p.36/37

do andamento dos trabalhos sob qualquer custo." ²⁶

foto nº10



A vida era extremamente comunitária entre os operários, dormindo em barracos coletivos, comendo ao mesmo tempo em grandes "cantinas" ao ar livre, como indica a foto nº10. Recebiam macacões das empresas para o trabalho, grande massa homogênea em movimentação. Muitas das revoltas dos operários aconteceram por causa da qualidade e da quantidade da alimentação distribuída nos canteiros de obras. As eventuais folgas eram passadas na Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirantes,) onde estava localizado o comércio, cinema, bares, etc. As fotos nº11 e 12 expõem este cotidiano.

²⁶Gustavo Lins Ribeiro. op.cit. p.28

foto nº11



foto nº12



A hierarquia, o ordenamento do espaço e a estratificação social ocorreram ainda durante o recrutamento, onde se definia o tipo de trabalhador que se desejava - homens jovens, fortes, solteiros ou que estejam sós. Os padrões de assentamento foram criados para atender as necessidades produtivas e as diferenciações internas traduziram-se por características concretas, como por exemplo: a separação entre casados e solteiros, a distinção entre mão de obra qualificada ou não e entre trabalhadores do governo (NOVACAP) e firmas particulares. Para Ribeiro, "[...] dos miseráveis, sujos e apertados alojamentos coletivos dos serventes até luxuosa e espaçosa casa do proprietário da companhia, a divisão deste espaço é claramente orientada pela lógica da esfera da produção, tal qual se expressa concretamente no ramo da construção civil."²⁷

Quando a cidade foi concluída, pelo menos em seus grandes contornos, a política do governo foi de estimular a volta dos migrantes a seus lugares de origem e a Cidade Livre estava fadada a ser destruída; recusando-se a deixar Brasília, os operários fixaram-se nas cidades provisórias, impedindo sua desarticulação.²⁸ Estes aspectos interessam-nos particularmente, tendo em vista a criação de cidades-satélite, uma das quais, Samambaia, é o eixo central da última parte deste trabalho.

²⁷Gustavo Ribeiro. *op. cit.* p. 66

²⁸para mais detalhes a este respeito, ver Nair Bicalho. "Movimento..." *op. cit.*

4. A primeira missa.

A foto nº13 trabalha os enunciados místicos, galvanizando emoções em torno de imagens de consagração, predestinação, união nacional, institucional e social. A figura de Dom Carlos Carmelo Vasconcelos Mota, cardeal-arcebispo de São Paulo ao lado de Israel Pinheiro, presidente da NOVACAP, instituição que gerenciava as finanças públicas relativas à construção de Brasília, bem como a mão de obra, selava, com o peso da autoridade religiosa e laica, a edificação de Brasília. Esta foto data da primeira missa rezada em Brasília, em maio de 1957, e sua conotação remete à imagens já vistas, como na foto nº1, que retrata a primeira missa por ocasião do descobrimento do Brasil. É o mesmo universo semântico, constantemente fazendo re-emergir os mesmos enunciados. A imagem de Nossa Senhora Aparecida abre o cortejo, padroeira do Brasil e de Brasília, novamente a identificação da nova capital ao nacional.



Por outro lado, o clima de descontração do grupo principal, caminhando em meio à multidão, transmite uma atmosfera de igualdade/proximidade entre o poder instituído e os trabalhadores endomingados. Reencontramos assim a união nacional, o apelo mítico/místico, igualdade. A imagem da primeira missa retoma mais uma vez a primeira consagração do solo brasileiro, terra predestinada. Unindo-se o religioso e o profano na sacralização da nova cidade, as instituições e o povo, Brasília-símbolo passa a existir.

Na foto nº14 vemos a comemoração do "Dia do Trabalhador" em 1959, onde a massa de operários carrega faixas de saudação das empresas construtoras a Jk, cujo nome aparece associado, na maior parte das vezes, à "trabalhador". A imagem, o personagem de Juscelino parece dominar a multidão, na medida da evocação de seu nome: é o herói presente, fazendo corpo com os operários e seus instrumentos de trabalho. "A maior obra do século" renova a imagem de grandiosidade, orgulho nacional, interpela os trabalhadores como partícipes de um movimento nacional desta envergadura. O "dia do Trabalhador" sela finalmente a identidade empresas, operários, instituições oficiais em torno do personagem Juscelino e de seu ideal Brasília.

foto nº14



Finalmente, a última foto, nº15, traz a imagem de um anti-herói, cuja simplicidade mesmo agiganta a figura do herói. JK, em um minúsculo carro, de pé, sob a chuva, acompanhado pelo povo, sem esquema nenhum de segurança ou proteção. Deveria estar abrindo a "caravana de integração nacional Rio/São Paulo/Brasília, dístico escrito no carro; entretanto é o único veículo rodando no Eixo Monumental. JK acena para a população que caminha a seu lado: é o herói presente, em carne, osso e imagem. A presença e o carisma do chefe, do condutor, reforça a rede de sentidos que tece o imaginário social e desdobra sua força e pregnância.

foto nº15



Esta tentativa de trabalhar fotografias no âmbito da noção do texto parece-nos interessante, na medida em que abre espaço à análise das condições de produção do discurso, em sua imbricação das práticas não discursivas e do próprio discurso em suas condições de enunciação. Os "ganchos associativos" que aparecem no texto fotográfico em suas dimensões conotativa e denotativa apontam também para outros níveis de análise, igualmente fecundas, em torno do cotidiano e da mentalidade da época, apenas aqui esboçados, sugerindo outras abordagens.

2a parte

SAMBAIA, UM CASO EM ESTUDO

1.0 LUGAR E AS IMAGENS.

Eram milhares, possuindo apenas a roupa do corpo, muitos tinham mulheres e filhos. Queriam trabalhar; fazer alguma coisa; ganhar dinheiro para sustentar a família. Contemplei aquela massa humana; avaliei o volume dos sem-casa; e respondi também à feição dos pioneiros: Está bem pessoal. Que cada um faça a sua casa, mas nada de invadir o Plano- Piloto.

Juscelino Kubitschek

.A emergência de uma nova cidade.

No plano geral deste trabalho, esta parte específica desenvolve um afunilamento, partindo-se da construção de um imaginário em torno de Brasília, cuja permanência se constata 30 anos depois, no discurso político e na força de atração exercida sobre a população, para se chegar aos desdobramentos desta poderosa imagem de terra da promessa, que continua a carrear fluxos de

migração constantes. Assim chegamos às cidades-satélites e dentre elas escolhemos a mais recente, que apresenta uma característica semelhante ao Plano Piloto: foi planejada e recortada previamente pelo governo do Distrito Federal, ao contrário de outras que foram crescendo aleatoriamente, para a instalação de um enorme contingente populacional desabrigado ou vivendo em condições precárias como "inquilinos de fundo de quintal." A verticalização de nossa análise completa-se na abordagem do cotidiano, dos detalhes menores da vida social, que finalmente constituem a própria história.

Este capítulo de nossa análise pretende portanto, trabalhar um novo objeto discursivo, Samambaia, em dois momentos: o primeiro diz respeito aos discursos referentes a esta cidade-satélite e as matrizes discursivas que neles podemos detectar; o segundo, adentrando aspectos teórico-metodológicos até agora não abordados, -história de vida, história oral- pretende um certo desvelamento das representações que modelam o cotidiano da população que lá habita, bem como suas estratégias de sobrevivência e estruturação de suas condições de vida. Vemos assim o imaginário em ação, não só criando as condições de possibilidade da emergência de uma nova cidade, como determinando papéis/funções/ações sociais.

Um histórico da criação e fisionomia que tomou Samambaia parece-nos necessário neste momento. Em sua condição de cidade-satélite, como esta denominação o indica, relaciona-se diretamente ao planejamento e realização da cidade de Brasília, gravitando em sua órbita.

Já à época do concurso para a escolha do projeto da capital, dois concorrentes, os irmãos Roberto, fizeram algumas críticas referentes à concepção segregacionista e à acentuada importância dada à monumentalidade presente no plano escolhido para a capital. Os irmãos Roberto propunham um plano que teria o objetivo de ressaltar o ideal democrático da comunidade:

"Acreditamos que uma capital, como qualquer outra cidade, é destinada a homens vivos, e que a obrigação do planejador é procurar estabelecer bases para a criação de comunidades felizes. Não se admite que homens assoberbados pelas distâncias, perdidos no turbilhão de megalópoles, vão emocionar-se com a extensão ou coincidência dos eixos das avenidas ou com a hierarquia da edificação. Não posso aceitar o conceito do Século XIX de monumentabilidade. Julgo que o monumental pode ser atingido por caminhos sutis, não implicando no esmagamento estardalhante do homem. Pensamo-lo perfeitamente alcançável sem abandono da escala humana".¹

¹Lúcio Costa. Relatório de Lúcio Costa sobre o Plano Piloto de Brasília, Brasília, IBAM, 1985, p.370.

Mas de acordo com os critérios estabelecidos por um júri internacional, o projeto de Lúcio Costa foi classificado como a melhor idéia para uma cidade-capital, sob o ponto de vista funcional e da síntese arquitetural.

Autores como Paulo Bica e Frederico Holanda afirmam, também, a existência da segregação desde a concepção do plano: o primeiro explicita que o projeto socializante, enquanto intenção, só poderia ser, no máximo, uma espécie de socialismo burguês ou conservador, para então afirmar a existência de uma "cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente", conforme recomendam o taylorismo e o urbanismo produtivista.² Já para Frederico Holanda, as relações de sociabilidade estariam muito mais presentes no espaço da Vila Paranoá, por exemplo, onde as habitações individuais ou o espaço delimitado de seus barracos teriam possibilitado o convívio coletivo, o que, para este autor, desmistificaria a afirmação de que as habitações individuais são habitações burguesas.³

Pode-se disto depreender que só é possível entender Brasília se nos referirmos também às características que marcam a realidade da segregação social. O Plano Piloto, tal como

²Paulo R.S.Bica. "Brasília Mitos e realidades". In Paviani Aldo(org), *Brasília Ideologia e Realidade, Espaço urbano em questão*, São Paulo, Editora Projeto, 1985, p. 129.

³Frederico de Holanda . "A morfologia interna da capital", in Paviani, Aldo, *Op.cit.*p. 159.

mantém-se até hoje, só conseguiu consolidar-se e preservar os princípios gerais do plano original, mediante uma rigorosa e estrita regulamentação do uso do solo pelo governo do Distrito Federal, o que gerou um déficit crônico habitacional e o seu conseqüente encarecimento. E isso vem gerando problemas sociais que se perpetuam ao longo dos anos.

Brasília não se ateve apenas ao traçado do Plano Piloto, tanto que antes mesmo de sua inauguração surgiram as primeiras cidades-satélite para absorver os operários, como já observamos anteriormente. No próprio plano de Lúcio Costa, no item 17, havia a recomendação de se impedir a proliferação das favelas, tanto na periferia urbana quanto na rural. "Cabe à Companhia Urbanizadora prover dentro do esquema proposto acomodações decentes e econômicas para a totalização da população" .⁴

O caminho encontrado, então, para abrigar os demandantes, foi a criação de cidades-satélite, iniciada com Taguatinga a 5 de Julho de 1958, que já nasceu com 4 mil habitantes. A decisão teve como escopo precípua: "Proporcionar aos modestos habitantes de Brasília - o candango que ajudou a construir a cidade- a aquisição de um terreno para a construção da casa própria."⁵ Desta etapa nascem Brasília's diversas, mas o projeto do urbanista Lúcio Costa permanece inviolada. Um lugar para cada

⁴Lúcio, Costa. Op.cit.p. 351.

⁵Ernesto Silva.História de Brasília:um sonho, uma esperança, uma realidade. Brasília, Senado Federal, 1985, p.230.

coisa, um lugar para cada funcionário, essa é a primeira distinção valorativa da cidade, sua espacialização ordenada, hierarquizada.

A solução para o problema da habitação, via cidades-satélite, repetiu-se com Sobradinho e Gama. Sobradinho data de 13 de Maio de 1960 e fixava populações de acampamentos, firmas empreiteiras e Vila Amauri. Por outro lado, o Gama, fundado a 12 de Outubro de 1960, passou a abrigar 30 famílias removidas da Vila Amauri e Planalto, submersas pelas águas do Lago Paranoá. Em fins de 1960, sua população atingia 811 habitantes.⁶

Além dessas três cidades-satélite, fundadas para abrigar populações de baixa renda, duas outras cidades pré-existentes e incorporadas ao espaço físico do Distrito Federal-Planaltina e Brazlândia- também receberam operários. O Núcleo Bandeirante, que deveria ser demolido após a inauguração de Brasília, depois de forte resistência de seus moradores, terminou sendo elevado à condição de cidade-satélite, em 20 de Março de 1960.

De 1960 a 1970, o espaço do Distrito Federal já estava definido em termos de construtibilidade e divisão social do espaço. Dessa maneira, Brasília adquiriu, logo de início, segundo Aldo Paviani, o aspecto de cidade polinucleada, "[...]um conjunto urbano com núcleos múltiplos"⁷, que Kohlsdorf denomina "centro com

⁶Secretaria de Governo, DF. Informativo regional- Sinópsse histórico das cidades-satélite do Distrito Federal, Brasília, 1977, p.23.

⁷Aldo, Paviani (org). Brasília ideologia e Realidade, espaço urbano em questão, São Paulo, editora Projeto, 1985, p. 13.

sua periferia", para abrigar os escalões mais baixos da tecnoburocracia, o proletariado e o sub-proletariado, cujos atributos, em modelos capitalistas consubstanciam-se nas rendas familiares e nos tipos de empregos ofertados.⁸

A partir de 1970, Brasília experimenta novo surto migratório e consolida-se como cidade com a aceleração da transferência de órgãos públicos, passando a população de acordo com Aldo Paviani, de 524.315 habitantes em 1970, para 750.415 habitantes em 1975⁹, superando de muito a disponibilidade de habitação, enquanto as cidades-satélite já possuíam densidade demográfica elevada, sem possibilidade de expansão.

Entretanto, a criação das cidades-satélite, não evitou o crescimento das invasões e em 1978, nasce o Plano Estrutural de Organização Territorial (PEOT), criado em função do crescimento acelerado da população do Distrito Federal, de cerca de 8,13% ao ano, cujas projeções indicam para o ano 2000 cerca de 2,4 milhões de habitantes. Dessa forma, foi definida uma área de expansão urbana para novos assentamentos habitacionais, e a partir daí nasceu o primeiro assentamento previsto pelo PEOT do Distrito Federal: Samambaia.

Em 1982, numa avaliação de demanda habitacional o Distrito Federal, para uma população residente de 1,3 milhões de

⁸Kohlsdorf, Gunter. "Brasília: algumas especulações e prospectivas", in Paviani, Aldo, Op.cit. p.224.

⁹Aldo Paviani. Mobilidade intra-urbana e organização espacial: o caso de Brasília. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1976, p.62.

habitantes, mostrou um déficit aproximado de 88.000 unidades residenciais, correspondendo a um contingente populacional da ordem de 466.000 pessoas.¹⁰ Isso levou o governo do Distrito Federal à implantação do " Projeto Samambaia", que teve seu estudo preliminar na gestão do governador José Ornellas, sendo edificada no governo de José Aparecido, ampliada e estruturada pelo então governador Joaquim Roriz, em 1989.

Samambaia, localizada num terreno plano, com o horizonte característico do Planalto Central, emergiu como por encanto em uma área de 4 mil e 400 hectares e já abriga mais de 200 mil pessoas. Sua história porém, começa no surgimento de Brasília, quando o presidente Juscelino Kubitschek desapropriou aquele terreno já pensando numa possível expansão da capital do País.

Surge de um verdadeiro canteiro de obras, onde a poeira vermelha levantada pelas máquinas, caminhões ou mesmo pelo vento forte, faz lembrar a saga da ocupação de Brasília na década de sessenta, e carrega também um discurso mítico acerca de sua criação . No entanto, Samambaia, só passa a existir oficialmente a partir de 25 de outubro de 1989, na gestão do governador Joaquim Roriz, quando é retomado o discurso ligando a construção da cidade à imagem do governante, a exemplo de Juscelino Kubitschek. O próprio governador faz questão de acentuar nos seus discursos este aspecto:

¹⁰CODEPLAN. Diagnóstico do setor habitacional do Distrito Federal, Codeplan, 1981, p. 58.

"Juscelino Kubitschek soube superar todos os obstáculos e implantou a nova cidade com eficiência e rapidez. Conto com ajuda de todos para que possamos aqui retomar o ritmo de Juscelino"¹¹

A evocação do nome e imagem de JK, assim como a construção de Brasília em tempo recorde galvaniza os espíritos com a perspectiva do surgimento de uma nova cidade, a fim de resolver os prementes problemas habitacionais. O apelo à união, ao mutirão cívico retoma o discurso político da época da construção da nova capital. O governador conjuga o verbo na primeira pessoa do Indicativo presente, "conto com a ajuda", mesclando-se à obra a ser realizada; neste caso, percebe-se a identificação implícita do governador Roriz ao presidente JK, e esta imbricação de imagens assegura-lhe um grande prestígio e credibilidade iniciais.

Repete-se igualmente, um fato simbólico da inauguração de Brasília, com a Primeira Missa que foi rezada em Samambaia pelo Arcebispo de Brasília, Dom Geraldo Ávila; o discurso traça o caminho que levou do Descobrimento à Brasília e de Brasília a Samambaia:

"Aqui estive para celebrar a primeira missa de Samambaia, repetindo aquele gesto histórico de Frei Henrique de Coimbra, que celebrou a primeira missa no Brasil e do Cardeal Cerejeira que a 21 de abril de 1960 celebra a primeira

¹¹Joaquim Roriz. Discurso por ocasião de repasses de verbas do governo federal para o governo de Distrito federal, 6 de fevereiro de 1991.

missa em Brasília. No Brasil tudo se faz à sombra de uma missa. Por isso hoje, iniciamos Samambaia à sombra desta missa, em que pedimos pelos moradores, pelos presentes e pelo futuro de Samambaia." ¹²

Vemos assim, a caracterização de um fato passado que se repete tanto nos seus aspectos simbólicos, quanto na própria organização real da cerimônia, dentro, porém, de uma outra constelação de sentidos. Ainda que sem o esplendor épico de Brasília, essa nova cidade cresce rapidamente para abrigar um número cada vez maior de moradores de baixa renda, expulsos do Plano Piloto.

Para o local foram transferidos cerca de sessenta invasões do Plano Piloto, no total de nove mil famílias além de inquilinos de-fundo-de-quintal. Os critérios estabelecidos pela Fundação do Serviço Social para ter acesso ao programa de assentamento, foram: não possuir e nunca ter ganho imóvel em Brasília, ter-se cadastrado no programa até 28 de Fevereiro de 1989, ter renda familiar máxima de três salários mínimos e ter dependentes. Ao tomar posse do lote, o morador assinava uma guia de propriedade com a descrição do imóvel.

Este breve histórico nos traz, portanto, a Samambaia, eixo principal deste capítulo.

¹²Ata da fundação e fatos históricos da Associação dos Moradores de Samambaia. Samambaia, 8 de Dezembro de 1985, p.6.

.A retomada do mito?

Como já observamos, Samambaia só passa a existir oficialmente na gestão do então governador Joaquim Roriz, cujos discursos retomam o tom épico de Juscelino Kubitschek, associando sua imagem à criação de um novo horizonte social, Samambaia.

É interessante notar que, apesar de um salto cronológico que nos faz passar da criação de Brasília (1960) à de Samambaia (1989) não se verifica uma ruptura na ordem do discurso, que apresenta porém, uma transformação, uma reativação, uma retomada de enunciados na construção de novos sentidos em outras condições de produção. Para Foucault,

"É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondidos bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso a

longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância."¹

O **corpus** que pretendemos analisar compõe-se de fragmentos do discurso político desta época e sua produção de sentidos, para o que selecionamos os discursos dos governadores José Aparecido e Joaquim Roriz sujeitos-suporte, cujas posições institucionais asseguram-lhes parcela significativa do que Foucault denomina "a apropriação social do discurso"²

Observamos a constituição de enunciados ressemantizando, em uma nova rede de sentidos, discursos anteriores, a partir de outras condições de possibilidade, fazendo emergir novos sujeitos de autoridade, capazes de determinar o que fazer e o que falar. De acordo com Foucault,

"É preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte

¹Michel Foucault. *Arqueologia do saber*, op.cit. p.28.

²Michel Foucault. *L'ordre du discours*, Paris, Gallimard, 1971, p.45

integrantes das estratégias que apoiam e atravessam os discursos" .³

Os fragmentos discursivos que pretendemos analisar não se referem diretamente a Samambaia, tratando dos assentamentos em sua forma geral; enquanto os discursos de José Aparecido foram agrupados em livro, os de Joaquim Roriz perderam-se nos meandros burocráticos do Palácio do Buriti; assim o material disponível é exíguo.

"É preciso que todo o país saiba do compromisso do governo com o Norte e o Nordeste. Era fácil prever que as populações carentes do país inteiro estariam voltadas para esta ilha de esperança, para esta plataforma de sonho, que é a capital do Brasil." José Aparecido.⁴

"No entanto, despercebidamente, nasciam duas Brasília: uma projetada, bela, majestosa, soberba; outra accidental, esparramada sobre assentamentos aleatórios próximos ou distantes, até passíveis de eliminação quando a cidade monumento se completasse." José Aparecido. ⁵

³Michel Foucault. História da sexualidade- a vontade de saber-, Rio de Janeiro, Graal, 1988, p.30.

⁴José Aparecido de Oliveira. Três faces de uma cidade, Brasília, Secretaria de Comunicação Social, 1987. p.127.

⁵José Aparecido. Op.cit. p.157.

"A Brasília sonhada distorceu-se na Brasília real. Um conjunto díspar: a primeira é o canteiro de obras que lhe deram suporte quando da construção. Uma Brasília rica, outra muito pobre. O provisório permaneceu. E, desafiando os prognósticos e as intenções iniciais, cresceu e hoje se agiganta." José Aparecido.⁶

"Ideada, projetada e construída, a cidade de Brasília passou a ser apenas parte da Brasília real. Grandes assentamentos cercaram-na, e com ela se vão conurbando. A população deste complexo já supera de três vezes a imaginada para o final do século." José Aparecido.⁷

"Brasília é claro, atrai migração. Aliás Brasília nasceu de um chamamento a todo o povo brasileiro, para que ajudasse JK a transformar um sonho em concreto e aço, Brasília é uma cidade de migrante, feita por migrantes e que não pode construir muros para que os migrantes parem de vir." Joaquim Roriz.⁸

"Criamos em Brasília o programa de assentamentos, dando lotes urbanizados a quem morava em favelas, debaixo das pontes e viadutos... dando a cidadania a quem estava

⁶José Aparecido. Op.cit. p160.

⁷José Aparecido. Op.cit. p. 161.

⁸Joaquim Roriz. Discurso proferido por ocasião do Fórum de imigração em 28 de Agosto de 1991.

escondido em favela, permitindo que cada um construa sua casa com seu próprio esforço". Joaquim Roriz. ⁹

"Nunca é demais repetir: esta cidade que nasceu do sinal da cruz riscado no chão de terra vermelha do cerrado pelo gênio de Lúcio Costa, e do sonho de um visionário JK, que nos ensinou a dar os primeiros passos no caminho do desenvolvimento, não pode deixar sua população ao desabrigo, suas crianças e adolescentes jogadas na rua." Joaquim Roriz.¹⁰

"Neste território, Juscelino Kubitschek, ungiu a esperança do povo brasileiro, de ver sua riqueza melhor distribuída e seu território todo ocupado de forma racional e equilibrada. Neste território brota agora, a esperança do nosso trabalho conjunto, num exemplo de convivência democrática." Joaquim Roriz. ¹¹

José Aparecido restabelece, nestas superfícies discursivas, a tônica dos discursos sobre Brasília, reproduzindo as lexias constitutivas do cenário mítico: ilha de esperança, sonho; entretanto, as próprias condições de emergência de seu discurso

⁹Joaquim Roriz. Idem, ibid.

¹⁰Joaquim, Roriz. Discurso proferido por ocasião da solenidade de repasse de recursos do governo federal para o GDF em 6 de Fevereiro de 1991.

¹¹Joaquim Roriz. Discurso de posse do Governo do Distrito federal em primeiro de janeiro de 1991.

enquanto sujeito-suporte da fala da autoridade institucional constituem os enunciados, dirigindo-os para as questões relativas às migrações incessantes e crescimento **pari passu** à pobreza e à falta de moradia. Segundo Iwakami e Pinedo ,

"A administração José Aparecido retoma, então a discussão ideológica e mitológica da necessidade de preservar o Plano Piloto como 'cidade- monumento', reforçando a visão de que o congelamento do espaço físico consegue conter o desenvolvimento e a ação do fator de aglomeração bem como das outras dimensões do espaço urbano".¹²

A **precariedade** das condições de vida é salientada na exposição de uma dicotomia crescente, abismo que se aprofunda entre a Brasília do sonho e ideal do apelo de JK e a Brasília da população que não cessa de chegar e se instala em acampamentos ou invasões. Vimos anteriormente que invasões existiram desde o início da construção de Brasília; entretanto, o crescimento da população, " **três vezes a imaginada para o fim do século**", tornou-o central em termos administrativos. Assim, o apelo ao sonho explodiu as expectativas populacionais dos construtores de

¹²Luiz de Pinedo Quinto Jr. Luiza Naomi e Iwakami. "O canteiro de obras da cidade planejada e o fator de aglomeração" in Aldo Paviani(org.) **A conquista da cidade**. Brasília, Ed. UnB, 1991, p.73

Brasília, e obrigou a administração a criar estratégias de assentamento. Segundo Safira Ammann,

"[...] o incremento bruto populacional de Brasília incide preponderantemente no âmbito das periferias. Enquanto o índice para o Distrito Federal entre 1970/75 era da ordem de 68,8%, coube ao Plano Piloto nada mais do que a parcela de 3,6%. Isso ocorre, não por uma saturação do Plano Piloto - onde ainda se registram enormes vazios - mas por uma segregação espacial não declaradamente prevista por seus idealizadores mas assegurada por mecanismos institucionais bem definidos e rigorosamente controlados pelo Estado."¹³

A estratégia do governo José Aparecido estabeleceu uma política de redução dos programas de instalação de invasores e favelados; esta administração retomou então o discurso ideológico e mitológico de preservação do Plano Piloto como cidade monumento.

"Esta cidade não pode perder as suas características

¹³Safira Ammann. "Excluídos sim, invasores não". In Aldo Paviani (Org) .Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília. Brasília, ed. Unb/Codeplan, 1987, p.114

fundamentais na planta original de Lúcio Costa. Até porque é o maior patrimônio que ela conquistou como 'Cidade Monumento da Humanidade', mas também esta cidade tem a sua destinação: atual, momentosa, trepidante, para dar resposta, inclusive no tempo, à sua mocidade, porque outro dado fundamental é que mais de 50% dos habitantes de Brasília tem menos de 19 anos.¹⁴

Assim, no governo José Aparecido o povoamento é mais lento, enquanto no governo Roriz o assentamento de favelados transferidos do Plano Piloto é acelerado; segundo Paviani, "[...] com o novo governo a erradicação de favelas ganha impulso, sendo Samambaia vista como o espaço-receptáculo para a viabilização das estratégias adrede preparadas."¹⁵

"Apelo, sonho, desenvolvimento, sinal da cruz, ungiu, esperança, distribuição de riqueza, convivência democrática, são as lexias com as quais Joaquim Roriz re-atualiza o discurso mítico/místico igualmente; na rede de sentidos em que se insere, porém, estes enunciados fazem apelo ao "domínio de memória" explicitado por Foucault,¹⁶ ou seja, trabalham a trama do interdiscurso presente à sua formulação. Os enunciados constitutivos do discurso mítico são, nesta composição, periféricos, e traçam o perfil da matriz do discurso: a questão habitacional. Para Foucault, apenas no caso em que "[...] o conteúdo informativo e as

¹⁴José Aparecido de Oliveira. *Op.cit.* p.128.

¹⁵Aldo Paviani. *op.cit.* p.134

¹⁶Michel Foucault. *Arqueologia...* *op.cit.* p.64

possibilidades de utilização são as mesmas, poderemos dizer que ambos os casos constituem o mesmo enunciado".¹⁷

Nos fragmentos discursivos de Joaquim Roriz, o eixo principal parece assim ligar-se à questão da moradia, assimilada diretamente ao alcance de uma cidadania plena e isto, diferentemente do imenso apelo ao mutirão, à época da construção de Brasília, seria conseguido por esforço próprio.

Assim, o sonho coletivo torna-se individual e o locus de felicidade/dignidade/estabilidade desloca-se para a periferia da cidade mítica, centrando-se na posse de um lote e de um barraco, "casa própria".

"Criamos em Brasília um programa de assentamentos dando lotes urbanizados a quem morava em favelas..." "Neste território brota agora a esperança de nosso trabalho conjunto"

O sujeito-suporte institucional do discurso exalta seu próprio papel, outorgando cidadania ao mesmo tempo em que concedia lotes; à exemplo de JK, busca evidenciar a união entre governo e povo, pois a instalação de assentamentos traria os benefícios esperados pelos migrantes, adquirindo condições dignas de moradia. Esta imagem de Roriz, como um novo herói salvador no Planalto Central, ganha um espaço significativo em Samambaia, nas manifestações populares e nos depoimentos individuais, como pudemos constatar nas entrevistas e nas fotos selecionadas no Arquivo Público do DF, o que veremos adiante.

¹⁷idem, ibid. p. 119

Através da construção de um antagonismo claro entre a Brasília ideal e as cidades periféricas que surgem da migração contínua, na esteira do apelo mítico em torno de uma realização material, o discurso aprofunda essa característica de ruptura que se delineia entre as diversas Brasília que começam a surgir. Iwakami e Pinedo sublinham que

"[...]o que levou à criação das cidades-satélite foi a necessidade das respostas à maneira como se processou a atração da mão de obra para a construção de Brasília, que se transformou numa antítese das propostas originais de se criar uma capital isolada das massas urbanas e dos migrantes, que iniciavam um processo de transformação radical das cidades brasileiras."¹⁸

A materialização de um sonho descaracteriza e empobrece a dimensão e amplitude de sua abrangência, de suas promessas; não o torna, entretanto, menos real em sua pregnância no traçado do cotidiano e no esboço de perspectivas futuras. Neste sentido, apesar de ter havido um deslocamento do eixo do discurso, no que se relaciona ao apelo mítico, enfraquecendo-o pela presença

¹⁸Luis de Pinedo Quinto Jr e Luiza Naomi Iwakami.op.cit.p.63

da nova matriz discursiva- moradia- o imaginário criado em torno de Brasília- terra da promessa- permanece atuante em sua força de atração.

Por outro lado, a presença mítica do herói, cristalizada em torno de JK, é reatualizada na figura político de Joaquim Roriz, que conseguiu personalizar os anseios e expectativas de uma vida melhor da população de Samambaia. Vemos assim uma aura mítica rondando a implantação desta cidade, sem que entretanto, o mito do Eldorado ou do Paraíso Perdido façam o seu re-aparecimento, atuando apenas como o contorno geral no espectro das motivações de migração para o Planalto Central.

Observando os enunciados presentes em outro corpus, composto por algumas notícias do jornal Correio Braziliense e, em uma leitura cromática e apenas indicativa, podemos constatar sua crueza e praticidade, trabalhando especialmente os entraves e dificuldades de um cotidiano muitas vezes amargo.

Samambaia abandonada.

"Os moradores de "Samambaia" estão indignados com a morosidade e o descaso com que o GDF, e principalmente a Secretaria de Serviços públicos, vem tratando o atraso no andamento das obras de infra-estrutura básica prometida no início das licitações públicas, prometidas pela TERRACAP. [...]Faltou obras de acabamento, principalmente pavimentação, água, rede de telefone publico e transporte, sem falar na iluminação

pública das ruas."Sem ônibus, policiamento, escolas, luz nas ruas e comércio, isso aqui mas parece um cemitério. Estamos totalmente isolados do Distrito Federal", revolta-se o comerciário Joaquim Araujo Lima." (Correio Braziliense, Brasília, 25 de Junho de 1986.)

Samambaia até hoje sem infraestrutura

"Os moradores desiludidos não sabem a quem apelar, pois a maioria até liquidou os terrenos e agora está com medo de que o sonho de "um lugar calmo, tranquilo e sem problemas", termine em pesadelo. Segundo Yolanda Damasceno, uma das primeiras pessoas a morar no local a situação de descaso por parte das autoridades tende a piorar." (Jornal de Brasília, Brasília, 29 de Setembro de 1987.)

Samambaia.

"GDF leva 5 mil ao sufoco em Samambaia."Uma vida de sacrifício e desconforto espera as 5 mil e 600 famílias que a SHIS pretende assentar nos próximos meses, no Projeto Samambaia. As famílias já instaladas, adquirentes de lotes vendidos pela TERRACAP em Outubro de 84, enfrentam as péssimas condições da principal rua de acesso, não contam com escola, assistência médica, transporte e serviços de correios e vêm a

cidade aumentando a erosão." (Correio Brasiliense, 8 de Abril de 1988.)

Erosão coloca em risco ocupação de Samambaia

"A ocupação da cidade-satélite de Samambaia ainda está na sua fase inicial, mas grandes problemas já atingem a área. Entre eles e o mais assustador que pode até causar catástrofes é a erosão. Muitas ruas já estão praticamente intransitáveis, seja no setor mais antigo ou nas novas casas que a SHIS vem entregando aos mutuários. Redes de esgotos estão à mostra - algumas manilhas já foram até arrancadas - postes de energia elétrica ameaçam desabar, sem falar no lixo que se acumula, misturando à lama." (Correio Braziliense, 15 de Fevereiro de 1989.)

Falta água em Samambaia

"Em Samambaia, a população alega que o líquido está se tornando cada vez mais raro, motivando a maioria das famílias a utilizar outras fontes de abastecimentos como minas d'água encontradas por acaso e caminhão pipa. Sem água suficiente para atender as necessidades, surge outros problemas, como o acúmulo de louças e roupas sujas responsáveis pela proliferação de moscas e insetos encontrados aos milhares dentro e fora das residências. As famílias utilizam nos dias em que a água não chega

aos chafarizes da Caesb, a água de uma mina nas proximidades da QR. 507. Segundo várias donas de casa, no local são encontrados fezes humanas e de animais, lodo e outros objetos abandonados, como pneus e outros pedaços de ferro. Correio Braziliense, 11 de Maio de 1991.

O aspecto contrastivo dos enunciados oriundos do discurso político e do discurso da imprensa mostram instâncias de apelo em pleno funcionamento: o apelo político trabalhando uma dimensão psico-emotiva, traçando em filigrana uma imagem de esperança e a imprensa exercendo uma função denunciativa, esboçando imagens de desterro, abandono, solidão, nas lexias utilizadas: isolados, cemitério, desiludidos, pesadelo, descaso, sacrifício, desconforto. Os problemas estruturais não foram levados em conta no planejamento da cidade, e a poeira, a erosão, a falta do mínimo necessário, como o abastecimento de água e outros serviços delinearão a imagem trazida pela imprensa. Os receptores do discurso político são, entretanto, os mesmos que vivenciam os problemas do dia-a-dia, do emprego distante e falta de transporte, de crianças soltas sem escola e de terrível falta de água, que torna a vida cotidiana uma corvéia interminável. Ao longo do tempo, como pode-se observar, os problemas não são dirimidos: de 1986 a 1991, a falta de higiene e de infra-estrutura não é suprida, ao contrário tende a piorar, tendo em vista o aumento cada vez maior da população, que hoje (setembro de 1993) deve estar em torno de 300 mil habitantes.

O sujeito-suporte político analisa, promete, indica soluções, perdidas nos liames burocráticos da execução de obras. O personagem-herói é, entretanto, resguardado e permanece no imaginário da população como o único a poder aplinar as dificuldades. Na série de fotografias que veremos em seguida, uma faixa imensa se desdobra em um concentração popular: " Roriz, estamos com você para o que der e vier."

. Instantâneos

Na perspectiva anterior que utilizamos ao abordar o trabalho fotográfico, uma paisagem singular apresenta-se-nos formulando, na voz silenciosa da imagem, sentidos integradores do perfil que procuramos retrair.

Se, de fato, comprovamos nas entrevistas (que veremos a seguir, no próximo item) que os migrantes, ora habitando Samambaia, não tinham como eixo principal de motivação a questão da moradia ao vir para Brasília, esta torna-se o objetivo primeiro de seus esforços, em vista de uma instalação digna e talvez definitiva. Dentre os motivos de migração as pesquisas compulsadas apontam o tratamento de saúde e a busca de trabalho, de melhores condições de vida e remuneração como os polos de atração para Brasília.

Entretanto, tendo em vista as características especiais da capital, já comentadas, a habitação, ou melhor, a falta de habitação e as dificuldades daí oriundas transformam as perspectivas de futuro.

Neste contexto, Samambaia aparece como a ocasião- *hic et nunc* - a ser literalmente agarrada, apesar de rígidas condições de concessão de lotes, que exigiam a ereção de

uma edificação qualquer em um prazo exíguo de 3 dias no terreno recebido.

As fotografias de Samambaia, depositadas no Arquivo do Distrito Federal, mostram, globalmente, um formigueiro humano trabalhando na construção de barracos improvisados, famílias inteiras -mulheres, homens, crianças- ativando-se em meio a folhas de madeira, pranchas, utensílios domésticos, animais, camas, panelas, roupas, berços e bebês. Nesta cacofonia de imagens, alguns indícios transformam-se em matéria interpretativa das condições de possibilidade deste momento, em sua historicidade.

Vejamos as fotos:

foto nº1

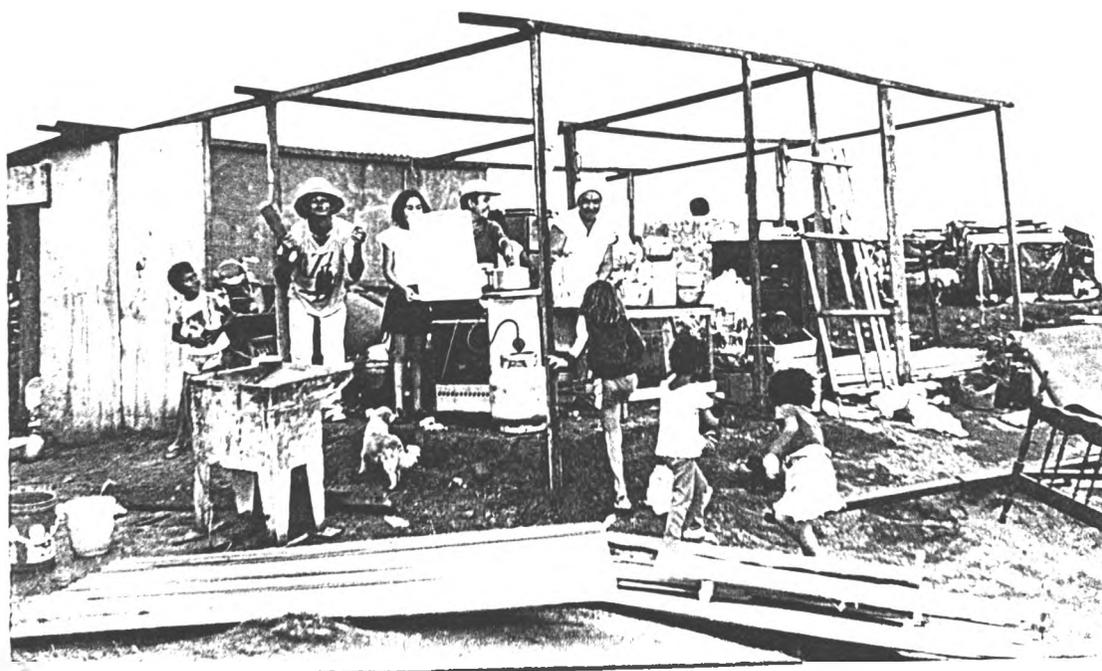


foto n°2

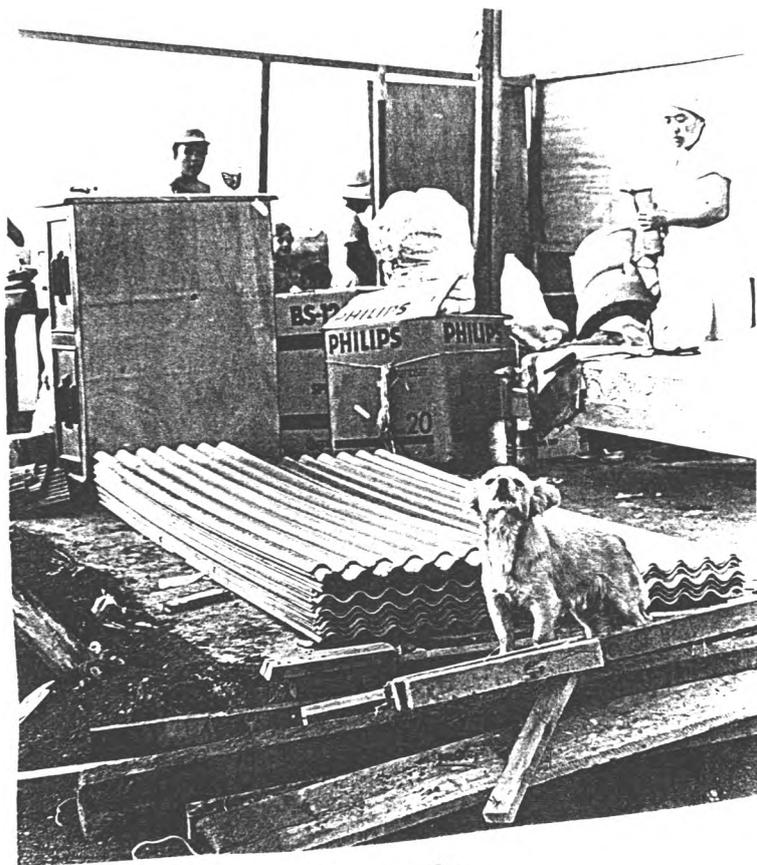
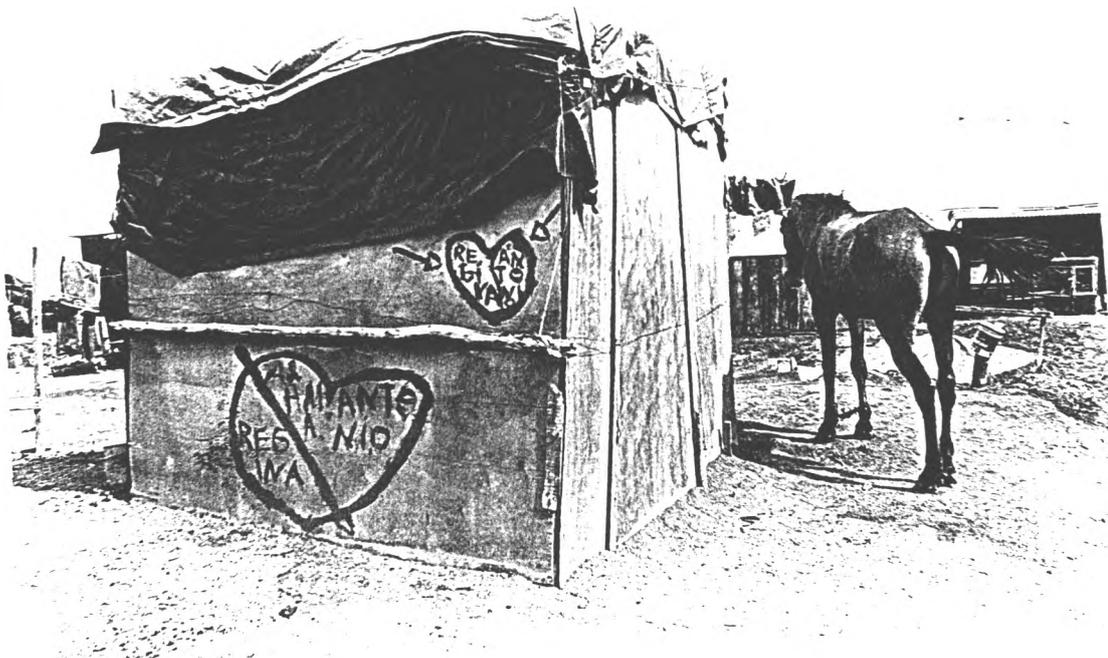


foto n°3

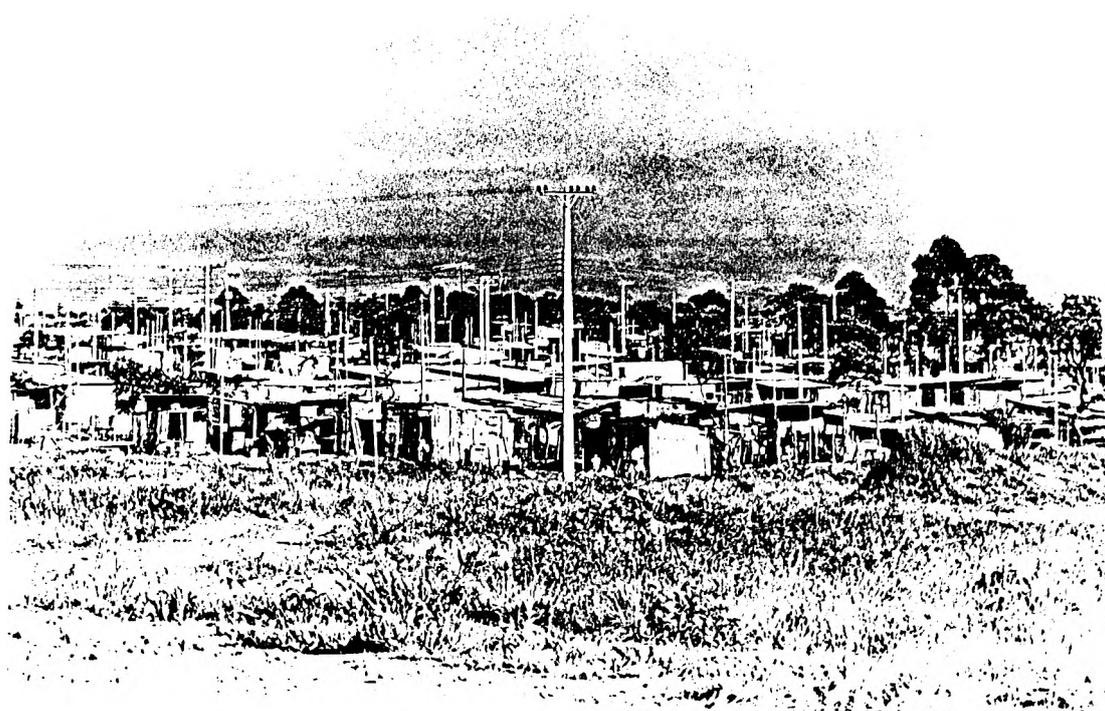


Assim, na esteira do enunciado político- esforço próprio, trabalho individual- observamos a atuação dos próprios futuros moradores, montando barracos precários e minúsculos ou criando uma estrutura mais ampla e talvez mais definitiva (fotos nº 1,2,3).

A fotografia nº3 carrega, deliciosamente, para a mediação do fotógrafo e do pesquisador a significação e a presença da emoção amorosa, dimensão que atravessa/dirige/ o cotidiano, dimensão esta esquecida pela história até pouco tempo atrás, e que tentaremos atualizar com as entrevistas, no próximo item.

Os moradores de Samambaia não vieram para uma cidade pronta, instalada: vieram com seus trastes/suas emoções/ representações/valores/crenças/afetos/desafetos, criar uma cidade que aparece, como por encanto, de um dia para outro. (foto nº 4)

foto nº4



Cidade criada na pobreza - não tem telha, põe plástico, não tem madeira põe papelão - com um mínimo de material e um máximo de criatividade e disposição; é feia, mas pode ser limpa, a apropriação do espaço faz-se até com uma vassoura, na demarcação de limites (foto nº5 e 6).

foto nº5



foto nº6



O fantasma do aluguel, do banheiro para uso de 5/6 famílias, no caso dos "inquilinos-de-fundo-de-quintal" é afastado vivendo-se as perspectivas de um futuro ainda a ser conquistado: os lotes são precários, apenas um pedaço de chão, não dispõem de nenhuma infra-estrutura, a água é distribuída em bicas e torneiras (fotos nº7 e 8) atendendo um número enorme de pessoas para lavar/cozinhar/beber. Se para a construção de Brasília o próprio discurso político apelava para o mutirão nacional, em Samambaia os moradores se organizam para induzir/criar regras de sociabilidade. (foto nº8)

foto nº7



foto nº8



Criaram-se pequenas fábricas artesanais de tijolos de barro (foto nº9), para, aos poucos, levantar barracos mais sólidos. Veremos alguns aspectos do trabalho das Associações de Moradores na parte seguinte deste trabalho.

A comparação com Brasília impõe-se à mente em mais uma característica: a presença marcante e atuação decisiva das mulheres em todas as etapas da emergência de Samambaia. Se em Brasília o eixo econômico era a construção civil orientada e engendrada pelo Estado, reproduzindo portanto, a ordem sócio-econômica da divisão de trabalho/sexo, em Samambaia a ocasião dada à iniciativa individual abre espaço à atuação da mulher, instaurando novos sentidos na organização social.

foto nº9



De fato, tendo em vista a instabilidade das uniões, em geral abundantemente dotadas de filhos, que na maior parte dos casos ficam com as mães, o próprio governo, ao conceder os lotes, o faz em nome da mulher, dando assim às famílias-compostas de mães e filhos- um espaço de segurança/ tranquilidade/ fixação (relativos, como veremos adiante). As condições de possibilidade deste momento de instalação de uma nova cidade, na circularidade de efeitos entre real/ representação/ imaginário, em sua imbricação incontornável, modificam as representações clássicas da cultura patriarcal brasileira, especialmente a nordestina, que delimita e especifica esferas de atuação precisas para mulher e homem. Se a foto nº9 mostra-nos uma mulher fabricando tijolos, veremos que a maior parte das Associações de Moradores são capitaneadas por mulheres.

foto nº10



A última foto, nº10, indica-nos a relevância dada ao governador Roriz, sujeito-suporte da figura do herói: "Roriz com você estamos todos feliz", Como já observamos, em seus discursos Roriz reatualiza o herói-Juscelino e identifica-se a ele, trazendo para Samambaia um pouco da aura mítica que envolveu a construção de Brasília. A emergência da figura do herói mítico tem novamente a capacidade de congrega r emoções/esperanças, de fomentar ações, de criar impulsos e união: Samambaia torna-se um grande reduto político do governo Roriz, que sempre procura, pessoalmente, resolver os problemas a ele trazidos pelas Associações. Aliás, as/os dirigentes destas Associações, que tomaram este cargo informalmente no início são agora, em grande número, funcionários do governo Roriz.

Estas fotos, portanto, além de imagens, carregam indícios a serem analisados/pesquisados, funcionando plenamente, a nosso ver, como fonte de conhecimento do social.

.Estratégias e Representações

Na abordagem do segundo momento discursivo em relação a Samambaia utilizaremos técnicas de história oral, que compreendem entrevistas, história de vida e observação do cotidiano, num universo delimitado e no âmbito de atuação das Associações dos Moradores dessa comunidade.

Neste sentido, tentaremos perceber como se organiza o cotidiano, com suas normas, valores, a força dos paradigmas, a emergência das lideranças comunitárias e suas especificidades, surgidas em função de reivindicações que se referem, sobretudo, à qualidade de vida; a percepção da coletividade na vivência e representação da sociedade em construção de sua própria cidadania.

A técnica da história oral e as histórias de vida foram priorizadas como opção para a coleta de dados, por serem instrumentos que recobrem uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados e que não participam assim da "história oficial". Com a utilização de entrevistas gravadas, registra-se a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade, técnica que melhor se adapta a uma proposta de análise mais qualitativa do que quantitativa, por nos proporcionar

informações a respeito de vivências cotidianas, traçando o perfil das representações coletivas.

Para Maria Isaura de Queiroz, o relato oral se apresenta como técnica útil por registrar o que não se cristalizara em documentação escrita, "servia pois para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível"¹

Já Paul Thompson, considera que a história oral, contempla, não apenas eventos ou padrões de comportamento, mas a maneira como é lembrada e vivenciada na imaginação.

"É parte da história aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também o que acreditam que poderia ter acontecido -sua imaginação de um passado alternativo- pode ser tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu. A construção de uma memória coletiva pode resultar numa força histórica por si só de imenso poder."²

¹Maria Isaura Pereira de Queiroz. Relatos orais: Do "Indizível ao Dizível"-in Olga de Moraes Simson (org)**Experimentos com História de Vida**,), São Paulo, Vértice Editora, 1988, p.15.

²Paul Thompson. **A voz do passado- História oral-**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p.184.

Ecléa Bosi, revendo trabalhos na área de psicologia social sobre a memória, assim se exprime:

"Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais, que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. [...]O simples fato de lembrar o passado no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista." ³

Na verdade, tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo,

³Ecléa, Bosi. **Memória e Sociedade- Lembranças de Velhos**, São paulo, T.A. Queiroz, 1983, p.17.

seja a história real ou mítica. Ainda de acordo com Thompson, a história por ser construída em torno de pessoas,

"[...]lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. [...] Propicia o contato- e, pois, a compreensão- entre classes sociais e gerações.[...]Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história"⁴

Neste enfoque, a história oral é essencialmente uma história de vida, e tem como objetivo captar o grupo, a sociedade, buscando encontrar a coletividade através do indivíduo. Ou seja, por intermédio de histórias de vida ou depoimentos pessoais, revela-se a maneira pela qual diferentes camadas sociais,

⁴Paul Thompson. *Op.cit.*p.44.

diferentes grupos, homens e mulheres, várias faixas de idade estão experimentando as mudanças que ocorrem, segundo que valores as estão encarando, quais as normas que aceitam para seus comportamentos e quais as que rejeitam.

A história de vida é excelente técnica para se trabalhar questões como: o cotidiano, o tipo de relacionamento entre os indivíduos, as opiniões e valores, as aspirações, os sonhos e como sublinha Maria Isaura Pereira de Queiroz, é uma abordagem que contempla canais usualmente silenciados:

"Saber como agiam os silenciosos, aqueles que pouco aparecem na documentação escrita. Isto é, as camadas de baixa renda; saber como encaram sua existência diante das modificações velozes em curso. Constitui uma larga abertura para a utilização de relatos orais e de história de vida."⁵

De acordo com Thompson, a utilização da história oral é imprescindível para uma abordagem mais equilibrada de trabalho histórico:

⁵Maria Isaura...Op.cit.p.33

"A evidência oral, transformando os 'objetos' de estudo em 'sujeitos' contribuirá para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira."⁶

Ao trabalhar a questão do cotidiano, Agnes Heller enfatiza que a vida cotidiana é a vida do homem inteiro com todos os aspectos de sua individualidade, personalidade, sentimentos, paixões, idéias, ideologia:

"A vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico; é a verdadeira essência da substância social."⁷

Essa essência social seria para Maffesoli o ritual cotidiano.

"Do bom-dia banal às discussões acadêmicas mais elaboradas, das frases anódinas que pontuam nossas ações de

⁶Paul Thompson. *Op.cit.* p.137.

⁷Agnes Heller. *O cotidiano da História*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p.20.

todos os dias às trocas afetivas que constituem a qualidade da existência, o ritual teatral opera permitindo a comunicação, a troca, isto é, permitindo o ser social.[...] Se mistura num conjunto fragmentado, o grotesco, a tragicomédia ou mesmo o patético e o épico."⁸

Jacques Le Goff, por seu turno, demonstra que é na vida cotidiana que se revela o sentimento de duração nas coletividades e nos indivíduos,

"o sentimento daquilo que muda, bem como daquilo que permanece, a própria percepção da história, pois cabe ao historiador fazer desse dado, o vivido quotidiano da história, em objeto científico.[...] A história quotidiana é uma visão autêntica da história porque representa uma das melhores formas de abordagem da história global, na medida em que atribui a cada ator e a cada elemento da realidade histórica um papel

⁸Michel, Mafessoli. **A Conquista do Presente**, Rio de Janeiro, Rocco, 1984, p.134/7.

no funcionamento dos sistemas que permitem decifrar essa realidade." ⁹

Assim, procuraremos nesta etapa, entender o saber produzido acerca da realidade dos moradores de Samambaia; se, até agora priorizamos o discurso de outrem sobre esta cidade, pretendemos, através de entrevistas com lideranças comunitárias e moradores de Samambaia, detectar as representações sociais que ordenam e modelam o cotidiano desta cidade, observando como essas representações direcionam a interpretação da realidade do dia a dia, com suas estratégias de sobrevivência e convivência.

O universo trabalhado constou de cinco entrevistas com mulheres de Samambaia, buscando desvelar suas histórias de vida, além, de entrevistas com os presidentes de algumas Associações de Moradores, escolhidas aleatoriamente dentre as 103 existentes, segundo critérios de praticidade: Associação da Ação Social de Samambaia, (presidente: Maria de Fatima Miranda) ; Associação União de Samambaia, (presidente: Regina Célia Magalhães) ; Associação da Mulher da quadra 103, (presidente: Dalva Maria de Lima); Associação do Movimento das Mulheres Atuantes de Samambaia (presidente Geralda Rodrigues). Todas as entrevistas foram realizadas e transcritas pessoalmente e ocorreram no local de trabalho dessas pessoas.

⁹Jacques, Le Goff. A História do Quotidiano, in História Nova História, Lisboa, Teorema, 1980, p.81/2.

Cabe, desde logo, destacar a escolha do sexo feminino para as entrevistas. Em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela exclusão, que se aprofunda na relação entre os gêneros, a mulher em Samambaia assume uma nova dimensão: os lotes são registrados em seu nome, e nas Associações elas são elementos majoritários de reivindicação e participação. Até que ponto isso representará uma modificação na concepção tradicional da mulher passiva e conservadora? Se em Brasília as mulheres não participaram do apelo ao mutirão cívico, em Samambaia aparecem como condutoras, organizadoras da prática socio-comunitária.

A historiografia das últimas décadas favorece a história social das mulheres, dentre os excluídos/esquecidos que constroem a história e abre espaço para uma história microssocial do cotidiano. Georges Duby e Michelle Perrot, por exemplo, publicaram, recentemente uma História das Mulheres, reunindo artigos de vários autores/as que contemplam a periodização clássica na ótica do feminino.¹⁰ Régine Pernoud, outro exemplo, trabalha a história das mulheres, analisando períodos a partir de uma ótica biográfica, além de uma obra específica sobre a mulher na Idade Média.¹¹ A teoria dos gêneros vem contribuindo decisivamente para o aprofundamento da análise do social em termos de papéis sexuais, ou seja, dotados de peso e valores sociais segundo as determinações

¹⁰ Georges Duby e Michelle Perrot. *Histoire des Femmes*, Paris, Plon, 1989

¹¹ Régine Pernoud. *La femme au temps des cathédrales*, Paris, Stock, 1980 e *La reine Blanche*, Paris, Albin Michel, 1972, por exempl.

construídas e atribuídas aos sexos. Neste sentido, as obras são numerosas, não cabendo aqui uma enumeração exaustiva.¹² Neste sentido, no caso em estudo, as mulheres extrapolam estas determinações nas práticas sociais, mas interessa-nos sobretudo a observação destas transformações no que concerne o imaginário e a representação dos sexos.

As entrevistas foram gravadas integralmente, dentro da preocupação de preservar fontes históricas que poderão ser utilizadas por outros pesquisadores, uma vez que é objetivo da história oral armazenar e conservar, mas criando uma fonte histórica, pois de acordo com Aspásia Camargo, é justamente a história oral que vai propiciar a gravação e o processamento de conjuntos de depoimentos de atores ou testemunhas de fenômenos sociais significativos, cujo registro se perderia pela carência ou insuficiência de fontes históricas alternativas.¹³

A gravação proporciona assim, o registro das emoções, das intonações do entrevistado durante o trabalho; para Paul Thompson,

"A fita é um registro muito melhor e
mais completo do que jamais se

¹²apenas uns poucos exemplos, dentro da grande produção neste sentido: Maggie Humm *Women as contemporary critics*, Sussex, 1986; Joan Scott, *Gender and the politics of History*, N.Y., Columbia University Press, s/d; Michelle Perrot (dir). *Une histoire des femmes est-elle possible?* Paris, Rivages, 1984

¹³Aspásia Camargo. Programa de História Oral, catálogo de depoimentos, in: *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1981, p.37.

encontrará nas anotações rascunhadas ou no formulário preenchido pelo mais honesto entrevistador, e menos ainda nas atas oficiais de uma reunião. O registro oral proporciona o documento mais preciso."¹⁴

A abordagem discursiva que faremos sobre e em Samambaia orienta-se para as experiências cotidianas dos seus moradores e o dia-dia das suas lideranças comunitária e suas representações e estratégias, seguindo a perspectiva de Moscovici, para o qual o indivíduo só existe dentro de uma rede social e toda sociedade é o resultado da interação de milhares de indivíduos, com sua carga de imagens e representações, coletivas e pessoais:

"[...]em cada indivíduo habita uma sociedade: a de seus personagens imaginários ou reais, dos heróis que admira, dos amigos e inimigos, dos irmãos e pais com quem nutre um diálogo interior permanente".¹⁵

¹⁴Paul, Thompson. *Op.cit.* p.146.

¹⁵Moscovici, S. et al. *Psicologia social*, Barcelona, Ediciones Pardos, 1985, p.18, v. 1.

..Mulheres e papéis sociais.

A galinha Reivindicadora

Certa vez um galo e uma jovem galinha se encontram no fundo de um galinheiro. Entre uma bicada e outra, eles conversam sobre como o mundo estava mudando. Ele quis então mostrar que sua vida tinha sido muito boa, que tinha tido muitas galinhas em sua carreira sentimental e que agora estava esperando o fim de seus dias. Alegre-me em saber que esteja contente', disse a galinha, 'você tem direito de estar alegre. É claro, você é um galo. Mas eu, uma galinha, fêmea da espécie, será que posso estar alegre? não, não posso. Pondo ovo todo dia, chocando todo semestre, criando pintinhos, você chama isso de vida? Mas agora as coisas vão mudar. Pode estar certo de que eu estou levando a vida livre e feliz de um galo. Faz 6 meses que não choco e faz uma semana que não ponho ovos. Se Dona Maria não estiver satisfeita comigo ela que procure outra pra fazer o serviço. O velho galo ia ponderar filosoficamente que um galo é um galo e uma galinha é uma galinha e que cada um tem sua função específica na vida, quando subitamente alguém agarrou a tola da galinha pelo pescoço e levou-a embora dizendo: 'Dona Maria

está muito certa porque uma galinha que não choca e não põe ovos só serve mesmo é pra panela!'.
'.

Millôr Fernandes

Este pequeno conto ilustra perfeitamente a naturalização do papel destinado à mulher em nossa sociedade, apontando inclusive para as sanções, em caso de fuga ou transgressão à norma. É um discurso que identifica o ser pela função: fêmea procriadora. E além disso, a distinção dos destinos sociais está marcada na própria natureza: **um galo é um galo, uma galinha é uma galinha.** Na simplicidade do relato, o destino da rebelde é inexorável: a morte. Esta história retrata uma postura ancorada em imagens que fazem do relacionamento entre os gêneros algo de inquestionável, derivando de uma possível essência interior definidora de marcos, posições e interditos sociais. Assim, a mulher, enquanto ser natural, teria seu destino social traçado e sobre os desvios, paira a ameaça suprema, o aniquilamento total. Em nosso estudo de caso, é interessante observar como são representados estes papéis, na medida em que, cidade em instalação, Samambaia conta com mulheres extremamente ativas, atuando em movimentos e setores usualmente atribuídos aos homens. Como vimos nas fotos acima, estão presentes em todos os momentos, inclusive na fabricação de tijolos. (foto nº9)

Diferentemente do início da construção de Brasília, onde havia uma predominância da população masculina, Samambaia apresenta-se com características específicas: a) o grande número de liderança comunitária, 103 Associações registradas e b) uma presença acentuada de líderes do sexo feminino, pois 80% das lideranças comunitárias é exercida por mulheres.

Perlman, em seu trabalho sobre as favelas cariocas, acentua que as mulheres da favela tem índices mais baixos de percepção e envolvimento político que os homens de seu grupo. Em um levantamento sobre liderança encontrou apenas 13 mulheres entre 150 líderes.¹⁶ Samambaia quebra este modelo quando apresenta um número mais do que expressivo de lideranças femininas, combatentes e atuantes, a partir, entretanto, da situação tradicional de mulher-mãe, dona-de-casa, papel incorporado e não contestado nas entrevistas. Partindo de uma situação de subordinação e inferioridade cultural em relação ao masculino e seus valores, como se vêem as mulheres de Samambaia, que finalmente, pela sua prática social estão modificando papéis? Para Elizabeth Lobo, é o momento das rupturas teóricas, para as quais os movimentos de mulheres, as novas práticas sociais, e o desenvolvimento de reflexões feministas contribuíram.¹⁷

Filomena Gregori, acentua que não é novidade a participação das mulheres nos movimentos populares, -dado apenas

¹⁶J. Perlman. **Os Mitos da Marginalidade; favelas e políticos no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p.225.

¹⁷Elizabeth Souza Lobo. **A classe operária tem dois sexos**, São paulo, Brasiliense, 1991, p.107.

silenciados - e que em suas condições de possibilidade próprias, essa participação cria para as mulheres, e por ela, novas formas de sociabilidade e mudanças na esfera privada. As mulheres engajadas nesses movimentos conhecem pessoas, aprendem a falar em público, começam a andar pela cidade em que vivem, o que tem lhes permitido quebrar o tempo rotinizado nas tarefas domésticas: elas começam a ter um tempo para si próprias.¹⁸

Explicando a participação da mulher em Samambaia a líder comunitária Regina Célia Monteiro nos diz:¹⁹

" a mulher tem mais garra, tem mais vontade de trabalhar que os homens."

Já para a presidente da Associação da Mulher da quadra 103, Dalva Maria de Lima, a maior participação da mulher deve-se a sua força, "

"as mulheres trabalham mais, cobram mais, são mais ativas, vão mais atrás, os homens são palermas".

Para Geralda Rodrigues, Presidente do Movimento das Mulheres Atuantes de Samambaia, em qualquer movimento de

¹⁸Maria Filomena Gregori. **Cenas e Queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista.** São paulo, Paz e Terra, 1992, p.115.

¹⁹As entrevistas foram transcritas com o linguajar próprio das entrevistadas, de onde os erros eventuais de português.

reivindicação o número de mulheres é bem maior,

"grande parte das mulheres de Samambaia é muito politizada, sabe reivindicar, sabe o que quer, não tem medo de falar e fala de cabeça erguida, são mulheres atuantes e lutadoras"

Para a presidente da Associação de Ação Social de Samambaia, Fátima Miranda, a participação da mulher deve-se a uma nova consciência que ela adquiriu com a sua própria vida de luta, o que em termos teóricos, Sheila Rowbotham trabalha como um feminismo espontâneo, nascido da simples constatação da realidade vivenciada:

"Sob uma consciência não feminista 'falsa', encontra-se em cada mulher um feminismo natural 'verdadeiro'. As feministas precisam apenas sondar as profundezas desse poço de senso comum para alcançar o que toda mulher sabe.²⁰"

Todas as falas das líderes entrevistadas, explicitam uma certeza de mudanças em suas vidas e quanto a Samambaia, acreditam que sem a participação das lideranças, a cidade não teria conquistado tantas coisas: apesar de muito

²⁰Sheila, Rowbotham. *Além dos fragmentos*, São Paulo, Brasiliense, 1981, p.106.

precisar ainda, consideram sua atuação importante, defendendo o bem da comunidade. As imagens de si, enquanto mulheres -gênero- e enquanto líderes é extremamente positiva, na medida em que valorizam não apenas sua atuação, mas seu próprio ser social, demarcado no confronto com o masculino. Esta representação difere, portanto, de imagens presentes no imaginário social, da mulher fútil, submissa, acanhada, reservando-se o espaço privado para sua atuação. Política e reivindicação não aparecem como "negócio de homens".

Elas relembram as dificuldades encontradas no início do assentamento:

"sem água, luz, nem chafariz tinha, a água vinha do caminhão pipa, sem escola, transporte, só a poeira imensa, os lotes foram limpos pelos próprios moradores, recebemos cheio de mato e pedras. Sentíamos que precisávamos nos organizar." (Fátima)

Apesar de não estarem integradas às instituições do poder, promoveram sua organização e suas relações próprias de convívio comunitário. As lideranças comunitárias em Samambaia são eleitas por quatro anos pelos moradores das quadras que representam, com exceção da Geralda; esta, líder do Movimento das Mulheres Atuantes de Samambaia, segundo ela própria, não foi eleita por quadra e sim por sexo :

"foi mulher vota, independentemente da quadra que mora" .

Manuel Castell, estudioso de movimentos sociais assim os define:

"Por movimento social urbano se entende um sistema de práticas que resulta da articulação de uma conjuntura definida, a um tempo pela inserção dos agentes suportes na estrutura urbana e na estrutura social, e de natureza tal que seu desenvolvimento tende objetivamente para a transformação estrutural do sistema urbano[...] ²¹

Esses movimentos sociais de acordo com Eder Sader, criam novos espaços políticos, uma vez que conduz a novas relações com o espaço público,

"Ao observarmos os movimentos sociais que dão uma nova configuração social aos trabalhadores no cenário público na segunda metade dos anos 70, nós nos damos conta da existência de

²¹Manuel Castells. *La cuestión urbana*, México, Siglo XXI, 1976, p.475.

novos significados atribuídos às suas condições de vida, e esses novos sentidos nem se desprendem 'naturalmente' do cotidiano popular e nem decorrem dos discursos previamente instituídos sobre os trabalhadores. Eles constituem reelaborações filtradas em novas matrizes discursivas- quer dizer: novos lugares, onde se constituem diversamente os atores, estabelecem novas relações entre si e com o meio e, portanto, abordam diversamente a realidade." ²²

Não nos interessamos em definir movimentos sociais; observamos, porém, que as mulheres líderes de Associações constroem e ocupam, assim como indica Sader, novas posições de sujeito no discurso e no cenário social e criam imagens de gênero que trabalham no sentido da reelaboração do feixe de relações sociais. Ou seja, sua atuação não só tem como efeito a remodelagem do espaço físico da cidade, com o atendimento de suas reivindicações, mas estabelece no imaginário social uma representação nova, ampla e positiva da mulher no espaço social. Assim, através dessas lideranças, o espaço urbano é remodelado e

²²Eder Sader. **Quando Novos Personagens Entram em Cena**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p.143.

organizado, tentando-se inclusive uma educação para o convívio social, no sentido da preservação dos bens comunitários.

Em Samambaia, as lideranças incorporam às suas práticas uma consciência de grupo social com reivindicações específicas, embora a forte imagem do governo Roriz (o herói que aplana os caminhos) influencie, entre outras coisas, as formas de luta e resistência desse grupo, exercendo um controle indireto na organização das associações, através da cooptação das lideranças, que em muitos casos foram engajadas na administração, como indicamos acima.

De um modo geral, quando as líderes entrevistadas falaram do governo Roriz, foi para elogiar:

"A população de Samambaia deve tudo a Roriz, quando ele chega aqui é uma festa.(Geralda)

"Roriz atende a gente com muito carinho, atende até na casa dele e a esposa dele é muito atenciosa. O povo aqui é muito Roriz, se ele se candidatar ele ganha novamente."(Dalva)

"Nós criamos uma intimidade tão grande com o governador, para nós ele é um ídolo, nós gostamos tanto dele, ele vai fazer muita falta nas nossas vidas, quando ele encontra a gente ele abre os braços para nós, esteja onde estiver." (Fátima)

"O governador Roriz sempre dá aquele aval aos habitantes de Samambaia"(Regina)

Como já tivemos ocasião de observar, a imagem do herói recobre o sujeito-suporte institucional; as relações de poder são assim mediadas por uma imagem cultivada pelo personagem político, criando um clima de paz e entendimento em questões espinhosas de infra-estrutura, que envolvem grandes investimentos econômicos. A emoção, o carinho, a afetividade, a gratidão, a intimidade perpassam os depoimentos das entrevistadas, confundindo a figura institucional com a imagem do ídolo, como sublinha Fátima.

Parcialmente edificada pelo trabalho não pago de seus moradores, pelo esforço próprio apregoado por Roriz, como vimos, Samambaia padece dos males de uma cidade feita às pressas, para abrigar uma grande parcela da população que vivia em invasões e favelas. De acordo com o Instituto Soma Pesquisa de Opinião e Mercado trata-se :

"De uma área de baixíssima renda média, com uma boa parte da população economicamente ativa envolvida em atividade do setor informal sem carteira assinada. É evidente também, que a taxa de analfabetismo é muito elevada e o número de crianças em idade escolar fora

das escolas é impressionante. Afinal trata-se de apenas mais um grupo de meio-cidadãos, parte visível da desigualdade social do Brasil, vivendo às margens dos bens de serviços.[...] Só que pouca gente conhece é que para a maioria dos moradores, Samambaia representa o marco zero de suas vidas, como se o futuro começasse agora."²³

Quando se trata de avaliar as condições de vida em Samambaia, ainda extremamente precárias em termos de moradia, escolas, emprego e principalmente quanto à violência, que é muito acentuada, as críticas das lideranças comunitárias recaem sobre a situação do país como um todo, sobre o governo federal e principalmente sobre o poder local: o administrador da cidade e a polícia.

"Não temos acesso ao administrador é mais fácil falar com o Roriz" (Fátima)

²³Instituto SOMA, Opinião e Mercado. A Vida em Samambaia, pesquisa realizada entre os dias 24 e 30 de Agosto de 1991, Brasília, p.2.

" Tenho mais facilidade com outros órgãos do que com o administrador, o deputado Osório Adriano é que me ajuda muito".(Regina)

" Temos dificuldade de trabalhar porque não temos acesso ao administrador. O administrador tem que ser um homem de comunidade e esse não é." (Dalva)

Quanto à violência que grassa na cidade, as líderes comunitárias indicam que:

" A violência aqui é uma coisa fora de série principalmente com as mulheres,elas sofrem muito apanham dos maridos, são estupradas. Elas não vão na delegacia porque elas não têm segurança.Ela dá parte do marido quando chega apanha mais ou morre. A gente cobrou e o governador deu uma sala na delegacia e colocou uma delegada mulher para resolver os problemas das mulheres, mas ela é uma molóide não resolve nada, ninguém procura mais. A delegacia da mulher está no lugar errado lá no Plano,a mulher rica não apanha, ela só é agredida. A mulher pobre é que leva cacete."(Dalva)

" Muitas mulheres sofrem violência dos companheiros que às vezes querem colocar pra fora do lote, para vender o lote, quer obrigar por todos os meios a vender seu lote, pois você sabe que o lote é no nome das mulheres. São homens viciados a morar em invasão, não tem consciência que vai ter uma vida melhor, já acostumou com a miséria. Aqui também tem muito estupro e muita droga, o efetivo policial pouco para uma cidade do tamanho de Samambaia, os moradores do lago que tem alarme, portão eletrônico, vigia, tem sua segurança particular, pode pagar, tem um efetivo maior, nós aqui temos poucos policiais e sem equipamentos."
(Fátima)

"Os homens matam as mulheres para vender o lote. O negócio é feio. A pressão é tanta que a pessoa cede, eles vendem o lote e vão pra debaixo da ponte. A polícia é pouca e a lei é esquisita, prende e solta logo e a gente fica com medo até de denunciar. A delegada mulher sem competência, não ataca nada, essa Vera não tem peito para Samambaia."
(Regina)

"Os homens passam o dia inteiro num boteco, enchendo a cara, jogando dominó e quer descontar nas mulheres que passam o dia trabalhando, batem nelas, quando elas denunciam já apanharam muito e não aguentam mais, a mulher não vende o lote dela por vender ela é ameaçada, coitada. Aqui tem um posto da delegacia

da mulher, mas a delegada é ineficiente, ela não tem diálogo com as mulheres, estamos cobrando do governador uma delegacia só de mulher."(Geralda)

Samambaia vive sob a sombra ameaçadora da violência e do poder: se a miséria, a fome, o desemprego são violências sociais que se abatem indiferentemente sobre todos, homens e mulheres, numa forma exacerbada de poder que amputa a dignidade humana, outros poderes se fazem presentes no relacionamento social, como bem explicita Foucault, fazendo-se evidente nos fragmentos discursivos das líderes comunitárias. Foucault salienta que o poder não se possui como uma coisa ou um objeto, mas existe nas práticas sociais, disseminadas no tecido social e contra as quais a repressão não é a forma mais eficiente ou mais utilizada²⁴

Assim, a violência que aparece no discurso destas mulheres, é a violência cotidiana, a violência que se traduz na relação entre os gêneros, do poder social que exerce o homem sobre a mulher, institucionalizado implicitamente; este poder se alicerça num imaginário de supremacia masculina e que aceita e interina a violência como forma de controle das mulheres. Já diz um ditado: "Se bater em sua mulher e não souber porque, ela sabe", ou seja, a mulher é intrinsecamente culpada de algo, por natureza, desde Eva..

²⁴Michel Foucault. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro, Graal, 1983, cap. XV.

Jean Delumeau traça o trajeto de uma imagem da mulher que, aos poucos, foi se implantando no Ocidente, sob a égide da Igreja, a partir da própria Bíblia e da Patrística: seus predicadores, confessores, conjugam esforços com médicos, juristas, e traçam a imagem de ser um pouco débil, muito frágil intelectual e fisicamente e sobretudo, tendo estreitas ligações com o Mal, razão pela qual necessita ser domesticada e submetida: para ajudá-la a conter seus impulsos.²⁵ Explorar mais este tema fugiria a nossos objetivos; entretanto, sinaliza-se assim a presença, no imaginário social, de uma figura de mulher que permite, implicitamente, a violência conjugal, em todas as classes sociais. Segundo Erin Pizzey, em seu livro *Grite mais baixo, os vizinhos vão ouvir*,

"Fora de sua casa, a mulher torna-se um membro da sociedade como os outros: na rua, é socorrida, se ela cai. Persegue-se o 'covarde agressor' que a ataca.[...] Mas se é seu marido que a joga no chão em sua cozinha, chuta-a, fratura seu nariz ou bate sua cabeça contra a parede, ele não é considerado um 'covarde agressor': é um esposo, portanto um proprietário. O direito de

²⁵Jean Delumeau. *La peur en Occident, XIVE-XVIIIe siècles*, Paris, Fayard, 1978. cap. 10

propriedade é sagrado. Tudo se passa como se [...] fosse admitido implicitamente que o marido pode dispor do corpo de sua mulher como o senhor, antigamente, de seu escravo."²⁶

Esta situação, para as líderes entrevistadas, é apenas um caso de polícia: seus argumentos não parecem colocar em causa este tipo de relacionamento, ou seja, surge como natural, e a estratégia para contornar este estado de coisas é o apelo às instâncias repressoras da sociedade. Entretanto, a convivência social entre os agentes institucionais e o agressores é claramente percebida, em nível de legislação, lei esquisita, e na medida em que se reivindica uma delegacia composta só de mulheres.

Assim, o medo acompanha a impunidade e a providência do Estado, entregando os lotes em nome das mulheres resulta sem efeito em numerosos casos, pela prática social. A violência sexual, incesto, estupro é prática comum, segundo estas líderes e a impunidade é a mesma, mesmo quando a revolta leva à denúncia e à prisão e poucas horas ou dias. Atribuem a violência para forçar a venda do lote apenas a uma falta de consciência da possibilidade de uma vida melhor, mas percebem claramente que não existe divisão de trabalho: se o ócio pode ser resultado de um

²⁶Erin Pizzey, *Crie moins fort, les voisins vont t'entendre*, Paris, Des Femmes, 1974

desemprego crônico para os homens, não justifica uma violência também crônica.

É interessante observar a distinção feita entre **agredir e apanhar**, ou seja, mulher rica só é agredida e a discussão gira em torno da intensidade da violência, e não do fato em si, que evidencia uma relação desequilibrada entre os gêneros, incorporada portanto, sem questionamento, ao imaginário destas mulheres.

A disciplina, no sentido da produção de normas e modelos de conduta, e a produção de saberes são funções de poder tanto a nível macro quanto micro, amplamente utilizadas, altamente eficazes e intimamente relacionadas: poder gera saber que por sua vez gera mais poder. Neste sentido, a criação de imagens, a nosso ver, gerencia poderes, gera saberes que ordenam o relacionamento e as práticas sociais.

Para Roger Chartier, as percepções do social não constituem um discurso neutro, pelo contrário:

"Produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos,

as suas escolhas e condutas." ²⁷

A conscientização de que partilham um mesmo gênero de opressão cria nas lideranças comunitárias uma intensa prática reivindicatória junto às instituições seguindo, entretanto, caminhos que passam pela amizade e pelo sentimento, não pelo direito de cidadania: se, de acordo com Geralda, presidente da Associação das Mulheres Atuantes de Samambaia e membro do Conselho da Mulher, as mulheres já têm assistência jurídica, pois o Conselho tem convênio assinado com a OAB e os advogados prestam assistência gratuita às mulheres, na área de saúde a situação é precária com apenas um posto de saúde que não supre as necessidades da comunidade, mas *"como nós temos amigos dentro da Secretaria de Saúde é mais fácil encaminhar essas mulheres para fazer tratamento que precisam de urgência"*.

Vemos, deste modo, que apesar da consciência dos direitos de cidadania, muitas das relações entre os líderes e agentes institucionalizado continuam permeadas pela troca de favores e pelo assistencialismo como pode-se observar na própria fala da líder Regina com relação ao deputado Osório Adriano- *"Osório Adriano me ajuda muito arranhou emprego pra duas mulheres e me deu madeira pra construção da minha creche"*-.

²⁷Roger Chartier. *A História Cultural entre Práticas e Representações*, Lisboa, Difel, 1987, p.17.

Em seu cotidiano essas mulheres tecem redes de relações com o objetivo de compensar a grande ausência do poder constituído- o Estado- deixando suas marcas e influência na luta pelos seus direitos ou usando "os recursos disponíveis para controlar o mundo à sua volta"²⁸ Assim, em um cotidiano de luta e mobilização, surgem novos atores, sujeitos-suporte de discursos, cujas matrizes reivindicatórias e denunciativas apontam para um redimensionamento do espaço urbano e prometem uma nova imagem de mulher no âmbito da esfera pública.

Nas representações das líderes entrevistadas, o direito das mulheres permanecerem com seus lotes aparece associado a idéia de dignidade humana, além de estar vinculado à noção de liberdade e cidadania. De acordo com José Geraldo Sousa Jr, a experiência de luta hoje, pela construção da cidadania se expressa como reivindicação de direitos e liberdades básicos e de instrumento de organização e representação. Organizam-se associações de moradores, manifestações de lutas orientadas para reivindicações autônomas, fundadas na convicção de que obedecem à manifestação de um legítimo direito.

"A reivindicação de direitos, como
o direito de morar, nestas
condições, orienta a construção
social da cidadania, na medida em que

²⁸Collier, J. **Women in politics**, Stanford, Stanford University, 1979, p.90

as classes e grupos espoliados e oprimidos definem a sua representação, a sua participação e instaura na sociedade a dimensão geral da liberdade como expressão da liberdade fundamental de todo o ser humano."²⁹

A luta pela cidadania se expressa também, como uma conquista de espaço político, o que para Eunice Trein seria uma forma de quebrar mecanismo de exclusão:

"Romper como os mecanismo de dominação, recuperar espaço político, tornar mais equitativa a distribuição do poder, exercer a cidadania no seu sentido próprio, é o desafio e ao mesmo tempo a conquista a ser realizada na direção da democracia. Cidadania aqui entendida como direito a ter direitos."³⁰

Esta concepção " direito a ter direitos", encontra-se nas asserções das lideranças, quando formulam as

²⁹José Geraldo Sousa Júnior. **O Direito achado na rua: O direito de morar**, Brasília, Editora da UNB, 1987, p.38.

³⁰Eunice Trein. **Educação popular e cidadania**, Rio de Janeiro, Revista Tempo Brasileiro, V. I, p.118.

reivindicações e expectativas para o futuro, matizadas por demandas que dizem respeito a situação específica das mulheres.

"Eu já ganhei o lote do governador para construir o centro comunitário, mas falta dinheiro, o meu desejo é ter o meu centro onde eu possa reunir as mulheres para ensinar a tricotar, fazer sabão e costurar e um lugar onde elas possam se reunir, porque por enquanto está sendo na minha casa " (Dalva)

"O meu sonho é ter o meu centro comunitário, onde eu possa fundar uma cooperativa, para gerar empregos para as mulheres, é assim: elas vêm e passam o dia todo aqui, elas podem trazer os filhos pequenos, pois ao lado da cooperativa quero fazer uma creche onde as próprias mães vão cuidar dos seus filhos e trabalhar na cooperativa, já ganhei as máquinas de costura e tricô, só falta ter dinheiro para construir o centro."(Geralda)

"Eu quero construir meu centro comunitário para que eu possa fazer uma clínica comunitária, eu quero trabalhar na área de saúde preventiva, onde as mulheres tenham atendimento ginecológico, odontológico e pediátrico para seus filhos. O meu sonho também é formar um grupo de terapia onde a mulher possa falar suas tristezas suas angústias, porque a rica

pode pagar um analista e a pobre coitada não tem nada disso
"(Fátima)

"Eu tenho meu centro comunitário onde funciona uma creche para 72 crianças, e tem também aula de ginástica e caratê para os jovens, eu preciso mesmo é de uma verba para manter esse centro pois ele vive só de doações , eu quero colocar também um curso de cabeleireiro, preciso também de iluminação perto do centro comunitário, mas o administrador prefere iluminar as quadras de esporte porque dá mais ibope."(Regina)

Suas estratégias compreendem, portanto, uma perspectiva de promoção social e políticas das mulheres, tentando abrir-lhes espaços de encontro, aprendizado, discussão, troca, numa tentativa de criar redes de socialização, de apoio mútuo. O medo e a angústia diminuem, a consciência de uma identidade e de direitos sociais e civis se desenvolvem em Centros Comunitários como estes planejados pelas líderes entrevistadas, como já foi amplamente demonstrado pelos movimentos feministas, em diferentes países. As representações, entretanto, da imagem e do papel social da mulher, ordenam estas estratégias, dirigindo-as para os caminhos mais tradicionais de atuação do feminino, em torno de tarefas ligadas a espaço privado e à família, ou seja, trabalham dentro de suas condições de possibilidade- individuais e coletivas.

As líderes comunitárias são os sujeitos-suporte de discursos que exprimem, portanto, situações-limite vividas pela comunidade em geral, retirando da zona de obscuridade e do silêncio político-social a opressão e a violência específicas experimentadas pelas mulheres, numa ação de interação e solidariedade constitutiva da existência cotidiana, articulando o privado, o social e o político. São as mulheres incorporando-se ao imaginário social como sujeitos de luta e resistência, são as mulheres presentes, como explicita Michèle Perrot:

"Elas estão presentes aqui e além. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. na cidade ou mesmo na fábrica possuem outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência que desmontam a racionalidade do poder e que têm raízes no uso do tempo e do espaço que lhes são próprios."³¹

" Samambaia é muito nova e ela vai ser um exemplo de cidade, é só esperar pra ver"(Geralda)

³¹Michèle Perrot. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p.212.

"Nós estávamos sem referência, o fato de possuir um endereço fixo, nos dá essa referência, é por isso que eu amo essa cidade mesmo com todos problemas." (Fatima)

"Estou desiludida com Samambaia por causa da violência, mas gosto de morar aqui e meu sonho é ver toda bonita, asfaltada com mercado, com hospital e com emprego pra todo mundo, principalmente para os jovens."(Dalva)

"Eu acredito que Samambaia ainda vai se tornar uma cidade-modelo, é só a gente ter paciência. Eu gosto de morar aqui e acredito que Samambaia tem futuro."(Regina)

No discurso das líderes comunitárias percebe-se um sonho de mudança, e atribui-se os problemas de Samambaia a fatos ou momentos conjunturais, como a falta de emprego para os homens; indicam, entretanto, a inércia, a falta de iniciativa, dos homens como um dos fatores que dificultam o progresso da cidade;

" as mulheres se viram de toda forma e trabalham, os homens esperam o governo dar alguma coisa";

Apontam uma solução; a construção de um setor de pequenas oficinas, ou seja, que o governador Roriz reserve uma

área para esses pequenos empresários, incentivando o trabalho autônomo. Todas falam de um sonho, de uma cidade perfeita, onde reinaria tranquilidade e prosperidade para todos, e onde, como nos contos de fada, "viveriam felizes para sempre". Esperança, futuro, sonho, modelo, exemplo, palavras-chave que esboçam o perfil da cidade-mítica, da utopia urbana, reproduzindo, de certa forma, a imagem mítica de Brasília. Samambaia, cidade criadora de identidade, cidade-referência, que nos lembra Maffesoli:

"A cidade de todos os dias é aquela onde nossos afetos se enraízam, onde se vive na imperfeição, mesmo e sobretudo quando evoca imaginariamente, uma figura mítica onde se realiza a harmonia plural."³²

As representações das lideranças, que atravessam seu discurso, trabalham códigos de interpretação fornecidos pela sociedade com seus valores e aspirações e emergem nas práticas discursiva de seus lugares institucionais; Samambaia afirma-se na fala dessas líderes, como a terra sonhada em suas várias modulações, o que para Maffesoli é o mito da Terra Prometida que liga de forma inexorável os indivíduos ao território,

³² Michel Maffesoli. *Op.cit.* p.58

"É nesse reservatório que tem origem o prestigioso mito da 'terra sem mal', da terra prometida constante nas representações populares, conhecido na tradição judaico-cristã, esse mito é a imagem finamente desenhada de um cosmo ordenado, de um território notável sobretudo por suas qualidades."³³

³³Michel Maffesoli. *Op.cit.* p.56.

..O feminino cotidiano

O cotidiano dos moradores de Samambaia é também aqui observado nos depoimentos de cinco mulheres, através de suas história de vida, organizados em torno do eixo da representação de si mesma, do seu dia a dia, suas lutas, sua trajetória até Samambaia . Trabalharemos com alguns recortes que definem certas categorias, pois o material das entrevistas é muito rico para ser todo utilizado aqui; assim as representações de si, do casamento, da maternidade, da religião, da sexualidade serão priorizadas. Segundo Roger Chartier, as representações,

"À revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse."³⁴

³⁴Roger Chartier. *Op.cit.* p.19.

As entrevistas foram abertas, sem a utilização de questionário-padrão, seguindo apenas um roteiro de questões orientadoras do rumo da conversa. As entrevistadas foram cinco:

Vitória- 37 anos- nasceu na Bahia, completou o segundo grau. O pai era fazendeiro, morava numa casa de 12 cômodos com 15 pessoas. Veio para Brasília aos 13 anos de idade para estudar e morar com uma tia, trabalhou no comércio. Morou no Cruzeiro Novo, Taguatinga, Ceilândia (fundo de quintal) e Boca da Mata -Invasão. Atualmente, casada com 2 filhos, auxiliar de escritório, trabalha na Casa da Cultura em Samambaia. Mora em Samambaia em uma casa de alvenaria com 2 quartos, sala, cozinha e banheiro construída no lote que ganhou do governador Roriz.

Mirtes- 36 anos- nasceu no Espírito Santo, segundo grau incompleto. O pai era boiadeiro. Veio para Brasília com 3 anos de idade, a mãe faleceu um mês antes da mudança. Morou na Barragem do Paranoá, Acampamento da NOVACAP, Vila

Parafuso, Sobradinho, Ceilândia(fundo de quintal),trabalhou como babá, balconista auxiliar de escritório, auxiliar de enfermagem.Atualmente, agente de Conservação e Limpeza da FEDF, tem duas filhas, uma deficiente física e mental, não casou, mora em um barraco de madeirite com 2 quartos, sala e banheiro em Samambaia no lote dado pelo governador Roriz.

Melissa- 37 anos- nasceu na Bahia, primeiro grau incompleto.O pai era lavrador, morava na roça em casa de sopapo com 9 pessoas. Casou aos 16 anos de idade, teve três filhos ,trabalhou como lavadeira e costureira e o marido como pedreiro.Aos 28 anos veio para Brasília, em busca de tratamento de saúde para o marido e emprego. Morou na Ceilândia (fundo de quintal), trabalhou como diarista. Atualmente trabalha na FEDF como merendeira e mora em uma casa com dois quartos,sala,

cozinha e banheiro, em Samambaia no lote que ganhou do governador Roriz.

Juscélia- 25 anos- nasceu no Ceará, analfabeta, o pai era lavrador. Morava na roça em uma casa de taipa com 10 pessoas. Casou aos 14 anos de idade, morou em Fortaleza e Salvador. Veio para Brasília aos 16 anos, com o marido, em busca de emprego. Morou no Guará Ceilândia (fundo de quintal), trabalhou como doméstica. Atualmente é diarista, tem uma filha, mora em uma casa de dois quartos, sala, cozinha, e banheiro, no lote que ganhou do governador Roriz.

Joselita-33 anos- nasceu em Brasília, os pais foram pioneiros na construção de Brasília, o pai era funcionário da NOVACAP. Morou em barraco de madeira na Vila Planalto, Vila Matias, Luziânia, Ceilândia, Taguatinga (fundo de

quintal). Trabalhou como babá, ambulante (vendia roupa de mulher). Casou, teve três filhos. Atualmente mora em Samambaia, é funcionária da NOVACAP, separada, mora em uma casa com 2 quartos, sala, cozinha e banheiro, que pertence ao seu companheiro. O lote que ela ganhou do Roriz, deixou com seu ex-marido e os filhos.

Todas elas trabalharam desde muito jovens ajudando os pais, e continuaram a trabalhar mesmo depois de casadas, para criar os filhos: o trabalho é, portanto uma categoria constante em suas vidas. Não reclamam do trabalho, apenas do salário, isto é, não compartilham do imaginário patriarcal, em que "lugar de mulher é em casa".

As mudanças de emprego são determinadas pela oportunidade de ganhos, ou às vezes por motivo de estabilidade no trabalho, como no caso da Melissa e Mirtes, que se sentem seguras trabalhando na FEDF, apesar de reclamarem do baixo salário.

Apenas uma nasceu em Brasília, as demais vieram em busca de melhores condições de vida ou saúde e sua trajetória indica uma grande mobilidade em termos de moradia. Ou seja, a migração tinha como objetivo a perspectiva de um futuro melhor, Brasília atuando como promessa de promoção social.

Suas imagens de mulher e de si mesmas mostram-se extremamente positivas, afastando-se da tradicional dependência em relação ao homem e sobretudo desmistificam o casamento como sendo o destino precípua da mulher: consideram-se capazes de sobreviver sós. Não são apenas uma parte, "a costela" de um homem, mas vêem-se como pessoas com identidade própria, cuja atuação é imprescindível na sociedade e na família. Desta forma, não acham que a maternidade e o casamento sejam os caminhos únicos e definitivos para uma mulher, que pode se realizar de outras maneiras. Consideram, entretanto, como veremos adiante, a maternidade como a mais nobre e mais alta função social.

Não vêem diferenças essenciais entre homens e mulheres, consideram incontestável a igualdade de direitos, já que os deveres recaem com maior força sobre a mulher; acham que as mulheres hoje em dia conquistaram tanto espaço, que não têm necessidade de viver com um homem para se considerar alguém. De acordo com Vitória a mulher casada hoje em dia é inferior à solteira, pois fica sem liberdade. No que diz respeito à capacidade de trabalho, insistem em dizer que são capazes de fazer qualquer atividade e citam como exemplo a mudança para Samambaia, quando elas mesmo tiveram que limpar os lotes que ganharam, cheios de paus e pedras, além das tarefas domésticas, coisa que os homens não querem compartilhar.

Estas são considerações comuns a todas as entrevistadas, naturalmente com as nuances e matizes individuais, o que aponta para uma representação nova da relação entre os

gêneros, ao menos em termos de expectativa, já que a violência e o poder exercidos pelo homem e aceitos socialmente, limitam o espaço de transformação.

A mulher mesmo que sofra não é inferior ao homem, ela trabalha, batalha e pode viver só, o homem é muito mais dependente da mulher."(Juscélia)

"A mulher hoje em dia é muito independente, ela não precisa do homem para sobreviver. A mente do homem está mudando, e alguns já acham que mulher e homens são iguais."(Joselita)

"As mulheres são muito mais ativas, os homens não chegam nem aos pés das mulheres."(Vitória)

"As mulheres são mais atuantes, os homens de Samambaia vivem bebendo cachaça e jogando dominó, não existe profissionalismo da parte dos homens."(Mirtes)

"A mulher hoje é tudo numa casa, pois ela trabalha fora e dentro de casa e aguenta cada barra, eu quero ver algum homem aguentar o que a mulher aguenta, o homem é muito mole e muito acomodado."(Melissa)

As transformações de imagens de si e de gênero evidenciam-se nos fragmentos discursivos acima relacionados: mulher positiva, atuante, independente, forte na esfera do social, "mesmo que sofra" -mesmo que apanhe- não é inferior. Sustenta a casa e faz ainda o trabalho doméstico: vale por dois. A comparação com os homens é constante, representações que quebram a imagem masculina articulada no imaginário social das sociedades patriarcais, apresentando-os aqui como dependentes, ociosos, sem iniciativa, sem fibra. Percebe-se aqui, no espaço físico de uma nova cidade, onde tudo está por fazer, o espaço de uma revalorização da mulher, de seu trabalho, de sua atuação e principalmente de sua auto-estima.

O trabalho aparece como espaço da resistência e da igualdade, a construção de uma nova identidade: mulheres-trabalhadoras, mulheres-independentes. Não é apenas um instrumento para ganhar a vida, mas articulador desta identidade recém-conquistada de ser-no-mundo, dotado de responsabilidades e de direitos.

Segundo Elisabeth Lobo, nas representações de autonomia das mulheres é como se "cada mulher negasse o imaginário social que a oprime, opondo-lhe a realidade de uma igualdade essencial entre homens e mulheres".³⁵

³⁵Elisabeth Lobo. *Op.cit.* p.101.

*"Mãe, uma coisa que já é sofrimento"
(Juscélia).*

*"Mãe, a pessoa que ajuda nas horas mais
difíceis."(Joselita)*

*"Mãe, estrutura de uma família, alicerce,
é que dá tudo pra gente."(Mirtes)*

*"Mãe, tudo um pouco, é como ser Deus, é
complicado ser mãe, não é fácil"(Vitória)*

*"Mãe, é a coisa melhor do mundo, a mãe faz
tudo para os seus filhos."(Melissa)*

Quanto à maternidade confunde-se relação, função, estado, percepção, sentimento ; as lexias são reveladoras de uma representação globalizante, contraditória, mas valorizada positivamente: **ajuda, estrutura, alicerce, tudo, sofrimento, complicado, melhor do mundo, é como ser Deus.** Há como um sentimento de onipotência na representação da maternidade, que, se não aparece como obrigação, surge como um destino privilegiado. É interessante notar que algumas falas posicionam as entrevistadas enquanto filhas e não enquanto mães.

Todas elas são católicas, acham que a religião ajuda, mas não é fundamental na vida, vêem o padre como uma pessoa comum; há, assim, uma transformação evidente do princípio de autoridade social, onde o padre e o arcabouço religioso perdem de sua eficácia e poder; acreditam, entretanto, profundamente em Deus, imagem de um ser superior que orienta e determina o curso de suas existências. Neste sentido, mergulham plenamente no imaginário circundante, onde a frase mais ouvida é: " Se Deus quiser".

" Deus é um ser superior que protege as pessoas."(Vitória)

"Deus é tudo nessa vida, as pessoas da terra só anda pra trás, Deus é que ajuda."(Juscélia)

"Deus é tudo, sem Deus não consigo me encontrar, é uma força muito grande."(Mirtes)

"Deus pra mim é a coisa mais importante, só o fato de estar na minha casa eu devo em primeiro lugar a Deus e em segundo lugar a Roriz."(Melissa)

"Deus é um homem superior, que sempre está ajudando a gente".(Joselita)

Ajuda, orientação, encontro, Deus é uma representação de proximidade, de proteção, imagem porém, androcêntrica, homem superior.

Na polarização inferno/paraíso, o inferno, locus de castigo e infelicidade futuros é trazido ao presente e ao cotidiano, com suas dores, sofrimentos e dificuldades, materiais e espirituais/emotivas. O paraíso, com toda sua carga simbólica, é representado segundo o padrão do local:

*" Difícil imaginar o paraíso, cheguei a imaginar que fosse Samambaia, tenho esperança que um dia seja."
(Vitória)*

"Lugar agradável, onde não tenha miséria, onde a gente se sintam bem."(Joselita)

"Ver todo mundo bem, morando em uma casa boa, sem violência."(Juscélia)

"Quando a pessoa tá no bom, quando tem tudo na vida, não se preocupa com nada, tudo que o filho quer pode dar.(Melissa)

"Eu não acredito que existe paraíso, paraíso para mim é sonho, pode ser até que ainda exista."(Mirtes)

Essa representação de paraíso, está carregada da intensidade que jorra da própria tessitura do que constitui o cotidiano dessas mulheres: sem miséria, violência, preocupação. "Cheguei a imaginar que fosse Samambaia", esperança, sonho: Samambaia aparece ligada à imagem de paraíso e felicidade, mas uma imagem longínqua, ...um dia.

A imagem de paraíso aparece composta na concretude da vida material, do descanso, da tranquilidade, da casa boa, local de refúgio, de encontro, de bem estar. Bachelard, analisando a lembrança da casa da infância e da casa sonhada, estima que "[...] o devaneio em torno da casa adota tudo que o real lhe oferece, mas imediatamente adapta a pequena casa real a um sonho arcaico. É este sonho fundamental que chamamos de *casa onírica*." ³⁶O paraíso, com toda sua pregnância mítica, significa não só um mundo harmonioso, mas sobretudo está ligado a um lugar, a uma situação, a uma esperança de mudança em suas vidas, ou mesmo a uma utopia, quem sabe até realizável.

Na representação sobre si mesma, estão felizes com a condição de mulher, com a sua cor, sua aparência, mas além do físico, importa sua relação positiva e transformadora com sua condição de gênero, que aparece com a mesma força que no discurso das líderes comunitárias.

Gostariam de ter tido condições de estudar

³⁶Ver a respeito da imagem da casa, Gaston Bachelard. *La terre et les rêveries du repos*, Paris, Jose Corti, 1948, p.100

mais, pois consideram a educação essencial para o crescimento profissional e para a melhoria de salário. Têm em comum um certo nível de rendimento, que lhes restringe as opções de consumo e o alto custo de vida é para elas o maior problema atual, fonte de todos os males. Educação, profissão, salário, categorias estreitamente imbricadas em suas representações, o que desenha uma imagem de mulher muito diferente daquela ainda hoje presente no imaginário social, que atualiza Rousseau, para o qual instrução é fortememnte desaconselhada para as mulheres.³⁷

Quanto à sexualidade, as entrevistadas demonstram desinteresse:

"Não tenho vontade de transar, só quando tô com muita vontade, a mulher é muito frágil, ela precisa de muito carinho pra ter vontade de sexo." (Joselita)

"Sexo para mim não significa nada, eu sou um exemplo que a mulher pode viver sem isso." (Mirtes)

"Não gosto de transar, vivo cansada, sexo é uma coisa muito sem importância na minha vida, eu só transo porque sou casada, mesmo assim eu transo muito pouco, basta a batalha do dia-a-dia." (Juscélia)

³⁷Jean-Jacques Rousseau. *Émile ou de l'éducation*, Paris, Flammarion, 1966

"Eu não sei bem o que significa sexo, eu acho que é quando a gente gosta de alguém. Eu vivo muito cansada e não tenho muito tempo pra transar, por isso eu acho que não é tão importante." (Melissa)

As indicações são claras: não gosto, não tenho vontade - cansaço, falta de tempo, falta de importância. O dever conjugal, a obrigatoriedade, a falta de graça, enfim: a mulher precisa de muito carinho. Estas afirmações esboçam configurações das relações entre os gêneros: a sexualidade não teria relevância para a mulher, sendo negada explicitamente, a mulher pode viver sem isso.

De acordo com Branca Moreira Alves,

"O ocultamento, o silêncio sobre a sexualidade não é um vazio. É um silêncio que transmite um modelo de ser mulher. Dentro desse modelo o desconhecer é visto como algo natural, próprio à conduta considerada adequada à condição feminina".³⁸

A própria formulação de frases é reveladora: basta a batalha do dia-a-dia, não significa nada. Imagens de luta,

³⁸Branca Moreira Alves. *Espelho de Vênus- Identidade social e sexual de mulher*, São Paulo, Brasiliense, 1981, p.329.

de desafeto, de obrigação, de ausência de sentido atravessam estes discursos. Onde se alojam estes sentidos, no mundo do presente, cuja rede de significações é dominada pelo "dispositivo da sexualidade", tão bem desvelado por Foucault?³⁹ Não pretendemos respostas a esta questão, deixamos apenas aqui os elementos de reflexão.

Quanto às representações sociais, as desigualdades, as polarizações econômicas são relatadas de forma singular, onde mesclam-se considerações de ordem estritamente material-ter o que comer- a definições que atingem dimensões inesperadas: **pobre é pobre de espírito.**

"O rico é um burguês, rico é egoísta, ele podia formar mais empresas e dar mais empregos para as pessoas. Pobre pra mim, é só pobre de espírito, se você usar a imaginação, você nunca vai ser pobre." (Joselita)

"Rico pra mim é o arquimilionário, aquele que tem tudo e esquece dos miseráveis. O pobre é o pobre de espírito." (Mirtes)

"Pobre passa fome, quer comer e não tem de onde tirar. Rico tem muito dinheiro e ele sofre por isso, tem que se preocupar com todo dinheiro que tem." (Juscélia)

³⁹ver Michel Foucault. *Histoire de la sexualité- la volonté de savoir*, Paris, Gallimard, 1976 e *Microfísica do poder*, op.cit.

"Pobre são as pessoas que vivem debaixo da ponte que não tem o que comer. Rico são os empresários que tem tanto dinheiro que não sabe o que fazer, enquanto nós vive com um salário que não dá nem pra tomar um leite pela manhã."(Melissa)

Definições políticas ou morais para a riqueza, - **burguês, egoísta**- aparecem trabalhando representações fluídas, em que limites não são estabelecidos em nenhum dos casos. O maniqueísmo, entretanto, perpassa todas estas considerações: o rico é mau, esquece dos pobres, não cria empregos. Os matizes morais persistem na visão do sofrimento: se o pobre sofre fisicamente a dor da fome, o rico sofre pelo egoísmo. O usurário preocupado, sofredor, que traça o retrato do rico, reatualiza a imagem presente no imaginário social de um **Tio Patinhas**, ou do judeu perverso, "agente de satã", como indica Delumeau.⁴⁰ É interessante notar que apenas uma das entrevistadas se alinha ao lado dos pobres. A riqueza é definida por uma situação profissional e material- **empresário, tem dinheiro**; o pobre, pela fome. Entretanto, curiosamente, se **você usar a imaginação, nunca será pobre**, considera Joselita.

Em relação à cidade de Samambaia, as representações individuais não diferem das imagens a nós trazidas pelas lideranças comunitárias, associadas à: casa, terra, segurança, lugar ideal:

⁴⁰Jean Delumeau. *op.cit.* cap. 9

"Cidade pra mim é Samambaia, aqui eu me sinto bem, é minha casa, é a segurança dos meus filhos. Samambaia é o lugar ideal pra se viver apesar dos problemas eu adoro isso aqui." (Melissa)

"Samambaia pra mim é a cidade ideal, ela começou do nada e já tem muita coisa, eu adoro isso aqui, porque aqui eu sou gente, eu tenho meu endereço, minha referência eu me sinto segura porque eu tenho uma casa"(Joselita)

"Samambaia ainda não é uma cidade ideal, mas vai ser eu tenho certeza, eu gosto daqui, porque aqui eu tenho minha casa e tenho onde criar meus filhos."(Mirtes)

"Samambaia é ideal porque eu tenho minha casa e eu preciso de segurança para morar. Eu preciso cuidar da minha filha para que ela tenha um futuro melhor. (Juscélia)

"Samambaia não é ideal porque tem muita violência, mas se torna por ser o nosso lugar a nossa segurança e de nossos filhos, é muito bom ter uma propriedade, ter uma referência."(Vitória)

Segurança, identidade, referência, propriedade, casa , endereço, Samambaia torna-se o lugar ideal para se habitar,

dadas as representações com as quais é moldada. Mas, apesar da posse da casa representar um lugar seguro e uma identidade para essas pessoas, um outro nível de realidade revela um olhar diferente, uma imagem soturna da cidade, também apontada nos discursos das lideranças comunitárias. É o cotidiano penoso, que engendra a violência, o perigo, o medo, a morte, a desesperança, é a face sombria da Terra Prometida, caminho iniciático a ser percorrido palmo a palmo, dia a dia, para quem sabe, no futuro...

"Samambaia está crescendo e a violência aumentando, tenho muito medo de sair à noite , por causa dos estupros. Samambaia precisa de muito policiamento, meu desejo é ver essa cidade com as ruas asfaltadas, esgotos, bem iluminada, e que as crianças, nossos filhos tenham um futuro melhor com menos violência. Samambaia precisa de lazer, pois é importante para desopilar, a falta de lazer gera até mais violência "(Joselita)

"Eu não tenho vontade de criar meus filhos em Samambaia, pois a violência é muito grande, aqui não tem nenhum tipo de lazer, as escolas não têm segurança, a casa da gente pode ser roubada a qualquer hora do dia é só deixar sozinha. Eu não pensei que Samambaia fosse crescer tanto e aparecer tantos problemas, eu não concordo com essa política assistencialista do governo, Roriz é um bom administrador e cumpriu com sua palavra, mas eu espero que não continue fazendo invasão, era melhor que tivesse emprego pra todo mundo e desse condições de comprar sua

casa ter suas coisas. Quanto mais o governo dá mais marginal vai aparecer. E tem mais, quando Roriz sair, vai todo mundo ficar órfão de pai e mãe porque outro governo não vai fazer o que Roriz está fazendo."(Vitória)

"Samambaia, precisa de mais transporte, esgoto e principalmente de mais segurança, o governo precisa olhar pra Samambaia e colocar muito policial, pois o muito que ele colocar ainda é pouco, tem que dar condições de sobrevivência para o trabalhador daqui, principalmente nas escolas onde as crianças estão sofrendo demais com a falta de segurança. Roriz é um ótimo governo e o meu desejo é que ele continue dando lote para os pobres que não tem condições de comprar uma casa, pois o trabalhador honesto tem que morar no que é seu, apesar de Roriz ser rico ele é de carne e osso igual a nós, por isso tem que dar lote porque não somos cachorro."(Melissa)

"Eu tenho medo de sair aqui à noite por causa da violência que é muito grande,tenho medo de mandar meus filhos para o colégio porque não tem segurança, a policia é pouca e sua atuação deixa a desejar.Samambaia precisa de esgoto e de lazer, aqui a gente não tem onde se divertir, também não pode deixar a casa só, porque logo é roubada,eu sou contra esse tipo de assentamento, apesar de ter minha casa, pois Brasília

não foi planejada para ter uma população tão grande, por isso que não tem emprego pra muita gente."(Mirtes)

"Samambaia no início era calma, agora está ficando violenta, eu tenho medo de alguém fazer alguma maldade com minha filha, se eu morasse de aluguel eu não queria morar aqui, a gente não pode deixar a casa só, não tem segurança, não tem um lugar pra se divertir, eu só gosto daqui porque é minha casa, as escolas não prestam, a poeira é imensa, o transporte péssimo e caro. O Roriz é um bom governo, mas Samambaia precisa de muito segurança, desse jeito a gente não consegue nem morar aqui."(Juscélia)

Roubo, insegurança, estupro, violência, a polícia é insuficiente ou ineficiente; o discurso reproduz as contradições sociais, as queixas permeiam a imagem de sonho, de lugar ideal. As alternativas lúdicas são inexistentes, Samambaia é finalmente uma cidade-dormitório. Apesar de todos os problemas do cotidiano, da infra-estrutura precária, a imagem de Roriz permanece intacta, atualizando constantemente a figura do herói.

Os depoimentos convergem para uma Samambaia, locus de felicidade, e Roriz, o herói-protetor, o bom governante-pai e mãe- imagens que nestes fragmentos discursivos retomam a aura mítica que envolveu a construção de Brasília. Entretanto, esquecidas e sua própria condição de migrantes, as

entrevistadas aderem ao discurso político, apontando o excesso populacional e uma política de assentamento inadequada como fatores decisivos na falta de emprego e no aumento da violência.

Samambaia reproduz, de certa forma, imagens do Velho Oeste, com suas nuvens de poeira e uma violência mal contida; entretanto, as representações que a envolvem atuam no sentido de transformação desta realidade. As mulheres de Samambaia lutam, talvez, contra "moinhos de vento"; entretanto esculpem- novas artistas- um perfil especial para esta cidade, na medida em que reivindicam, constroem, atuam, congregam, denunciam, conquistam, abrem caminhos e espaços para a própria mulher enquanto gênero e enquanto elemento participante/ transformador da sociedade. Seria um novo imaginário em ação, promessa de novas cores, de novos horizontes?

Sugerimos, com Maffesoli, que

"As representações encarnadas no cotidiano e em sua proximidade serão todas constituídas de um 'interesse do aqui e agora' que faz da existência, em sua palidez e excessos, uma obra poética, uma criação minúscula que, embora escape aos critérios patenteados da arte, permanece plena de sabor imediato".⁴¹

⁴¹Michael Maffesoli. *op.cit.* p.55

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pudemos perceber que os discursos, em sua singularidade, constituem objetos e práticas, inseridos em uma ordem discursiva cujas matrizes e instâncias de apelo traduzem as condições de possibilidade de um momento histórico-social.

A ressonância mítica, ecoando em diferentes diapasões, cristaliza-se no discurso social e trabalha os impulsos, as emoções, as paixões, as esperanças em torno de imagens que povoam o imaginário social- Paraíso, Idade de Ouro, Eldorado- num deslizamento de sentido cujo horizonte de significação aproxima-nos das palavras- chave daquele momento : **Progresso e Desenvolvimento**. A rede de sentidos que constitui o objeto discursivo **Brasília** reativa as imagens míticas da terra prometida, novo Canaã a ser re-encontrado, galvanizando energias, desenvolvendo forças para a criação de uma obra coletiva, grande mutirão nacional que congrega e atrai milhares de pessoas ávidas de promesas, sedentas de esperança. Os discursos traduzem assim, na emergência do mito, sua função desempenhativista, performativa, definindo sentidos hegemônicos, trabalhando pressupostos como afirmações verdadeiras, consensuais. Em torno de lexias tais como : esperança, futuro, sonho coletivo, povo capaz, renovação, ideal místico, união, criação, promessa agrupam-se elementos constitutivos de um apelo

mítico, renovação de anseios coletivos em busca de um locus de felicidade perdido no tempo, mas presente na imaginação social .

Os discursos sobre Brasília integram assim um domínio de memória, que como estima Foucault, não define campos de verdade e/ou validade dos enunciados, mas em relação aos quais existem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade, descontinuidade. Neste sentido, a Análise do Discurso, com seus pressupostos teórico-metodológicos revelou - se um instrumental imprescindível, na apreensão, da multiplicidade histórica dos discursos, imbricados às práticas não discursivas, suas condições de emergência/permanência e formas de institucionalização. Desta forma, pensando-se os discursos e as imagens por eles veiculados como práticas, intervenientes na construção do social, sua análise contribui ao desvelamento e à maior inteligibilidade do momento histórico.

Partindo-se, com Roger Chartier, de uma noção de história que contempla a construção de sentidos, as práticas que dão significado ao mundo através da interpretação ativa dos interlocutores, compreende-se a importância da análise do discurso.

Nesta perspectiva, a fala popular e o discurso da imprensa contribuem à tessitura da rede de sentidos própria ao momento singular em questão: a construção de Brasília. Com seus aspectos contraditórios e conflitantes, os discursos constroem e reproduzem realidade; assim, na fala popular observamos um discurso cuja característica principal é a adesão à emergência mítica em torno da cidade, construindo e modelando uma outra face do mito: a

imagem do herói condutor/salvador dos povos, cujo perfil aparece sob os traços de JK. Assim, se o imaginário é, como indica Michelet, o locus de expressão das expectativas e anseios populares, a interpelação mítica, longe de constituir uma mistificação, é constitutiva do real, uma vez que, de acordo com Bazcko, agente e atos são indissociáveis de suas representações.

Deste modo, se o discurso da imprensa constituiu-se a partir da matriz discursiva, cujo eixo é a denúncia de gastos astronômicos, de corrupção, de condições de vida que desmentem todas as promessas, a fala popular mantém intacto seu discurso quanto a Brasília e ao presidente Juscelino Kubitschek, apesar da precariedade da vida cotidiana. Esta disposição, assim, demonstra a pregnância do imaginário mítico, cuja ação não se dá em termos de mistificação /ocultação da realidade, mas no sentido de um vislumbre, de uma representação que para o candango é a própria realidade.

A fusão das imagens do herói-presidente e do herói-povo, capazes, juntos, de todos os sacrifícios para a realização de um ideal interpela diretamente o imaginário social, criando um clima de entusiasmo e de emoção que coloria um cotidiano difícil, e, nesta ótica, retomamos Maffesoli, para quem os trabalhos penosos ou repetitivos, as trivialidades que compõem a vida cotidiana só são suportados na medida em que exista uma força mágica ou poética que os habite. Assim, a identificação ao ídolo, ao chefe alimenta os sonhos e as fantasias, emprestando ao cotidiano uma dimensão de fascínio que alimenta o imaginário social.

Desta maneira, nos discursos que constroem o objeto discursivo Brasília, verifica-se, além das figurações mítico-heróicas, uma luta de imagens, destilada por discursos antagônicos dos quais este trabalho contém exemplos, na busca de determinação de um sentido hegemônico no campo de significações, na tentativa de estabelecer um regime de verdade, em que asserções com valor de verdade asseguram um certo exercício de poder, em torno da construção de Brasília.

Quanto a Samambaia, nossa primeira impressão ao abordar o nascimento desta nova cidade era de que teria havido uma retomada do apelo mítico em torno de sua construção, dentro de uma perspectiva foucaultiana de que os enunciados podem se repetir, mas ressemantizados em novas condições de possibilidade. Encobertos por uma interpelação mítica porém, as matrizes discursivas desenham, orientam-se pela questão da moradia, da instalação definitiva de grande número de migrantes vivendo em favelas e invasões. Se por um lado, o discurso político procura a preservação de Brasília mítica, cidade-monumento, patrimônio da humanidade, por outro acentua a necessidade do esforço individual, da construção de uma cidade em função de necessidades imediatas, longe do apelo ao mutirão cívico que atraiu multidões.

Assim, os enunciados míticos reatualizados são, nestas condições de possibilidade, periféricos e circundam apenas a matriz do discurso: a questão habitacional. Por outro lado, uma outra face do mito é atualizada em Samambaia, com o crescimento da

figura do herói cristalizada em torno de um sujeito -suporte institucional, Joaquim Roriz.

O texto fotográfico mostrou-nos suas possibilidades enquanto fonte de análise do social, na construção de Brasília, apontando indícios que enriquecem a inteligibilidade das condições de produção de um momento discursivo; em relação a Samambaia, as fotos apontam igualmente para as matrizes discursivas localizadas no discurso político e da imprensa, indicando, entretanto, um ítem de importância neste momento de nosso trabalho: a presença e a atuação das mulheres em Samambaia.

Nas representações e estratégias desenvolvidas pelas mulheres em Samambaia procuramos observar os traços do imaginário social que dirigem e modelam seu cotidiano, através de estratégias específicas, em entrevistas com líderes comunitárias, além de trabalhar algumas categorias que povoam a vida de cinco mulheres, imagem de si e do outro, expectativas e vivência do presente. Embora não faça uma reflexão aprofundada sobre a questão da mulher, considero fundamental entendê-la como sujeito de ação em suas lutas e reivindicações cotidianas, onde cenas e fatos, falas, fantasias e emoções adquirem vida. Dar voz aos silenciados é também dar-lhes existência histórica.

No cenário de uma cidade que se constrói vemos a mulher construindo sua identidade enquanto sujeito político e ser-no-mundo. É talvez, o começo de uma caminhada.

BIBLIOGRAFIA**Livros e teses**

- ALVES, Branca Moreira. **Espelho de Vênus: Identidade social e sexual de mulher**, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- AMMAMM, Safira Bezerra. **Movimento popular de bairro. De frente para o Estado em busca do Parlamento**, São Paulo, Cortez, 1991.
- ARENDT, Hanna. **A condição humana**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1991.
- . **Crise da República**, São Paulo, Perspectiva, 1973.
- AUSTIN, J. L. **Quand dire, c'est faire**, Paris, Seuil, 1970.
- BARTHES, Roland. **Mitologia**, São Paulo, Difel, 1987.
- . **Análise estrutural da narrativa**, Petrópolis, Vozes, 1973.
- . **Elementos de semiologia**, Buenos Aires, Tiempo Contemporâneo, 1972.
- . **L'obvie et l'obtus, essais III**, Paris, Seuil, 1982.
- BACZKO, Bronislaw. **'Imaginário Social'**, Enciclopédia Einaudi, v.5. Lisboa, Imprensa nacional/Casa da Moeda.
- BELTRÃO, Luis. **comunicação popular e região no Brasil**, in: **Comunicação/Incomunicação**, São Paulo, Loyola, 1976.
- BENEVIDES, Maria Vitória. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas. magia e técnica, arte e política**, São Paulo, Brasiliense, 1987.

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, São Paulo, T.A. Queiroz, 1983.
- BRESCIANI, Maria Stella.(org) **A mulher no espaço público**, São Paulo, Marcos Zero, ANPHU, 1987.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A. (Org) **Vivência:história, sexualidade e imagens femininas**, São paulo, Brasiliense, 1980.
- CAMARGO, Aspásia. **Centro de pesquisa e documentação de História Contemporânea**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1981.
- CARDOSO, Míriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento (Brasil: JK-JQ)**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- CARROZO, Maria Luisa. **Brasília: A utopia frustrada**, Tese de Mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1984.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**, Rio de Janeiro, paz e Terra, 1982.
- .A criação histórica**, porto Alegre, Artes e oficina Editora, 1992.
- CAVALCANTE,Natalino. **Piotários e pioneiros**, Brasília, itiquira, 1984.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**, Rio de Janeiro, Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas**,São Paulo, Moderna, 1982.
- . Ideologia e participação popular**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- COELHO, Marcelo. **Brasília e a ideologia do desenvolvimento**, Tese de mestrado, São Paulo, USP, 1988.
- COSTA, Albertina de Oliveira e Bruschini. **Uma questão de gênero**, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.
- COSTA, Lúcio. **Relatório de Lúcio Costa sobre o Plano Piloto**, Rio de Janeiro, IBAM, 1965.
- . Brasília cidade que eu inventei**, Brasília, GDF, 1991.
- DECCA, Maria A. **A Vida fora das fábricas: cotidiano operário em São paulo (1920/1934)**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**,Rio de Janeiro,Brasiliense,1985.

- DIAS, Maria Odila Leite. **Cotidiano e poder em São Paulo no Século XIX**, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DURAND, Eunice. **A caminho da cidade**, São Paulo, Perspectiva, 1984.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**, São paulo, Editora Cultrix, 1988.
- . **Mito, símbolo e mitologia**, Lisboa, Editorial Presença, 1982.
- . **Exploração do imaginário**, in PERRIN R.PITA, **O imaginário e a simbologia de passagem**, Recife, Massangana, 1989.
- EAGELTON, Terry. **Teoria da Literatura- uma introdução**, São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- ELIADE, Mircea. **Imagens y símbolos**, Madrid, Ed. Tauros, 1956.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**, Lisboa, Ed. Presença, 1977.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**, São Paulo, Paz e Terra, 1992.
- FIORINI, José Luis. **Elementos da análise do discurso**, São Paulo, Contexto, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- . **História da sexualidade: a vontade de saber**, Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- . **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- . **L'ordre du discours**, Paris, Gallimard, 1970.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- . **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**, São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

- GOUVEA, Luiz Alberto. **Brasília: A capital da segregação e do controle social**, Tese de Mestrado, Brasília, UNB, 1988.
- GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas : um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**, São Paulo, Paz e Terra, 1992.
- GUSDORF, Georges. **Mito e metafísica**, São Paulo, Convívio, 1979.
- HALLIDAY, Tereza Lúcia (Org). **Atos retóricos:mensagens estratégias de políticos e igrejas**, São Paulo, Summus, 1988.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano da história**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- HUBERT, Elie G. **Jung**, São Paulo, Summus, 1985.
- COLLIER, J. **Women in politics**, Stanford, Stanford University, 1979.
- JOFFILY, Geraldo Irenêo. **Brasília e sua ideologia**, Brasília, Thesaurus, 1977.
- KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília**, Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1975.
- . **A Marcha do amanhecer**, São Paulo, BestSeller, 1962.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**, São Paulo, Cortez, 1987.
- LE GOFF, Jacques. **A História nova**, São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- .(Org). **A Nova história**, Lisboa, Edições 70, 1989.
- . **História e memória**, São Paulo, Unicamp, 1990.
- . **História nova história**, Lisboa, Teorema, 1980.
- Le GOFF e Nora, Pierre. **História:novos objetos**, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**, Campinas, Papiros, 1986.
- LOBO, Elisabeth Souza. **A Classe operária tem dois sexos**, São

Paulo, Brasiliense, 1991.

LUZ, Clemente. **Invenção da cidade**, Rio de Janeiro, Record, 1982.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault**, Rio de Janeiro, Graal, 1981.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**, São Paulo, Pontes, 1989.

----- . **Initiation aux méthodes de l' analyse du discours**, Paris, Hachette, 1976.

----- . **Pragmatique pour le discours littéraire**, Paris, Bordas, 1990.

MAFFESOLI, Michael. **A Conquista do presente**, Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1984.

MELLO, Maria T. Negrão. **O espetáculo dos moradores do símbolo**, (a mobilização por " diretas já" da perspectiva de Brasília/1984), Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1987.

MENDES, Manuel. **Meu testemunho de Brasília**, Brasília, Horizonte Editora, 1978.

MIRANDA, Antônio. **Brasília, capital da utopia**, Brasília, Thesaurus, 1985.

MOSCOVICI, S. et. all. **Psicologia Social**, Barcelona, Ediciones Pardos, 1985.

NIEMEYER, Oscar. **Minha experiência em Brasília**, Rio de Janeiro, Editorial Vitoria, 1961.

OLIVEIRA, Marília Peluso. **Mercado imobiliário urbano na periferia do Df:O caso da Cidade ocidental**, Tese de Mestrado, Brasília, UNB, 1983.

OLIVEN, Rubem Georges. **Urbanização e mudança social no Brasil**, Petrópolis, Vozes, 1984.

ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu funcionamento (as formas de discurso)**, São Paulo, Brasiliense, 1983.

----- . **Discurso e leitura**, São Paulo, Cortez, 1988.

----- **Terra à Vista:discurso do confronto:velho e novo mundo**, São Paulo, Cortez, 1990.

- .Palavra, fé e poder**, São Paulo, Pontes, 1987.
- (Org). **Sobre a estruturação do discurso**, São Paulo, Unicamp, 1985.
- OSAKABE, Haqira. **Argumentação e discurso político**, São Paulo, Kairos, 1979.
- PAVIANI, Aldo. **Brasília, a metrópole em crise:ensaio sobre urbanização**,Brasília, EDUNB,1989.
- . Urbanização e metropolização: a gestão dos conflitos em Brasília**, Brasília, EDUNB, 1987.
- .Mobilidade intra-urbana e organização espacial: O caso de Brasília**, Brasília, EDUNB, 1984.
- (Org). **Brasília,ideologia e realidade:espaço urbano em questão**, São paulo, Projeto, 1985.
- .(Org) **A Conquista da cidade**, Brasília, EDUNB, 1991.
- PASTORES José. **Brasília a cidade e o homem**, São Paulo, Editora Nacional, 1960.
- PECAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**,São Paulo, Ática, 1990.
- PECHÊUX Michel. **O discurso: estruturação ou acontecimento**, São Paulo,Pontes, 1990.
- . Analyse Automatique du Discours**, Paris, Dunod, 1969.
- . Semântica e discurso**, São Paulo, Pontes, 1987.
- PEDROSA, Mário. **Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília**, São Paulo, perspectiva, 1981.
- PERLMAN, J. **Os Mitos da marginalidade: favelas e políticos no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- PERROT, Michèle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- PINTO, Regina Céli Jardim. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney**, São Paulo, Hucitec, 1989.
- PIZZEY,Erin.**Crie moins fort, les voisins vont t'entendre**,Paris, Des

Femmes, 1974.

QUEIROZ, Maria Isaura. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**, São Paulo, Ed. LTC/USP, 1978.

-----**.O campesinato brasileiro- estudos brasileiros**, São Paulo, Vozes, 1973.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança- Brasília; estudo sobre uma grande obra da construção civil**, tese de Mestrado, Brasília, UNB, 1980.

RICOEUR, Paul et ali. **Grécia e mito**, Lisboa, Gradiva, 1988.

ROBIN, Régine. **História e linguística**, São Paulo, Cultrix, 1973.

ROWBOTHAN, Sheila. **Além dos fragmentos**, São Paulo, Brasiliense, 1981.

RODRIGUES, Georgete Medley. **Ideologia, propaganda e imaginário social, na construção de Brasília**, Tese de Mestrado, Brasília, UNB, 1990.

ROSA, j. Guimarães. **Grande Sertão: veredas**, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio, 1969.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiência dos trabalhadores da grande São Paulo, (1970-80)**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

SAFFIOTI, Heleith. **Mulher brasileira: opressão e exploração**, Rio de Janeiro, Edições Achiamé, 1984.

SEABRA, Zelita e Muszkat Malvina. **Identidade feminina**, Petrópolis, Vozes, 1985.

SILVA, Eduardo. **As queixas do povo**, Rio de Janeiro, paz e Terra, 1988.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**, Brasília, Senado Federal, 1985.

SILVA, José Marques. **Diário de um candango**, Rio de Janeiro, Edições cruzeiro, s\d.

SILVA, Maria Escolástica. **Mulher, substantivo masculino**, Campinas, Unicamp, 1988.

SIMSON, Olga de Moraes. (Org) **Experimentos com história de vida**, São Paulo, Vértice Editora, 1988.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**, Brasília, EdUnb, 1990.

- SODRÉ, Nelson Verneck. **Oscar Niemeyer**, Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- SOUZA Jr. José geraldo. **O Direito achado na rua: O direito de morar**, Brasília, EDUNB, 1987.
- SOUZA, Nair Bicalho. **Os construtores de Brasília: estudo de operários e sua participação política**, Petrópolis, Vozes, 1983.
- LÉVI- Strauss, Claude. **Antropologia estrutural**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- SWAIN, Tânia Navarro. **Des grands espaces vides au capitalisme. Le cas du Paraná, 1940/70**, Paris, Thèse de doutorado, Paris III, 1979.
- TEIXEIRA, Hermes Aquino. **Brasília o outro lado da utopia**, Tese de Mestrado, Brasília, UNB, 1982.
- THOMPSON, Paul. **A voz do Passado- História Oral**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- TIMM, Paulo. **Brasília o direito à esperança**, Brasília, Kuarup, 1990.
- TODOROV, Tzvetan. **Symbolisme et Interpretation**, Paris, Seuil, 1978.
- TOLEDO, Caio Navarro. **ISEB: fábrica de ideologias**, São Paulo, Ática, 1982.
- TREIN, Eunice. **Educação Popular e cidadania**, Rio de Janeiro, **Revista Tempo Brasileiro v.I. 1962.**
- TRONCA, Ítalo A. (Org) **Foucault vivo**, São Paulo, Pontes, 1987.
- VARELA, Sebastião. **O candango na fundação de Brasília**, Brasília, 1981, (literatura de cordel).
- VASCONCELOS, Adirson. **A Mudança da capital**, Brasília, Senado Federal, 1978.
- VERON, Eliseo. **A Produção do sentido**, São Paulo, Cultrix, 1980.
- VESENTINI, José Wiliam. **A capital da geopolítica**, São Paulo, Ática, 1987.
- VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**, São Paulo, Brasiliense, 1987.

VEYNE Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?*, São Paulo, Brasiliense, 1984.

WEBER, MAX. *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro, Zahaar Editores, 1974.

FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

Local: Arquivo Público do Distrito Federal.

ARQUIVO PÚBLICO DO Distrito Federal, Projeto memória candanga. Brasília-Df.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. *Memória de Brasília*, Brasília, 1989.

CODELPAN. *Diagnóstico do setor habitacional do Distrito Federal*, CODEPLAN, 1981.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL, *Discursos JK (1956 a 1960)*, Rio de Janeiro,

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. *Carta de Brasília*. Brasília: , 1986. *Resumo das condições do Simpósio Brasília: Concepção, realidade, destino*, realizado de 20 à 24 de Outubro de 1986.

IBGE, Comissão Censitária Nacional. *Censo Experimental de Brasília: população, habitação*. Rio de Janeiro, 1959.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Serviço de Documentação, *Coleção Brasília*, Rio de Janeiro, 1960. 3. v.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Diário de Brasília*. Rio de Janeiro, 1960. 10. v.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, *Coleção Brasília*, "Brasília, História de uma idéia". Rio de Janeiro, 1960

PLANO DO GOVERNO .1991/1994 , *Roriz e o povo no governo*.

RELATÓRIO. Albuquerque, Lucídio Guimarães. *Avaliação do déficit habitacional; Distrito Federal*, Brasília: GDF/SSS/SHIS, 1983.

PLANO de Governo -1991-1994- *Roriz o povo no governo*.

RELATÓRIO do Governo Joaquim Roriz, Janeiro de 1990, Brasília,
Governo do Distrito Federal, 1990.

SECRETARIA DE GOVERNO, Df. **Informativo Regional- Sinópse histórico
das Cidades-Satélite do Distrito Federal, Brasília, 1973.**

DEPOIMENTOS ORAIS

Entrevistas com os moradores de Samambaia.

JORNAIS

CORREIO BRAZILIENSE, Brasília.
JORNAL DE BRASÍLIA, Brasília
O GLOBO, Rio de Janeiro.
LUTA DEMOCRÁTICA, Rio de Janeiro.
ULTIMA HORA, Rio de Janeiro
TRIBUNA DA IMPRENSA, Rio de Janeiro.
A NOTICIA, Rio de Janeiro.
DIARIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro.
IMPRENSA POPULAR, Rio de Janeiro.